

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SHARON JEANINE ABDALLA

LEAD E PIRÂMIDE INVERTIDA: A INFLUÊNCIA DO MODELO
AMERICANO SOBRE O JORNALISMO PARANAENSE

CURITIBA

2010
SHARON JEANINE ABDALLA

LEAD E PIRÂMIDE INVERTIDA: A INFLUÊNCIA DO MODELO
AMERICANO SOBRE O JORNALISMO PARANAENSE

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo IV como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.º Dr.º Mário Messagi Júnior

CURITIBA

2010

Aos meus pais, Jeanine e David, com todo amor.

AGRADECIMENTOS

A Nossa Senhora Aparecida, pelas bênçãos e proteção que me ajudaram a chegar até aqui.

Aos meus pais, pelo apoio e amor incondicionais.

Ao meu namorado, Carlos Eduardo, por compreender minhas ausências, pelo aconchego nos momentos de dúvida e por dividir comigo este momento, desde quando ele ainda era apenas um sonho.

Aos meus avós e familiares, por sonharem comigo e me incentivarem sempre.

Ao meu orientador e amigo, Mário Messagi Júnior, por acreditar no meu trabalho, compreender meus momentos de medo e fraqueza, pelos cafés e risadas, por ser, desde o início desta jornada, um profissional no qual eu me espelho.

A professora e amiga Kelly Prudencio, por todos os ensinamentos que nos transmitiu e por representar o norte que nós sempre seguimos.

Aos meus queridos amigos, Magda, Nayara, Luciane, Rodrigo e Cícero, por tudo, desde sempre.

A Divisão Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, em especial ao Sr. Canísio e aos estagiários Tairon, Alexandre e Larissa, sempre dispostos a atender minhas solicitações, sem as quais não seria possível a concretização deste trabalho.

RESUMO

O texto jornalístico representa muito mais do que a transmissão de um acontecimento para aqueles que, de outra forma, não teriam acesso à determinada informação. As características próprias que envolvem seu processo de produção definem o que vem a ser o jornalismo, diferenciando-o de outras práticas discursivas, além de identificar, naqueles que dominam sua linguagem, os profissionais da imprensa. Entretanto, o texto noticioso, como o conhecemos hoje, não é intrínseco à produção jornalística, mas sim resultado de um processo evolutivo que se iniciou nos Estados Unidos e atingiu a produção jornalística brasileira através da assimilação de sua influência pelos jornais cariocas. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é acompanhar, através da análise das edições dos jornais **O Estado do Paraná** e **Diário do Paraná**, baseada nos elementos que caracterizam o modelo de produção jornalística difundido por aquele país – como a utilização do *lead* na construção do texto noticioso – como se deu a introdução desse modelo na imprensa paranaense. A partir disso, constatou-se que a imprensa do estado não demorou a assimilar esse novo modelo de produção jornalística, que ainda caracteriza o jornalismo contemporâneo.

Palavras-chave: história da imprensa. Modelo americano de jornalismo. **Diário do Paraná. O Estado do Paraná.**

ABSTRACT

The newspaper text is much more than the transmission of an event for those who would, otherwise, not have access to certain information. The characteristics that involve its production process define what journalism is, distinguishing it from other discursive practices, and identify those who have mastered their language: the media professionals. However, the text of news as we know it today is the result of an evolutionary process that began in the United States and reached Brazilian journalistic production by Rio de Janeiro newspapers. Thus, the objective of this study is to analyze the editions of O Estado do Paraná and Diário do Paraná newspapers, based on the elements that characterize the model of journalistic production brought by that country - such as the use of the lead in the construction of news and how this model was introduced in Paraná's press. It was possible to discover that the State press was not slow to assimilate this new model of news production, which still characterizes contemporary journalism.

Key words: press history. American model of journalism. **Diário do Paraná. O Estado do Paraná.**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 A PADRONIZAÇÃO DO FAZER JORNALÍSTICO	10
2.1 O modelo americano	15
2.2 A modernização da imprensa brasileira	19
2.2.1 Os pioneiros da modernização	22
3 IMPRENSA E SOCIEDADE PARANAENSE	27
4 METODOLOGIA	38
4.1 Análise textual	42
4.2 Análise gráfica	44
5 O COMPORTAMENTO DOS JORNAIS FRENTE À INFLUÊNCIA DO MODELO AMERICANO	48
5.1 O período de transição	60
5.1.2 O início de um novo momento	67
5.2 O pós-reforma	71
6 CONCLUSÃO	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
ANEXOS	86

1. INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação, principalmente os jornais impressos, constituem-se importantes fontes de pesquisa para aqueles que, através de sua leitura, buscam informações a respeito de algum tema ou acontecimento, assim como compreender determinados contextos históricos e sociais.

Entretanto, apesar de servir de base para o desenvolvimento de diversas pesquisas, são poucos os trabalhos que se dedicam ao estudo dos jornais em si, das características que o definem como tal, dos seus processos evolutivos, que fizeram com que a produção jornalística se configurasse da forma como a conhecemos hoje.

Uma das características que podemos atribuir à imprensa contemporânea refere-se à homogeneização dos conteúdos noticiados e à forma como esses são transmitidos ao público em geral. Segundo Traquina (2005), isso se dá porque os profissionais de imprensa compartilham as mesmas referências no que diz respeito à cultura profissional e, principalmente, à forma de selecionar e produzir as notícias, que prioriza, como podemos constatar, a isenção e a objetividade do relato jornalístico.

Porém, essas referências tidas como padrão da produção noticiosa não são intrínsecas ao jornalismo. Durante o século XVIII e início do XIX, por exemplo, os jornais possuíam um caráter doutrinário, como define Emery (1965), que os levava a defender suas ideologias e apresentar suas posições políticas aos leitores. Por isso, os textos aqui produzidos eram mais rebuscados, confundindo-se, muitas vezes, com os literários.

Ainda no século XIX, entretanto, esse modelo, influenciado pelas modificações dos aspectos sociais, entre eles a crescente industrialização, em curso nos Estados Unidos, passou por transformações que levaram ao seu abandono e a busca por uma imprensa mais objetiva e neutra.

No Brasil, desde o seu nascimento, a mesma época da chegada da corte portuguesa, em 1808, até meados do século XX, a produção jornalística seguia o padrão de produção mencionado anteriormente, “cuja técnica de escrita era bastante próxima da literária”, sendo que os “gêneros mais valorizados eram aqueles mais livres e opinativos, como a crônica, o artigo polêmico e o de fundo” (RIBEIRO, 2007,

p.29) – não podemos deixar de destacar aqui que o caráter informativo da imprensa está presente no relato jornalístico desde sua chegada ao país, mas que nesse momento, este ainda dividia espaço com aquele com características menos objetivas.

As mudanças políticas e econômicas ocorridas no país durante os anos 1950, assim como a influência que o padrão de vida americano passou a exercer sobre nossa sociedade, criaram as condições que culminaram no processo de reforma da imprensa brasileira, que passou a adotar o modelo de produção noticiosa originado nos Estados Unidos, priorizando a objetividade, e fez com que esta entrasse em uma nova fase, caracterizada como a do “jornalismo empresarial” (LATTMAN-WELTMAN, *In* ABREU, 1996, p.158).

Os jornais cariocas foram os que deram início a esse movimento de reforma, consolidado, segundo Ribeiro (2007), com o nascimento do jornal **Última Hora** e com as transformações implementadas pelo **Jornal Brasil**.

Como acontece com a maioria dos movimentos de vanguarda, após terem sido assimilados pelos periódicos daquela metrópole, esse novo modelo de produção noticiosa foi, aos poucos, sendo incorporado pelos jornais de diversos estados brasileiros, inclusive pela imprensa paranaense, tornando-se este o objetivo de nossos estudos.

Desta forma, interessa-nos aqui traçar um panorama da imprensa paranaense durante e no momento posterior ao do início da chamada fase de transição da imprensa, para identificar quais foram as influências que levaram a esse movimento e acompanhar a maneira como se deu esse processo de reforma nos nossos periódicos.

Isso será feito a partir da localização, nos textos noticiosos desse período, dos elementos que caracterizavam esse novo momento da produção jornalística, como a utilização do *lead* na abertura do texto jornalístico, a construção do restante do texto a partir da relevância dos complementos que o compõem, assim como a introdução das mudanças gráficas que resultaram numa melhor apresentação visual dos jornais.

Para tanto, nossa pesquisa baseou-se na análise das edições dos jornais **O Estado do Paraná** e **Diário do Paraná**, apontados pelos profissionais da imprensa como as principais referências desse período, desde o início de suas circulações,

nos anos de 1951 e 1955, respectivamente, até o momento em que o **Diário** deixa de circular, no início de 1983.

Além disso, foram realizadas entrevistas com jornalistas que atuaram nesses periódicos ou que acompanharam, mesmo à margem, suas transformações, de forma a preencher possíveis lacunas deixadas pelas edições impressas.

Para sistematizar a apresentação dos elementos que compõem nosso estudo, o trabalho foi dividido em cinco etapas, sendo que a primeira corresponde à exposição referente à homogeneização do fazer jornalístico, ao nascimento do modelo americano de jornalismo e à sua assimilação pela imprensa brasileira. Na segunda parte realizamos um resgate da história do estado e da imprensa paranaense, sendo esta seguida pela descrição metodológica e pela definição dos critérios utilizados na análise. Finalizando o trabalho, apresentamos os resultados obtidos com a pesquisa, sintetizados, posteriormente, na conclusão.

Desta forma pretende-se contribuir com a construção de parte da história da imprensa paranaense, cujos relatos são ainda vagos e que, assim como acontece com a imprensa de modo geral, não tem recebido um interesse expressivo por parte dos pesquisadores.

2. A PADRONIZAÇÃO DO FAZER JORNALÍSTICO

No mundo contemporâneo uma característica vem, cada vez mais, se tornando notável: a mudança de padrões, de valores, de se apresentar no mundo, que vem tornando todos iguais, como se todos pertencêssemos a um único país, a uma única tribo.

Isso é visível não somente no comportamento individual e coletivo, mas também no comportamento empresarial e, principalmente, comunicacional. Basta uma rápida olhada sobre a forma de construção, de apresentação dos discursos transmitidos pelos meios de comunicação de massa para identificarmos que, apesar de algumas sutis diferenças, como a língua em que são produzidos, por exemplo, eles seguem, voluntária ou involuntariamente, o mesmo padrão. Todos são iguais, transmitem informações em grande parte das vezes sobre os mesmos assuntos, abordando os mesmos aspectos, a partir das mesmas fontes de informação. E esse fato torna-se ainda mais claro quando a análise é realizada com base na imprensa escrita.

Para o estudioso da comunicação Nelson Traquina (2005), isso se dá porque os jornalistas pertencem a uma “comunidade interpretativa” (ZELIZER¹, *apud* TRAQUINA, 2005, p. 14), ou seja, partilham os mesmos quadros de referências no que diz respeito à cultura profissional e à produção do material noticioso.

No primeiro caso, seguindo a definição de campo proposta por Bourdieu² (1998, *apud* TRAQUINA, 2005), ou seja, a existência de “universos relativamente autônomos de relações sociais” (TRAQUINA, 2005, p.19), diz-se que os jornalistas partilham a sua existência como a de um grupo especializado que afirma ter um monopólio de conhecimentos ou saberes especializados. Ampliando um pouco mais essa definição, pode-se dizer, seguindo a afirmação de Orguz Nayman³ (1973, *apud* TRAQUINA, 2005, p. 36), que esse campo seria a profissão em si, ou seja, “a comunidade (...) cujos membros partilham identidade, valores, definições de papéis e interesses”.

¹ ZELIZER, Barbie. Journalists as Interpretive Community. Critical Studies in Mass Communication, vol. 10, 1993

² BOURDIEU, Pierre. On Television New York. The New Press, 1998

³ NAYMAN, Oguz B. Professional Orientations of Journalists: an Introduction to Communicator Analysis Studies. Gazette, vol.19, nº 4, 1973

Esses valores compartilhados pelos profissionais dizem respeito ao imediatismo, à eterna pressão do tempo à que os jornalistas estão intrinsecamente ligados, seja pela hora de fechamento do jornal ou pela incessante tentativa de dar uma notícia minutos ou até mesmo segundos antes que outro veículo o faça (TRAQUINA, 2005); à definição do que vem a ser o papel do jornalista na sociedade: levar a informação ao cidadão comum, que de outra maneira não teria acesso à ela de forma clara e precisa; e ao modo como as notícias são produzidas, ou seja, os critérios utilizados pelos componentes do campo para selecionar, entre um mar de informações, aquela que merece ser destacada, mencionada, e a forma de transmiti-las, de narrá-las. No que diz respeito à seleção do que virá a ser notícia, Bourdieu (1997, p. 25) defende que “os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado”.

Goffman⁴ define enquadramento como uma idéia organizadora central para dar sentido a acontecimentos relevantes e sugerir o que é um tema. Para Gitlin⁵ (1980, 07), os enquadramentos dos media são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, de ênfase e de exclusão, pelos quais os *symbol-handlers* organizam rotineiramente o discurso, quer verbal quer visual. (TRAQUINA, 2005, p. 16).

Para Traquina (2005), um dos principais valores que os jornalistas compartilham, e que fazem deles uma comunidade interpretativa, são os critérios de noticiabilidade, também conhecidos como valores notícia. Seguindo o trabalho do autor, mencionaremos a caracterização dos valores notícia realizada por Mauro Wolf⁶ (1987, *apud* TRAQUINA, 2005) que distingue esses valores em dois grupos: os valores notícia de seleção e os valores notícia de construção.

Os valores notícias de seleção seriam aqueles que os jornalistas utilizam para escolher, entre uma infinidade de acontecimentos, aquele que receberá atenção, sendo transformado, por isso, em notícia. Dentro desse grupo, esse valor recebeu ainda uma segunda divisão, delimitando os critérios substantivos e contextuais das notícias.

⁴ GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University Press, 1975

⁵ GITLIN, Todd. *The whole world is watching* Berkeley. Ca.: University of California Press, 1980

⁶ WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editora Presença, 1987

Os critérios substantivos são aqueles que determinam a importância ou o interesse de determinado assunto, que faz com que ele se torne notícia. São eles: a morte; a notoriedade – se o ator do acontecimento é ou não uma pessoa conhecida; a proximidade geográfica e/ou cultural entre o acontecimento e o público da notícia; a relevância, ou seja, a escolha por acontecimentos que terão uma influência direta sobre a vida das pessoas; a novidade, o jornalista sempre busca o que é novo, inédito, para transmitir a seu público; o tempo – dentro da comunidade jornalística esse é tido como valor notícia de diferentes formas: o tempo como atualidade, um acontecimento já transformado em notícia que servirá como gancho para um novo material, o tempo dos aniversários e datas comemorativas, que também são utilizadas como ganchos para que se volte a falar sobre determinado assunto, e o tempo entendido de uma forma mais larga, compreendendo o tempo em que, devido a sua importância, um assunto ganha valor de notícia e permanece em pauta. Dentro desse subgrupo temos ainda os valores notícia da notabilidade, ou seja, a qualidade do assunto de ser tangível (que, segundo Traquina (2005), faz com que o campo jornalístico esteja mais voltado para a cobertura de acontecimentos do que para a de problemáticas); o inesperado, que é tudo aquilo que surpreende os jornalistas; o conflito e a controvérsia, a disputa física ou simbólica entre atores sociais; a infração, ou seja, tudo aquilo que rompe com as regras que regem a sociedade, como os crimes, por exemplo; e o escândalo, que quebra a ordem normal da sociedade e corresponde à situação do “jornalista como ‘cão de guarda” (TRAQUINA, 2005, p. 85).

Dentro dos critérios contextuais, ou seja, daqueles relacionados ao “contexto de produção das notícias” (WOLF⁷, *apud* TRAQUINA, 2005, p. 88), figuram o da disponibilidade, que se refere à facilidade em se cobrir o assunto, em conseguir informações a seu respeito levando-se em consideração os gastos financeiros e humanos para tal; o equilíbrio, entre esse fato e o que sobre ele já foi publicado pela empresa jornalística num relativamente curto espaço de tempo; a visualidade, que se refere à presença ou não de elementos visuais (fotos, ilustrações, gráficos) no material noticioso; a concorrência, no sentido de que as empresas mantêm uma luta com seus concorrentes diretos para tentar publicar um furo de reportagem e, ao mesmo tempo, não permitir que o outro veículo o faça, ou seja, de não possuir a

⁷ WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Editora Presença, 1987

informação que o outro possui; e o dia noticioso, a concorrência de assuntos dentro do dia de publicação do jornal, uma vez que existem dias com quantidades maiores e menores deles.

Após essa primeira seleção, os integrantes do campo jornalístico realizam uma outra, baseada nos valores notícia de construção, ou seja, a seleção dos elementos que comporão a matéria dentro dos assuntos já escolhidos para serem divulgados.

De acordo com Traquina (2005), são eles: o valor de simplificação, que leva a escolha de uma matéria clara e de fácil compreensão em detrimento de outra que apresente ambiguidades ou complexidade; a amplificação, que define que quanto maior for o ato, seus atores ou suas consequências, maior a probabilidade da notícia ser notada; a relevância, ou seja, a capacidade do jornalista tornar o acontecimento claro, dar sentido a ele perante o grande público; a personalização, que “facilita a identificação do acontecimento em termos ‘negativo’ ou ‘positivo’” (TRAQUINA, 2005, p. 92); e a dramatização, ou seja, a acentuação do lado emocional, conflituoso dos eventos.

Após todas essas considerações, para demonstrar de maneira prática que os jornalistas fazem parte de uma comunidade interpretativa, Traquina (2005) chama atenção para o fato de que esta comunidade é transnacional, ou seja, o seu compartilhamento ultrapassa as fronteiras físicas e culturais entre os países fazendo com que os profissionais da tribo atuem e transmitam a informação de forma muito parecida.

Para ilustrar essa questão, o autor cita o estudo de caso comparativo que realizou baseado na cobertura sobre os assuntos referentes à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), pelos jornais de cinco países, a saber: **The New York Times** nos Estados Unidos, **Folha de S. Paulo** no Brasil, **El pais** na Espanha, o **Diário de Notícias** e o **Correio da Manhã** em Portugal. Todos os jornais, com exceção do último citado, foram selecionados, segundo o autor, por serem os jornais principais dos seus respectivos países. Essas publicações seguem uma linha editorial parecida no sentido de levar “aos cidadãos a informação que ela deveria ter enquanto opostos à chamada imprensa popular, que tenta dar as audiências o que elas querem” (TRAQUINA, 2005, p. 113) – o jornal **Correio da Manhã** se encaixa no último perfil citado. Para o estudo, foram analisadas todas as edições dos jornais pesquisados no período de 1º de outubro a 31 de dezembro de 1993 e coletados

todos os materiais informativos referentes à temática da AIDS (matérias, textos opinativos, *cartoons*, entre outros). Outros itens analisados foram: a autoria de cada item, a origem jornalística, o gênero jornalístico, o tamanho do material, a localização do item dentro do jornal, o enfoque, a localização geográfica do jornal em termos de país e de continente e a orientação ou não das notícias para um evento.

De forma resumida, os resultados obtidos após o período de análise demonstraram que os 417 itens publicados nos cinco veículos pesquisados apresentam muitas semelhanças entre si, como o maior índice de cobertura sobre a temática nas edições próximas à celebração do Dia Mundial da AIDS nos cinco jornais; a dominação das notícias na cobertura do tema estudado, em detrimento aos demais recursos comunicacionais dos veículos e a publicação da maior parte das matérias nas páginas interiores dos jornais. Ficou claro também que os valores notícia, como a proximidade geográfica do tema em relação ao país de publicação do jornal, a abordagem relacionada aos eventos e não à problemática do tema e o predomínio das fontes oficiais como fontes de informação para a construção da narrativa, influenciaram diretamente a escolha e a construção das matérias.

A análise comparativa da cobertura noticiosa da AIDS por cinco jornais em quatro países diferentes, situados em três continentes diferentes, mostrou que existem semelhanças significativas quanto ao que é notícia. Vimos também que os jornalistas através das fronteiras nacionais partilham “valores notícia” semelhantes (...) os dados apresentados nesse estudo confirmam hipóteses básicas acerca das notícias na literatura do “*newsmaking*” e dão apoio suficiente à proposição de que os jornalistas são uma “comunidade interpretativa” transnacional. (TRAQUINA, 2005, p. 149).

Pela experiência do cotidiano, podemos acrescentar às conclusões do autor, referentes ao compartilhamento de valores, que os jornalistas também partilham os mesmo “saberes de narração”, nas palavras de Ericson, Baranek e Chan⁸ (1987, *apud* TRAQUINA, 2005, p. 42), no que refere à capacidade de organizar as informações e moldá-las “numa narrativa noticiosa, em tempo útil e de forma interessante” (TRAQUINA, 2005, p. 43), utilizando para isso, como será abordado em seguida, o método da pirâmide invertida e a estrutura do *lead* (quem?; o quê?; onde?; quando?; como?; e por quê?). Além disso, as empresas jornalísticas também mantêm um padrão comum relacionado à padronização gráfica dos seus

⁸ ERICSON, Richard V., BARANEK, Patricia M., e CHAN, Janet B. L. *Visualizing Deviance: a study of news organizations*. Toronto: University of Toronto Press, 1987

veículos de comunicação. Podemos observar, entre a infinidade de jornais disponíveis todos os dias nas bancas, que a disposição dos textos, a divisão das seções, o posicionamento dos materiais visuais também seguem um modelo de padronização, com algumas pequenas e praticamente insignificantes variações de acordo com o projeto gráfico de cada veículo.

Mais uma vez, todos esses são indícios de que a comunidade jornalística, e aqui se enquadram não somente os profissionais da área, mas também as empresas jornalísticas, realmente partilham valores no que se refere à forma de atuar, produzir e transmitir notícias.

A influência intermédia leva a uma situação de insularidade entre os jornalistas. Escreve Sigal⁹ (1973, 180-181): “Enquanto os repórteres seguirem as mesmas rotinas adotando os mesmos valores profissionais e tomando-se uns aos outros como padrões de comparação, a reportagem tenderá a ser insular e auto reforçadora. Mas é precisamente dessa insularidade que os jornalistas precisam. Fornece-lhes um pouco de certeza que lhes permite agir num ambiente aliás incerto”. O resultado líquido é uma espécie de “jogo de espelhos” que produz um efeito formidável de encerramento mental entre os membros da tribo jornalística” (Bourdieu¹⁰, 1998:24) (TRAQUINA, 2005, p. 27).

2.1 O modelo americano

Um dos valores compartilhados pelos profissionais de imprensa que faz destes, na definição de Traquina (2005), uma tribo jornalística é a utilização do mesmo padrão no que se refere à organização das informações para apresentá-las na forma de um texto noticioso, assim como à disposição da notícia nas páginas do jornal, que são o foco de estudo desse trabalho.

Esse padrão de organização textual utilizado pela imprensa na atualidade segue, basicamente, duas regras para a construção do texto jornalístico: a utilização do *lead* e do conceito da pirâmide invertida, que tiveram como berço a imprensa dos Estados Unidos.

Durante o século XIX, a produção jornalística nos Estados Unidos, assim como a de vários outros países, era baseada em textos de cunho opinativo. Os

⁹ SIGAL, Leon V. Reporters and officials: the organization and politics of newsmaking. Lexington, Ma. D. C. Heath and company, 1973

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. On Television New York. The New Press, 1998

jornais eram extremamente partidários, priorizando a divulgação de suas posições políticas e ideologias em detrimento do fato noticioso em si; como define Emery (1965), o jornalismo tinha um caráter mais doutrinário.

A crescente urbanização, industrialização e mecanização da sociedade americana a partir desse período passou a influenciar diretamente a produção jornalística e, principalmente, o foco de interesse dos assuntos divulgados pelos jornais. Essas três “forças”, nas palavras de Emery (1965, p. 553), fizeram com que o jornalismo começasse a abandonar o modelo doutrinário seguido até então e passasse a priorizar o fato, a notícia, buscando cada vez mais a objetividade e a imparcialidade na transmissão dos acontecimentos.

Outra característica dessa fase de transição é que, devido ao intenso processo de urbanização das cidades, os jornais passaram a ser produzidos para o consumo das massas, e não mais para o de uma elite intelectualizada. Entretanto, para que esta massa pudesse efetivamente consumi-los, era necessário que os jornais fossem financeiramente acessíveis, o que foi possibilitado pela união entre jornalismo e publicidade, numa relação de auxílio mútuo – os jornais divulgavam ao público consumidor os produtos produzidos pelas empresas e estas, em contrapartida, ao anunciarem nos jornais, cobriam os custos de suas publicações, permitindo a redução dos preços das edições, tornando-os acessíveis às massas populacionais. Como sintetiza Silva (1991):

Até os anos 1830, os jornais americanos prestavam serviços ou a partidos políticos ou a alguma atividade de negócio. Depois deles, os jornais passaram a vender um produto (a notícia) a um público e a vender o seu público a anunciantes interessados em aumentar a venda de seus próprios produtos. (SILVA, 1991, p. 61).

Surgiam aqui os jornais de um *penny*, ou a *penny press*, sendo o exponencial desse novo modelo de jornalismo, na opinião de Emery (1965), o jornal **New York Tribune**, fundado em 1850, por Horace Greely.

O segredo estava no modo de apresentar as notícias, em vez das indigestas opiniões comuns. Os prósperos jornais de um *penny* concentravam-se diretamente nas notícias, enquanto os rivais, uma vez ricos e poderosos, morriam à míngua de circulação numa dieta de editoriais doutrinários. (EMERY, 1965, p. 264).

A transformação do jornal em mercadoria destinada ao consumo das massas de leitores, interessadas em obter informações sobre os fatos,

acontecimentos, de sua cidade, seu país, resultou no nascimento das associações de imprensa, ou agências de notícias, uma vez que os veículos de comunicação não possuíam recursos financeiros para custear a estadia de repórteres fora das suas cidades. Essas agências, como acontece ainda hoje, eram responsáveis em transmitir a um grande número de veículos as notícias sobre determinado fato, o que, involuntariamente, levou a padronização na produção e divulgação das mesmas.

Deste trabalho realizado pelas agências de notícia surgiu um dos pilares do chamado modelo de jornalismo americano: a pirâmide invertida. Como essas instituições enviavam seu material noticioso a uma gama diversificada de veículos, não tinham como definir claramente quais seriam os interesses destes pelas notícias produzidas, nem, conseqüentemente, o espaço disponível para sua publicação.

A solução encontrada por essas instituições para tentar eliminar essa dificuldade foi a utilização da fórmula da pirâmide invertida na organização do texto jornalístico, que passou a ser escrito a partir da colocação das informações em ordem decrescente de importância, iniciando pelos dados principais, que representariam a base da pirâmide, sendo deixados para o final do texto os menos significativos para a compreensão da notícia. Desta forma, as empresas jornalísticas poderiam adequar a notícia conforme seus interesses e diagramações, eliminando, se necessário, o último parágrafo do texto, sem que houvesse prejuízo na informação a ser transmitida para o leitor.

A pirâmide é invertida porque no jornalismo a base não fica no sopé, mas no topo; e o que seria apenas um arremate nas pirâmides originais, no relato jornalístico apresenta dados que complementam os essenciais, os clássicos “detalhes” que compõem a matéria. Tudo em ordem decrescente, a ponto de último parágrafo poder ser eliminado sem prejuízo do entendimento da matéria. (PENA, 2007, p.48).

Conquanto as associações de imprensa tenham contribuído consideravelmente para a excelência dos jornais modernos, não obstante, se tornaram um dos denominadores comuns de um jornalismo padronizado. (...) tornou-se pronunciada a influência das associações de imprensa sobre o caráter de muitos diários. Seu estilo comum de redação – a introdução, a redação de estrutura em pirâmide invertida e notícias condensadas – afetava toda a redação jornalística, em detrimento da reportagem individual dos tempos passados. (EMERY, 1965, p. 581).

O segundo pilar do modelo americano de jornalismo, o *lead*, teve seu nascimento fortemente relacionado à busca pela objetividade na produção das notícias, principal meta do jornalismo que se desenvolvia nessa época. Sua

característica era, e ainda é, a de apresentar ao leitor o relato principal do acontecimento, de forma resumida, no primeiro parágrafo do texto, através das respostas as seis perguntas básicas: quem?; fez o quê?; como?; quando?; onde?; por quê?.

A introdução do *lead* na produção noticiosa marcou a ruptura com o modelo doutrinário de jornalismo produzido até então, ao abandonar definitivamente o relato de opinião e de posição política e/ou ideológica assumida pela empresa jornalística.

O *lead* – símbolo máximo do jornalismo moderno – veio substituir o “nariz de cera”, texto introdutório longo e rebuscado, normalmente opinativo, que antecedia a narrativa dos acontecimentos e que visava ambientar o leitor. A antiga técnica geralmente usava uma linguagem prolixa e pouco objetiva, narrando os acontecimentos a partir de uma ordem mais ou menos cronológica. Narração, comentário e análise se confundiam. (RIBEIRO, 2007, p. 31).

Para Silva (1991), a introdução desses modelos na produção jornalística possibilitou aos leitores ter a mesma opção dada pelas agências de notícia aos jornais, qual seja, a de poder interromper a leitura em qualquer ponto do texto - levando-se em conta o seu interesse sobre o assunto abordado - tendo, mesmo assim, obtido as informações principais a seu respeito.

A comercialização da notícia trouxe ainda mais uma transformação ao modelo de produção jornalística americano, desta vez ligada à questão gráfica dos veículos. Como toda mercadoria, para se tornarem atrativos ao consumidor, a ponto de que este investisse em sua aquisição, os jornais reformularam a maneira como apresentavam e distribuíam as notícias em suas páginas.

Nessa fase, as publicações passaram a se preocupar com o aspecto visual de suas edições, introduzindo, segundo Emery (1965), a utilização de tipos gráficos que fossem mais legíveis e mais agradáveis para o leitor, a inserção de imagens e ilustrações, com o objetivo de tornar a leitura mais leve, em contraposição aos blocos de textos utilizados até então. Para Emery (1965), as experiências de William Randolph Hearst, no jornal **Examiner**, desenvolvidas nesse sentido, “foram contribuições importantes e construtivas para o novo jornalismo” (EMERY, 1965, p. 452).

Os novos jornais eram baratos, agressivos e de fácil leitura. Eles acreditavam na função da notícia como a obrigação principal da imprensa; demonstravam independência de opinião; faziam campanhas entusiásticas do interesse da sociedade; atraíam a atenção da massa por meio dos tipos

aperfeiçoados, de melhor composição, de manchetes e ilustrações e da divulgação de seus assuntos. Eram essas as características gerais do “novo jornalismo”; cada jornal, naturalmente, as exibia de variadas maneiras. E, conquanto sua utilização não resultasse sempre numa espécie melhor de jornalismo, uma vez que a popularização do produto deu lugar a um sensacionalismo excessivo e rude, ainda assim o resultado global foi a grande expansão da influência do jornal. (EMERY, 1965, p. 381).

Como podemos observar, a introdução desses novos valores e técnicas na produção e veiculação das notícias transformaram de forma significativa o modelo de imprensa desenvolvida nos Estados Unidos, repassando, mais tarde, sua influência para a imprensa de diversos países, em especial a brasileira, tema que será abordado a seguir.

2.2 A modernização da imprensa brasileira

A imprensa chegou ao Brasil no mesmo momento da vinda da família real e da corte portuguesa que, fugindo de Napoleão, desembarcaram em nossas terras, em 1808. Antes desse momento, no período compreendido entre o descobrimento e a chegada da coroa, não era permitido pela metrópole a publicação ou impressão de nenhum tipo de material informativo na então colônia.

Os primeiros jornais a circularem no país foram a **Gazeta do Rio de Janeiro**, sob a administração portuguesa, e o **Correio Brasiliense**, editado em Londres e enviado ao Brasil por Hipólito da Costa.

Desde seu nascimento até o final do século XIX, os jornais brasileiros seguiam o modelo francês de jornalismo, cuja técnica de escrita era bastante próxima da literária, confundindo-se até, como cita Ribeiro (2007), com este campo. O jornal era considerado como um subproduto das belas artes, atuando, muitas vezes, como suporte de divulgação de obras literárias e de reconhecimento dos escritores.

Muitos jornalistas eram também ficcionistas. Muitos escritores – devido à ausência de mercado editorial – tinham de trabalhar em outras ocupações para garantir sua sobrevivência. O jornalismo, como atividade mais próxima – que nesse momento permitia o livre desenvolvimento dos estilos pessoais –, era uma escolha natural para muitos deles. (RIBEIRO, 2007, p. 29).

Outra característica do jornalismo praticado nesse período é o seu caráter fortemente político e ideológico. Antes de oferecer o relato do fato aos seus leitores,

a preocupação primeira dos homens da imprensa era a de fazer de seus veículos um “instrumento de luta política” (RIBEIRO, 2007, p. 25). Com um caráter doutrinário, os gêneros mais valorizados da produção jornalística desse período eram os opinativos, como a crônica e o artigo.

No final do século XIX, esses valores começam a ser substituídos e o jornalismo passa, lentamente, a privilegiar a informação em detrimento da opinião - vale ressaltar aqui que o caráter informativo da imprensa esteve presente na produção jornalística desde o seu nascimento, mas que este, até esse momento, não era o seu objetivo principal -, ao mesmo tempo em que “os jornais de estrutura simples começaram a ser substituídos por empresas jornalísticas com estrutura complexa” (RIBEIRO, 2007, p. 25).

A passagem do século, assim, assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. (...) O jornal de empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias. (SODRÉ, 1966, p. 315).

Entretanto, é na década de 1950 que essas transformações ganham corpo e passam a modificar, perceptivelmente, a produção jornalística do país. Para os autores que se debruçam sobre o estudo da história da nossa imprensa, esse período representa o marco dessas modificações implementadas há cerca de meio século.

A década de 1950 passa à história pelas narrativas dos próprios homens de imprensa como o momento mais singular de sua trajetória, quando uma série de mudanças introduzidas no processo de produção dos jornais diários transforma inteiramente a face do jornalismo que se faz no país. Começa aí, no dizer desses atores sociais, a nova imprensa brasileira. (BARBOSA, 2007, p. 149).

(...) a década de 50 constitui um verdadeiro marco na história de nossa imprensa, marco que assinalaria a virtual superação, entre nós, daquilo que autores como Habermas chamariam de fase do ‘jornalismo literário’, e a entrada em definitivo nos quadros do chamado ‘jornalismo empresarial’. (LATTMAN-WELTMAN, 1996, p. 158).

Nesse período, o caráter ideológico e literário das publicações, principalmente das cariocas, palco da chamada “modernização da imprensa”, passou a ser substituído pelo relato que priorizava a notícia, a informação,

transmitida de uma forma neutra e mais objetiva, sendo influenciadas, diretamente, pelo modelo americano de produção jornalística.

Essa modernização, entretanto, não aconteceu somente pelo desejo de mudança dos homens da imprensa, mas foi estimulada por diversos fatores políticos e econômicos do Brasil nos anos 1950.

Segundo Ribeiro (2007), um ponto a ser destacado é a liberdade política que o país vivia, num contexto constitucional e democrático, após a extinção do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que controlava a imprensa durante a ditadura de Getúlio Vargas, e a volta da vigência do decreto nº 24.776 de 1934, que garantia a livre manifestação do pensamento, seguida da promulgação das Leis de Segurança Nacional (lei nº 1.082 de 1952) e da Lei da Imprensa (lei nº 2.083 de 1953).

Outros aspectos, estes de cunho econômico, que influenciaram essa transformação foram o crescimento demográfico, o maior nível de instrução da população e de industrialização do país, que permitiu o desenvolvimento da publicidade, possibilitando a redução dos custos dos jornais para o público leitor e, consequentemente, o maior interesse deste pelo produto oferecido por aquele.

O slogan do governo Juscelino Kubitschek, que pretendia modernizar o Brasil, fazendo o trabalho de construção do país que levaria cinquenta anos em apenas cinco, resume o processo que tomou conta das redações dos principais jornais do Rio de Janeiro da década de 1950. De acordo com o espírito do tempo dos anos JK, em que desenvolvimentismo e modernização são as palavras de ordem, também os jornais diários mais importantes da cidade apressam-se em se transformar e, o mais importante, construir aquele momento como marco fundador de transformações decisivas no campo jornalístico. (BARBOSA, 2007, p. 149).

A modernização da imprensa surgiu de sua necessidade em oferecer ao público leitor um relato mais imparcial e objetivo da realidade, como bem sinaliza Jobim (1960):

Um fato que desafia contestação é que o jornal contemporâneo, ou mais precisamente, o grande jornal de informação, é um constante esforço para oferecer ao leitor diariamente o quadro tão realista quanto possível, da vida na comunidade. Está longe, por certo, de ser o espelho fiel dos tempos, mas um confronto dos seus padrões de informação com os do passado mostra que ele tem caminhado sempre no sentido da objetividade e da exatidão maiores do noticiário. (JOBIM, 1960, p. 27).

O autor destaca ainda que esta busca da imprensa pela objetividade é, antes de uma questão ética, uma pressão exercida pelos leitores, que não desejam

mais que o jornalismo seja um porta-voz dos políticos, mas sim um lugar onde possam ser encontradas informações corretas sobre os acontecimentos.

Dessa forma, a imprensa brasileira passou a oferecer aos leitores um relato mais direto, conciso, modificando diretamente o estilo da produção textual, uma vez que objetividade e texto “têm de ser compatíveis, um deve reforçar o outro” (SILVA, 1991, p. 107).

Para suprir essa necessidade, a produção jornalística começou a seguir as regras do modelo americano de jornalismo - metrópole que passou a “substituir a França como ideal do mundo cosmopolita e civilizado” (RIBEIRO, 2005, p. 53) no pós-guerra -, através da introdução do *lead* (a resposta às seis perguntas básicas sobre o acontecimento - o que?, quem?, como?, quando?, onde? e por que? - no primeiro parágrafo do texto), da pirâmide invertida (estruturação do texto seguindo uma ordem decrescente de relevância do assunto, iniciando pelas questões mais relevantes, seguidas dos complementos referentes ao assunto) e da atenção destinada à diagramação do jornal, com o objetivo de atrair o público leitor/consumidor.

As regras de redação supostamente retiravam do jornalismo noticioso qualquer caráter emotivo e participante. Para garantir a impessoalidade (e o ocultamento do sujeito da enunciação), impuseram-lhe um estilo direto, sem uso de metáforas. A comunicação deveria ser, antes de tudo, referencial e o uso da terceira pessoa obrigatório. O modo verbal passou a ser, de preferência, indicativo. Os adjetivos e as aferições subjetivas teriam de desaparecer, assim como os pontos de exclamação e as reticências. As palavras com funções meramente enfáticas ou eufemísticas também deveriam ser evitadas. Na escolha dos vocábulos, o pressuposto era que a denotação referia-se à significação e a conotação à emoção. (BAHIA, 1990¹¹ e LAGE¹², 1985, *apud* RIBEIRO, 2007, p. 30).

2.2.1 Os pioneiros da modernização

Como já apontado, os Estados Unidos, no período pós-guerra, passaram a ser a metrópole influente, “exercendo um fascínio crescente, encarnando idéias de modernidade e progresso, associados a um padrão de consumo e estilo de vida” (RIBEIRO, 2007, p. 53).

¹¹ BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990

¹² LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1985

No que se refere, especificamente, às influências americanas sobre a produção jornalística brasileira, Silva (1991) e Ribeiro (2007) destacam que elas chegaram ao país, principalmente, por intermédio dos jornalistas brasileiros que primeiro tiveram contato com esse modelo, quando da participação no **I Congresso Pan-americano de Jornalismo**, realizado em Washington, em 1926, e, mais expressivamente, pelos profissionais que viveram algum tempo naquele país entre os anos 1940 e 1960.

Entre esses profissionais, que ao retornarem trouxeram consigo, conscientemente ou não, os valores daquela imprensa, destacam-se: Pompeu de Souza, que trabalhou durante dois anos no serviço brasileiro **Vozes da América**, nos Estados Unidos; Samuel Weiner, exilado nesse país em 1944; e Alberto Dines, que passou uma temporada observando o jornal **Los Angeles Times**, no fim dos anos 1950.

De volta ao Brasil, esses jornalistas, juntamente com outros entusiastas da reforma, implementaram modificações nos jornais onde atuavam, que, conseqüentemente, acabaram tornando-se os precursores da fase de modernização da imprensa. São eles: o **Diário Carioca**, o **Última Hora**, o **Tribuna da Imprensa** e o **Jornal do Brasil**.

A reforma do jornalismo brasileiro (...) não pode ser entendida apenas como obra de alguns visionários, alguns gênios revolucionários que, da noite para o dia resolveram mudar o jornalismo nacional. Gostaríamos de pensar as reformas como algo que passou necessariamente pela ação individual de cada um desses personagens e de cada uma dessas empresas, mas que ao mesmo tempo os transcendeu, na medida em que apontava para características estruturais da sociedade brasileira e do jornalismo como prática social. (RIBEIRO, 2007, p. 36).

O primeiro destes jornais a apresentar nitidamente os sinais de que a imprensa vivia um novo momento foi o **Diário Carioca**, fundado em 1928. Esse periódico foi o responsável, durante a fase de transição da imprensa, por introduzir em sua rotina de produção jornalística, influenciando posteriormente outros veículos, os três conceitos básicos que fundamentam a imprensa objetiva, o modelo americano de jornalismo: o *lead*, o manual de redação e estilo e o *copy-desk*.

O primeiro sinal da mudança foi dado por Pompeu de Souza em 1945, quando, ao regressar dos Estados Unidos, passou a publicar no jornal os textos denominados **Cartas a um Foca**, no qual “apresentava aos leitores alguma técnicas de redação, entre elas o *lead*” (RIBEIRO, 2007, p. 111).

Entretanto, o momento fundamental da reforma do **Diário**, segundo Ribeiro (2007, p.111), se dá em 1950, com o lançamento, por Pompeu de Souza, do **Regras de redação do Diário Carioca**, primeiro manual de redação e estilo da imprensa nacional.

Estudando a questão através de livros de texto, dos manuais de ensino e de tudo o mais dos Estados Unidos, alguns dos quais tinham reprodução em *style books*, sentei na máquina e resolvi fazer uma adaptação do que me pareceu mais conveniente ao jornalismo brasileiro naquela variedade de *style book* (SOUZA, 1988¹³: 25, *apud* RIBEIRO, 2007, 111).

Outra grande contribuição do veículo, nascida das mãos de Luís Paulistano (chefe de reportagem), que juntamente com Danton Jobim (diretor de redação) e Pompeu de Souza, compunha a equipe de reformadores do jornal, foi a utilização do *sublead*, segundo parágrafo de abertura do texto, que continha as informações mais importantes sobre o assunto que, por algum motivo, não puderam compor o primeiro parágrafo.

O *sublead* é um acréscimo inédito do jornalismo brasileiro ao modelo importado que começava a ser seguido pelos veículos de imprensa e exemplifica, de forma clara, a afirmação de Silva (1991) quando diz que:

A influência não é e nem poderia ser absoluta, já que as diferenças culturais, políticas, econômicas e históricas entre as duas sociedades necessariamente modificam o caráter das noções e qualidades geradas numa delas e trazidas para a outra. O jornalismo brasileiro é brasileiro (...) porque em nenhum outro lugar a síntese dos muitos fatores que o compuseram se daria da maneira como se dá ali. (SILVA, 1991, p. 33).

O **Diário Carioca** daria ainda mais uma contribuição no sentido da padronização do modelo ao instituir, na redação, o *copy-desk* – grupo de redatores que reescreviam as matérias para formatá-las de acordo com o manual de redação, dando unidade ao jornal.

Samuel Weiner, à frente do **Última Hora**, fundado em 1951, também inovou no conteúdo redacional e nas estratégias administrativas do seu jornal, mas suas principais contribuições durante o processo de transição referem-se ao retorno da publicação das caricaturas e folhetins e, principalmente, às questões relacionadas à diagramação do jornal.

¹³ SOUZA, Pompeu. A chegada do *lead* no Brasil. In Revista da Comunicação, ano 4, n. 7, 1988

O **Última Hora** foi o primeiro jornal desse período a fazer uso de cores e de fotografias com destaques especiais, além de recursos gráficos como setas, grises, vinhetas e fios, de várias espessuras, distribuídos pelas páginas do impresso.

Outra contribuição mais discreta, mas nem por isso menos relevante para o período, foi a do **Tribuna da Imprensa**, fundado em 1949, por Carlos Lacerda.

Para Ribeiro (2007), esse jornal é um exemplo da contradição existente na imprensa dos anos 1950, uma vez que servindo a um ideal político, que estava querendo-se deixar para trás naquele período, produzia, ao mesmo tempo, seguindo o modelo do novo jornalismo que estava sendo implantado.

Para a autora, as principais contribuições desse jornal no sentido da reforma da imprensa estão na utilização das fotos, que passaram a compor uma linguagem mais dinâmica, e no grande destaque dado por ele às charges políticas.

O **Jornal do Brasil (JB)**, periódico no qual Alberto Dines atuou, é o segundo veículo, juntamente com o **Diário Carioca**, considerado como um marco da modernização da imprensa da segunda metade do século, “pelo radicalismo com que foi implantado e pela qualidade do jornalismo desenvolvido” (RIBEIRO, 2007, p. 157).

Sua principal contribuição à reforma da imprensa, além da padronização textual, como a dos demais veículos, refere-se ao design do jornal, a diagramação, sendo considerado ainda hoje, um modelo a ser seguido pelos profissionais.

As inovações introduzidas por esse veículo, nessa questão, vai em direção contrária à da realizada pelo **Última Hora**, citada anteriormente, no sentido de que aqui a preocupação principal na concepção de Amílcar de Castor, responsável pelo aspecto gráfico do jornal, era a “limpeza da página”, que tinha por objetivo “facilitar a leitura e simplificar a produção” (RIBEIRO, 2007, p. 160). Para isso, retirou da diagramação os fios, grises e as vinhetas e passou a dispor o conteúdo “da esquerda para a direita e de cima para baixo” (CASTRO¹⁴, 1984, *apud* RIBEIRO, 2007, p.160), através do princípio da paginação vertical, utilizada pelos jornais de grande formato.

Com o advento das modernas técnicas, o espelho foi substituído pelo diagrama, esquema planejado nos mínimos detalhes para servir não apenas de guia, mas de modelo de montagem da página. O diagrama – compreendendo a reunião das matérias, títulos, subtítulos, fotografias,

¹⁴ CASTRO, Amílcar de. Depoimento. In: Jornal do Brasil, 30/11/1984

legendas, charges, ilustrações, publicidade, etc. – não era feito pelo secretário, mas por um técnico especializado, o diagramador. Este marcava os espaços com o tamanho exato em que deveria ficar cada um dos elementos depois de compostos. Uma vez pronto, o diagrama era enviado para a oficina, onde funcionava como roteiro para o paginador (RIBEIRO, 2007, p.266).

Outra inovação creditada ao veículo foi a publicação de fotografias na primeira página e a ordenação nela dos assuntos de acordo com sua relevância jornalística.

As modificações realizadas na primeira página dos jornais foram outro aspecto que recebeu contribuição brasileira ao padrão recém chegado. Para Silva (1991), a chamada de primeira página – pequenos resumos dos assuntos mais relevantes do dia publicados na primeira página - foi a contribuição mais original do jornalismo brasileiro para o mundo. “(...) os matutinos brasileiros aprenderam bem a aplicar o modelo americano. Tanto, que hoje eles têm uma aparência melhor organizada e mais cômoda do ponto de vista visual para o leitor do que os próprios americanos” (SILVA, 1991, p. 115).

Todas essas modificações que tiveram seu início na imprensa carioca da década de 1950 influenciaram, ao longo do tempo, a produção jornalística de outras capitais e cidades do país, com maior ou menor rapidez devido à possibilidade de conhecimento dessas inovações e do interesse por parte destes veículos em absorvê-las. Como elas atingiram a imprensa do Paraná, mais especificamente a da capital do estado, é o objetivo ao qual este trabalho irá dedicar-se.

3. IMPRENSA E SOCIEDADE PARANAENSE

Antes de nos debruçarmos inteiramente sobre a análise da chegada dessa influência na imprensa paranaense, faz-se necessário comentarmos, mesmo que de forma breve, sua trajetória e os aspectos sociais e econômicos do estado no período de nosso interesse.

Os estudos que tratam da história da imprensa do Paraná são escassos e os trabalhos existentes resumem-se, basicamente, ao levantamento dos periódicos que entraram em circulação em cada período. Como bem cita Cardoso (1969), são mais vastas as informações a respeito dos seus primeiros anos de existência do que de sua história mais recente, sendo que de 1912 “para cá, os dados são incompletos, as informações nem sempre corretas, as fontes de pesquisa espalhadas e de difícil acesso” (CARDOSO, 1969, p. 214).

A história do estado também não recebe expressiva atenção por parte dos historiadores, mas o material pesquisado será suficiente para nos dar um panorama de como ela se desenvolveu.

São paralelas, segundo Cardoso (1969), a história do Paraná e a de sua imprensa. Até meados do século XIX não circulavam na então 5ª Comarca da Província de São Paulo jornais produzidos em solo paranaense ou que tratassem de seus assuntos. Os habitantes da comarca informavam-se através dos jornais provincianos **Paulista Oficial** e, mais tarde, **O Governista** – que “se fizera a tribuna de onde partiam os argumentos seguros em favor do ideal crescente” (CARDOSO, 1969, p. 209), a saber, a emancipação do Paraná. Estes periódicos tratavam quase que exclusivamente dos assuntos referentes aos atos do governo da Província paulistana.

Paranaguá lia os jornais da corte e Curitiba satisfazia a sua curiosidade com os periódicos vindos da sede da Província. Pouco mais que atos oficiais... Notícias os tropeiros as traziam para Curitiba. Havia, pois, necessidade de ler jornais exclusivamente, para ter ciência dos atos do governo (PILOTTO¹⁵, *apud* CARDOSO, 1969, p. 209).

Com a emancipação do estado pela lei 704, de 29 de agosto de 1853, conquistada com o apoio da elite da então comarca, que condenava a falta de interesse da Província de São Paulo por aquela, foi criada a Província do Paraná.

¹⁵ PILOTTO, Osvaldo, *In* Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes, setembro, 1936.

Seu primeiro presidente, Zacarias de Góes de Vasconcellos, que chegou a Curitiba em 19 de dezembro do mesmo ano, foi quem primeiro deu as condições que levaram ao surgimento da imprensa paranaense, até onde se tem conhecimento, através do convite feito ao tipógrafo Cândido Martins Lopes para que se instalasse em Curitiba.

Porque viera ele, e em que condições, não nos informou a preciosa documentação do Arquivo Público. Nem uma carta que o convidasse a vir e estabelecesse condições. Acredita-se que Cândido Lopes desfrutava relações de amizade com Zacarias de Góes, e que este o convidou a transferir-se para a capital da nova província. Os detalhes do acerto, possivelmente, ultimados por Frederico Colin, secretário do governo provincial, que se achava na Corte especialmente incumbido de aparelhar a administração dos elementos e materiais indispensáveis ao seu funcionamento. (Contribuição da Biblioteca Pública às comemorações do 250º aniversário de Curitiba, 1993, p.187).

Vindo de Niterói, Cândido Lopes instalou sua tipografia na cidade e “cerca de 100 dias depois da data histórica de 19 de dezembro de 1853” (CARDOSO, 1969, p.209) passou a editar “o primeiro jornal curitibano e paranaense” (CARDOSO, 1969, p.209), **O Dezenove de Dezembro** – o nome do periódico foi uma homenagem à data de instalação da Província do Paraná.

Podemos considerar a empreitada levada a cabo por Cândido Lopes “quase uma aventura e, sem dúvida, uma temeridade àquela época” (CARDOSO, 1969, p.210), uma vez que, nesse período, Curitiba não apresentava um público leitor representativo em números – segundo Andrade (1997), em outubro de 1853 a população da cidade contava com 5.818 habitantes, sendo 2.040 homens e 2.879 mulheres - as crianças não foram incluídas nessa contagem, nem em condições de letramento. “A população cujas necessidades de inteligência... se propunha a servir, sobre ser na mor parte iletrada... era desanimadoramente escassa, acomodando-se folgada em cerca de 300 casas...” (BANDEIRA¹⁶, *apud* CARDOSO, 1969, p. 210).

Há época da emancipação, segundo Trindade e Andreazza (2001), a educação pública no estado era precária. De uma população de 62.000 habitantes, apenas 615 frequentava cursos das escolas primárias, sendo o ensino secundário praticamente inexistente.

A atividade que mantinha a economia da recém emancipada Província era baseada no cultivo, no beneficiamento e na exportação da erva-mate.

¹⁶ BANDEIRA, Euclides.

A exportação paranaense de mate atinge seu auge, quanto ao valor, no período de 1856-1857, o que pode ser explicado não apenas pelo número de arrobas exportadas, mas sobretudo pela alta dos preços verificada. O comércio paranaense de exportação compreendia as mercadorias exportadas para dentro e para fora do Império. As exportações para o exterior eram as mais importantes e representaram, durante todo o período de 1842 a 1861, mais de 85 % do total do valor das exportações através do Porto de Paranaguá (SANTOS, 2001, p.45).

O jornal **O Dezenove de Dezembro**, nascido em meio a esse quadro econômico e social, não se caracterizava, segundo Cardoso (1969), como um jornal político. Em sua primeira edição, que circulou no dia 1º de abril de 1854,

(...)afirmava que seus objetivos eram “informar o público do procedimento do governo da Província e das diversas autoridades, mediante publicação de seus atos oficiais. Apontar e discutir com a devida circunspecção as medidas que mais consentâneas foram para o engrandecimento da Província, aceitando, nesse sentido, para dar à luz da imprensa, escritos e informações de quem quer seja, no caso de lhes ministrar, abstendo-se de questões políticas”¹⁷ (CARDOSO, 1969, p. 210).

Um dos colaboradores mais assíduos do jornal era o presidente Zacarias Vasconcellos que, além de orientar a publicação, escrevia artigos e informações para o periódico, que, de início, circulava semanalmente, aos sábados, ao custo de 160 réis.

A independência política do **O Dezenove de Dezembro** pode ser verificada, segundo a autora, no fato que levou o jornal a deixar de receber a subvenção do governo provincial, no valor de 60 mil réis, para a publicação dos atos oficiais, devido a um desentendimento entre o presidente da Província, José Francisco Cardoso, e Cândido Lopes, por aquele querer “impor seu pensamento” (CARDOSO, 1969, p. 212) sobre o periódico. Este fato levou ao nascimento, em 1861, do primeiro jornal oficial e do segundo periódico paranaense, o **Correio Oficial**, que anunciava:

O veículo transmissor das idéias e ordens do governo, cumpre primeiro que tudo que se mostre fiel às conveniências do serviço que presta...Apareceu entretanto nesta província fato anômalo da folha oficial sem mais ambages, declarar-se em oposição à presidência...Não era mais possível a continuação da publicação dos atos oficiais no O Dezenove de Dezembro,

¹⁷ O Dezenove de Dezembro, data e edição não informadas pela autora.

cuja redação...se achava estipendiada para um serviço público.¹⁸
(CARDOSO, 1969, p. 212).

Esse fato gerou um momento de crise para **O Dezenove de Dezembro**, que deixou de circular por “17 meses e 17 dias” (Cardoso, 1969, p. 213), retomando a publicação em 05 de outubro de 1862. A partir de janeiro de 1884, o jornal passou a circular diariamente, anunciando que sendo “O Dezenove de Dezembro a primeira folha periódica que se publicou na Província, justo seria que fosse ela a primeira que iniciasse a sua publicação diária¹⁹” (PILOTTO, 1976, p. 15).

Após 36 anos de circulação, o primeiro periódico paranaense anunciou, no seu exemplar do dia 9 de abril de 1890, suas despedidas, justificadas com a publicação, na primeira página, do decreto de 29 de março que determinava à imprensa obedecer ao Decreto 83, de dezembro de 1889, “que tolhia sua liberdade, limitava sua ação” (CARDOSO, 1969, p.213).

O Dezenove de Dezembro precisava desaparecer e o fez a tempo, porque os primeiros movimentos do Regime Republicano criaram para a imprensa paranaense uma fase nova, cujo brilho era, por vezes, empanado de ódios que as lutas apaixonantes criavam. O jornal que sentira o pulsar de todos os instantes da Província do Paraná, precisava não chegar a esse borborinho para que no futuro pudesse ser apontado, com justiça, como o periódico que se fechou dentro do seus trinta e seis anos de existência, num programa de serenidade, refletindo com lealdade e precisão a vida política e administrativa da Província. (PILOTTO, 1976, p.21).

Outros periódicos circularam juntamente com o **O Dezenove de Dezembro**, entre os quais podemos citar: o **Jasmim** (1857), o **Mascarado** (1860), **Imprensa Livre** (1867), **A Phenix** (1866), **Província do Paraná** (1876), e a **Gazeta Paranaense** (1876). Esses últimos, acompanhados do **O Dezenove de Dezembro**, com tendências liberais, conservadoras e independente com tendências democráticas liberais, respectivamente, viveram, segundo Pilotto (1976, p. 13) “as fases políticas dos últimos anos do Império”.

Nesse período, o sul do Brasil recebeu diversos incentivos à colonização, devido à necessidade de se preencherem os vazios demográficos de suas terras e de se garantir a ocupação do território.

¹⁸ Correio Oficial, data e edição não informadas pela autora.

¹⁹ O Dezenove de Dezembro, data e edição não informada pelo autor.

Dentre as motivações imigrantistas da Província recém criada destacou-se, a princípio, a baixíssima densidade demográfica. A esse respeito é ilustrativo o fato de que, ainda no fim do século XIX, Cândido Ferreira de Abreu²⁰ alertasse: “É preciso cuidar-se seriamente em aumentar a densidade de nossa população. De que servem vastos territórios onde imperam despoticamente animais ferozes e servem de passeio temporário ao arredio aborígene?”. Definitivamente, a elite provincial excluía de seus planos povoadores o concurso da população indígena; nutrindo – assim como as demais Províncias – a certeza de que a imigração européia era o único caminho para a regeneração do povo brasileiro (...) (TRINDADE e ANDREAZZA, 2001, p.51).

Esse movimento, mesmo que modestamente, foi quem deu as primeiras bases para o desenvolvimento das atividades industriais na Província.

No Paraná, o início do processo de industrialização coincide com a intensificação das políticas migratórias e com o auge do Ciclo da Erva-Mate. A vinda de imigrantes europeus ajudou a criar um mercado local para os bens de consumo não-duráveis, que são característicos da maior parte da primeira fase da industrialização. Ao mesmo tempo, os imigrantes ajudavam a compor o nascente mercado de trabalho urbano e industrial. Já o beneficiamento e empacotamento da erva-mate foi responsável pela maior parcela do valor da produção industrial e das exportações do período, além de gerar significativo número de empregos diretos e indiretos em vários setores produtivos (OLIVEIRA, 2001, p. 24).

Trindade e Andreazza (2001) explicam que a chegada dos imigrantes provocou alterações nos hábitos da cidade, uma vez que cada etnia passou a organizar instituições, como igrejas, escolas, espaços artísticos e culturais, onde pudessem recriar sua vida social e preservar suas tradições.

A imprensa, dentro do papel social que ocupa, não passou ilesa a essa influência, que levou, em 1881, a publicação do primeiro jornal em língua estrangeira na Província, o alemão **Der Pionier**.

Em 1892, surgiram mais três publicações em língua estrangeira que levaram a criação de “uma imprensa alternativa aos periódicos mantidos ou apoiados pelas camadas dominantes” (MAGALHÃES, 2001, p.32) para “atender as três correntes migratórias desse tempo” (PILOTTO, 1976, p.27): o também alemão **Deutsche Post**, o italiano **L'Italia** e o polonês **Gazeta Polska**.

No início do século XX, os imigrantes estrangeiros correspondiam a 13,6% da população do estado e desempenharam, segundo Magalhães (2001) importante papel criando a primeira classe média do país e lutando, entre outras questões, pelo “direito de votar e de ser votado, pela concessão de direitos plenos aos cidadãos não

²⁰ Fonte não informada pelas autoras.

católicos, pela universalização da escola pública, pelo aumento salarial e, em algumas regiões, pela reforma agrária” (MAGALHÃES, 2001, p.32).

A exploração econômica do mate, acompanhada da inicial exploração da madeira, continuava sendo o principal motor da economia do Paraná. Nesse período já se podiam notar alguns sinais de modernização, com a chegada, entre outros fatores, da luz elétrica, do telefone e do telégrafo.

Acompanhando a modernização houve a disseminação das escolas primárias, que refletia o entusiasmo pela educação do período republicano que corporificava a crença de que a multiplicação das instituições escolares conduziria a uma popularização do ensino, determinante no desenvolvimento das nações. (TRINDADE e ANDREAZZA, 2001, p. 80).

Nesse período, os jornais, especialmente os da capital, que desde o surgimento do **O Dezenove de Dezembro** eram “compostos manualmente, e impressos em prelos planos” (CARDOSO, 1969, p. 229), começaram a dispor de novos maquinários para a montagem e impressão dos periódicos.

É de 1912 a primeira máquina de linotipo, utilizada pelo jornal **Correio do Sul**, que substituíra, segundo Marcassa (1989, p.142) o trabalho realizado por seis a sete tipógrafos. Em 1913, o **Diário da Tarde** trouxe do Rio de Janeiro a primeira rotativa que, com 15 anos de trabalho, tinha pertencido ao jornal **O Paíz** – não apresentando os resultados esperados, devido a algum defeito ou por ter sido mal instalada, a máquina foi devolvida após alguns dias de funcionamento.

O Dia, segundo Cardoso (1969), foi o primeiro jornal do estado a contar com clichêria própria, estampando em seu primeiro número, que circulou no dia 01 de julho de 1923, a foto de uma posse realizada na véspera na **Associação Comercial**. Em 1927, o mesmo periódico adquiriu uma rotativa com capacidade para rodar seis mil jornais de oito páginas por hora. Entretanto, para a autora, a primeira rotativa posta em efetivo funcionamento na capital foi a do jornal **A República**, em 1928, com capacidade para imprimir “cadernos de oito páginas ou a duas cores” (CARDOSO, 1969, p. 231).

A **Gazeta do Povo**, um dos mais importantes jornais do estado, senão por qualidade, mas sem dúvida por tempo de circulação, teve seu primeiro número publicado no dia 03 de fevereiro de 1919, por Benjamin Lins, para atender “à defesa dos interesses gerais da sociedade, a chamar a atenção de todos e de cada um

para os assumptos que directa ou indirectamente, nos interessam²¹” (*apud* PILOTTO, 1976, p. 46).

Na década de 1930, segundo TRINDADE e ANDREAZZA (2001) a economia paranaense - em contraste com a do restante do país, que incentivava o desenvolvimento a partir da industrialização em oposição à baseada nas atividades agroexportadoras - ainda se fundamentava no setor ervateiro, seguido por um período de baixa, e na exploração da madeira, em crescimento constante. A partir da década de 1940 o cultivo do café, que chegou ao estado no início do século XX, ganha força e se torna um dos principais motores da industrialização. Em 1950, “a torrefação e a moagem do grão ocupavam ainda 53% da transformação dos produtos alimentares, que era a grande atividade industrial do Paraná” (BALHANA²², *apud* TRINDADE e ANDREAZZA, p.98).

É no final dos anos de 1940 e início da década de 1950, quando o Paraná “assegura pela primeira vez uma participação decisiva na economia brasileira” (MAGALHÃES, 2001, p.58) como grande exportador de café, que os discursos referentes ao progresso começam a ganhar força no Estado, nos governos de Moysés Lupion e Bento Munhoz da Rocha Neto. Para Rocha Neto, esse surto tem a capacidade de “catalisar a confiança de seus governados, especialmente no que se refere aos órgãos públicos, e de libertar o ‘Paraná do seu confinamento provinciano’²³” (MAGALHÃES, 2001, p.57).

Um exemplo que pode ser apontado, segundo a autora, como um “marco da ação modernizadora do governo” (MAGALHÃES, 2001, p.63) nesse período é a construção do Centro Cívico, em Curitiba, representando o “lugar do poder” e consolidando a cidade como o “centro administrativo” do estado, de onde partiam e para onde convergiam às estradas que integravam o Paraná.

De acordo com Magalhães (2001), nas décadas de 1950 e 1960 o Paraná seguia o modelo político adotado pelo governo federal, a chamada “era desenvolvimentista”, dos governos Juscelino Kubitschek e João Goulart. Nos governos de Ney Braga (1960) e de Paulo Pimentel (1965), há a substituição do “discurso da vocação agrícola do estado pelo da industrialização, conformando-se à

²¹ Fonte não informada pelo autor.

²² BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. História do Paraná. Curitiba: GRAFIPAR, 1969.

²³ ROCHA NETTO, Bento Munhoz da. Mensagem enviada à Assembléia Legislativa. Curitiba, 1954.

política iniciada por Juscelino Kubitschek” (MAGALHÃES, 2001, p. 74). Os imigrantes passam a ser vistos como prejudiciais ao progresso ao mesmo tempo em que aumentam os investimentos na educação, com a ênfase na expansão da rede pública de ensino, uma vez que a indústria necessita de mão de obra capacitada.

Esses governantes, seguindo o discurso da modernização também realizaram, de acordo com a autora, investimentos referentes à instalação e ampliação da rede de energia elétrica e à construção de estradas que integrassem o estado, como a Rodovia do Café.

Essas políticas foram acompanhadas

(...) pelo aumento do quadro do funcionalismo, o que, associado à melhoria da escolaridade e às industriais aqui instaladas, responsabiliza-se pela ampliação das classes médias, alterando, em parte, a imagem do estado não mais uma região meramente agrícola, mas industrial, de serviços, de lazer tipicamente urbano, com os cinemas, os restaurantes, os teatros e, sobretudo, hábitos de consumo diversificados. (MAGALHÃES, 2001, p.76).

As baixas nos preços do café e as fortes geadas que caíram sobre os cafezais no fim da década de 1960 e início dos anos 1970 fizeram com que, segundo Oliveira (2001), grande parte dos produtores rurais migrasse para o cultivo da soja. Esta, por sua vez, trazendo uma “intensiva mecanização do cultivo e colheita” (OLIVEIRA, 2001, p. 36), fez com que grandes massas populacionais abandonassem o campo. “Não é por acaso que a população urbana paranaense finalmente ultrapassa a rural ao fim dos anos 70” (OLIVEIRA, 2001, p. 37).

Há portanto uma inversão no que se refere às atividades econômicas paranaenses. Enquanto a participação do setor industrial quase duplicou em 1975 (de 18,77% para 32,35%), a da agropecuária caiu de 32,17% para 20,11%. O Paraná se transforma, pois, em uma sociedade urbana (MAGALHÃES, 2001, p. 83).

No que diz respeito à imprensa, a bibliografia consultada não traz informações que preencham a lacuna existente entre as décadas de 1920 e 1940. Na década de 1950, entretanto, segundo nota publicada pelo jornal **O Dia**²⁴, citado por Pilotto (1976, p.72) o Paraná contava com 81 periódicos, sendo 42 da capital e 39 dos municípios do interior. Eram 38 jornais, 22 revistas, 17 boletins e folhetos, 2 almanaques e anuários. Desse número, 10 eram diários, 28 bissemanais,

²⁴ O Dia, 01 de abril de 1954, edição não informada pelo autor.

trissemanais ou semanais, 14 bimestrais, trimestrais ou semestrais, 5 anuais e 5 de publicação irregular.

Esta década marca ainda a presença, em nossa capital, de uma sucursal do jornal **Última Hora**, que, na década de 1960 passou a publicar uma edição paranaense, e o nascimento dos dois periódicos apontados por pesquisadores e jornalistas como as principais referências da imprensa paranaense do período: **O Estado do Paraná** e o **Diário do Paraná**.

O Estado do Paraná, fundado por Fernando Afonso Alves de Camargo e Aristides Merhy, cujo primeiro número foi publicado em 17 de julho de 1951, nasceu com o objetivo claro de apoiar o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto, que há época

(...) sofria oposição de todos os jornais que circulavam em Curitiba. O Dia era propriedade de seu inimigo político Moysés Lupion, que detinha também 50% do capital da Gazeta do Povo enquanto o Diário da Tarde era controlado por outro grupo rival (OLIVEIRA FILHA, 2004, pg. 5).

Para Haygert²⁵ (2010), **O Estado do Paraná** é tido como um periódico de referência por representar um “momento de ruptura com esquemas políticos” fortemente ligados e pela “modernização da mídia impressa” que implementou a partir dos anos 1960.

Segundo Cardoso (1969), o jornal ainda possuía “a primazia em impressora rotativa, com uma máquina alemã (...), cuja capacidade é de 1800 exemplares de 16 páginas por hora” (CARDOSO, 1969, p. 231).

Em 29 de março de 1955, começou a circular o **Diário do Paraná**, componente da rede dos **Diários Associados**, de propriedade de Assis Chateaubriand, sob a responsabilidade do jornalista Adherbal Stresser. Mazza²⁶ (2010) destaca que o jornal, assim como **O Estado do Paraná**, também estava ligado ao governo de Bento Munhoz da Rocha, uma vez que seu diretor era chefe do cerimonial e diretor do serviço de imprensa do governo, cargo que hoje

²⁵ Aroldo Murá Gomes Haygert, entrevista concedida em 01 de outubro de 2010, em Curitiba.

²⁶ Luiz Geraldo Mazza, entrevista concedida em 29 de setembro de 2010, em Curitiba.

corresponderia ao de secretário de comunicação social. “Foi um alinhamento em função da nova situação política” (MAZZA²⁷, 2010).

A circulação do primeiro número (do Diário do Paraná) causou grande impacto em Curitiba, embora a tiragem tivesse sido superior a 20 mil exemplares, chegou a ser vendido por CR\$5,00, quando o preço normal era CR\$ 1,50. O lançamento tinha sido marcado na imagem popular, dias antes, quando vistosos cartazes foram espalhados pela cidade, apresentando uma porta que se abria e anunciando a chegada do “Jornal da Família Paranaense” (CÔRTEZ, 2000, p.20).

A chegada do **Diário** representou um avanço em relação ao que se produzia na imprensa local, principalmente no que diz respeito ao aspecto gráfico do jornal: ele foi o primeiro jornal do estado a contar com diagramadores no seu quadro funcional.

As inovações apresentadas pelo então caçula dos “Associados” revolucionou a imprensa do Paraná, o que lhe valeu o título de “Escola de jornalismo”. Um dos aspectos marcantes foi a diagramação. Pela primeira vez um jornal paranaense tinha sido diagramado, isto é, as matérias e as fotos foram previamente arranjadas, de forma a dar-lhe harmonia e plasticidade (CÔRTEZ, 2000, p.22).

Como lembra Cardoso (1969) o **Diário do Paraná** também foi o primeiro periódico do Paraná a ter um aparelho de teletipo. “Seu aparecimento trouxe um novo aspecto à Imprensa da Capital paranaense, e um incentivo à melhoria dos outros jornais” (CARDOSO, 1969, p.231).

Estes dois periódicos ainda seriam pioneiros com a publicação da primeira radiofoto, em setembro de 1966 - que apresentava a fotografia do encontro de João Goulart e Carlos Lacerda em Montevideu, na noite anterior -, no **Estado do Paraná**, e no recebimento da primeira mensagem enviada pelo Telex, em agosto de 1968, pelo **Diário do Paraná**.

Em 1962, as divergências existentes entre os sócios da editora do **O Estado do Paraná**, como cita Oliveira Filha (2004), levaram à venda do periódico ao há época secretário da Agricultura, Paulo Pimentel, que desde então é o proprietário do jornal.

Nos anos 1970, como lembra a autora, citando a edição comemorativa dos 40 anos de **O Estado do Paraná**, o jornal “foi o primeiro a contar com um agente da

²⁷ Idem a anterior.

Polícia Federal que desempenhava o papel de censor diretamente na redação, todos os dias” (OLIVEIRA FILHA, 2004, pg.8), após a assinatura, pelo presidente Emilio Garrastazu Médici, do decreto-lei nº 1.077, que “instituí a censura prévia a livros , revistas e jornais” (OLIVEIRA FILHA, 2004, p.8).

Esses dois veículos, que serão os objetos de estudo desta pesquisa, seguiram como referenciais da nossa imprensa até a falência do **Diário do Paraná**, em 23 de janeiro de 1983.

No dia seguinte, o jornal O Estado do Paraná foi o único meio de comunicação a registrar a morte do Diário do Paraná. Nem mesmo uma edição de despedida foi permitida a Côrtes e aos últimos profissionais que, há dez anos, vinham tentando manter o ‘jornal da Família Paranaense’, como era chamado o Diário, um veículo que marcou a imprensa local (CÔRTEZ, 2000, p. 28).

Após este período, a **Gazeta do Povo**, que tinha pouca expressividade até então, passou a ganhar espaço na imprensa curitibana e **O Estado do Paraná**, manteve sua circulação ininterrupta até os nossos dias.

4. METODOLOGIA

Para cumprir seu propósito, qual seja, o de tornar público os acontecimentos que, de alguma forma, interessam à população em geral, o jornalismo transmite um discurso àqueles que, aceitando as condições impostas pelo contrato de leitura - ou seja, que compreendendo seu propósito, seu objetivo, não esperam dele nada além do que a transmissão de informações segundo as regras que o definem como tal -, compartilham com ele suas enunciações.

Ao narrar o presente, torna-se, nas palavras de Mariani (2003), o “ponto de vista do funcionamento imaginário de uma época”, uma vez que “tanto se comporta como uma prática social produtora de sentidos como também, direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas daquele imaginário” (MARIANI, 2003, p. 33). Desta forma, já se consagra ao jornalismo seu lugar de destaque como fonte para a análise discursiva a respeito de determinada época ou assunto.

A análise do discurso jornalístico se faz importante e necessária já que este, enquanto prática social, funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: *capta*, *transforma* e *divulga* acontecimentos, opiniões e idéias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo em que *organiza* um futuro – as possíveis conseqüências desses fatos do presente – e, assim, *legitima*, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos do presente, no futuro. (MARIANI, 2003, p. 33).

A partir da análise das formas de inscrição da historicidade (de uma formação social em uma dada conjuntura) na linguagem, torna-se possível entrever os processos discursivos que atuam na perpetuação e cristalização de determinados sentidos em detrimento de outros, ou seja, processos discursivos que tecem e homogeneízam a memória de uma época. (MARIANI, 2003, p. 41).

Entretanto, não podemos deixar de mencionar que, antes de ser base para esses discursos, imaginários, visões de mundo, o jornalismo, assim como outros campos discursivos - como a literatura, o cinema, a dança, entre outros - é, por si só, possuidor de uma prática discursiva própria, que o define como tal.

Esta prática refere-se à forma como o jornalismo apresenta seu conteúdo para os leitores, constituído através de procedimentos e regras próprias que são compartilhadas pelos integrantes do campo jornalístico, nas palavras de Foucault (2009), “a sociedade do discurso, cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo

regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (FOUCAULT, 2009, p.39).

A troca e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição; e sem dúvida não poderiam funcionar sem estes. A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. (FOUCAULT, 2009, p. 38).

Orlandi (2000), afirma que esse aspecto do discurso jornalístico é um dos “critérios pelos quais se constituem tipologias na análise de discurso”, uma vez que ela “reflete as distinções institucionais e suas normas” (ORLANDI, 2000, p. 85). É sobre essa tipologia que dedicamos nossos estudos.

A década de 1950 representou um momento de ruptura, de transição da imprensa brasileira, a partir das modificações implementadas pelos jornais cariocas - mudanças dos aspectos redacionais, da apresentação gráfica e, podemos dizer, até mesmo dos propósitos desses periódicos –, influenciados pelas regras do modelo americano de jornalismo. Essas modificações provocaram, ao longo do tempo, profundas alterações no próprio discurso jornalístico. Nesse sentido, estendendo o conceito proposto por Orlandi (2003), podemos dizer que estas mudanças representaram uma espécie de discurso fundador para a imprensa brasileira, uma vez que, a partir de seu surgimento, rompem com a estabilidade discursiva mantida até então e, depois de finalizado o processo de transição, inauguram um novo momento, uma nova caracterização, enfim, uma nova estabilidade no que diz respeito à produção de conteúdo jornalístico no país.

Esse processo, entretanto, não foi vivenciado simultaneamente pela totalidade da imprensa brasileira. Com o passar do tempo, o modelo inaugurado pelos jornais cariocas começou a influenciar a produção jornalística dos demais estados do país, inserindo-a nesse processo de reforma.

Uma breve análise dos jornais contemporâneos permite-nos afirmar que, em algum momento, essa influência atingiu a produção jornalística do nosso estado. Dessa forma, a identificação de como se deu a introdução desse processo de

transição na imprensa paranaense, mais precisamente na curitibana, é o objetivo ao qual se dedica esse trabalho.

Para cumprir com tal propósito, tomamos como fontes de pesquisa os jornais **O Estado do Paraná** e **Diário do Paraná**. A escolha desses periódicos deve-se à importância que tiveram no estado, como já mencionado, durante e no período seguinte ao de transição da imprensa, devido às novidades que introduziram, e à referência, apontado pelos profissionais de imprensa ouvidos pela pesquisa, que representaram no período. Outro fato que justifica a escolha desses periódicos é o objetivo de analisar as possíveis diferenças de comportamento tomadas por ambos frente à reforma, uma vez que sendo o **Diário do Paraná** um periódico ligado à uma rede nacional, os **Diários e Emissoras Associados**, poderia estar mais propenso a receber essa influência e a transmiti-la, num momento posterior, aos demais periódicos da cidade. Apesar de Curitiba contar, nesse momento, com uma sucursal do **Última Hora**, este jornal não foi tomado como referência para a pesquisa uma vez que os jornalistas entrevistados não relegaram a ele um papel relevante no que se refere à transmissão das influências que levaram à introdução das mudanças nos periódicos da capital.

Com o objetivo de, além de identificar a chegada dessa influência, acompanhar sua evolução, foram analisadas as edições dos jornais compreendidas entre o mês de julho de 1951, quando do nascimento do **O Estado do Paraná**, e o de janeiro de 1983, mês em que o **Diário do Paraná** deixou de circular.

Por este intervalo representar um período relativamente extenso de análise, cerca de 30 anos de circulação dos dois jornais, e depois de se realizar uma pesquisa prévia nos periódicos, optou-se por intercalar as edições que compuseram o *corpus* de análise em intervalos de quatro anos, uma vez que a evolução, no que se refere ao aspecto redacional, que é um dos critérios de análise desta pesquisa, acontece de forma gradual, sendo possível acompanhá-la sem que se percam dados relevantes para a pesquisa. Excetuaram-se desse recorte as edições que representam momentos significativos de ruptura no que se refere aos aspectos gráficos, outro critério que será aqui utilizado, uma vez que essas se apresentam de forma mais evidente e expressiva. A partir desse primeiro recorte, foram selecionadas duas edições de cada ano tomado como referência, uma do mês de janeiro e uma do mês de julho, como forma de se representar a frequência de linearidade no que se refere à questão redacional e de não limitar ao extremo o

número de edições analisadas. No que diz respeito à escolha dos dias a serem analisados, tomou-se o cuidado de não serem selecionadas edições que pudessem “fugir” ao caráter padrão adotado por cada veículo, como as de sábado e domingo, e de se buscar, de acordo com a coleção do acervo disponível, os primeiros dias dos citados meses – uma vez que a similaridade ou não dos assuntos publicados não interessam ao objetivo da pesquisa.

Desta forma, compuseram o *corpus* da pesquisa as edições publicadas nos seguintes dias: **O Estado do Paraná** – 17 de julho de 1951; 04 de janeiro de 1955; 01 de julho de 1955; 01 de janeiro de 1959; 01 de julho de 1959; 01 de janeiro de 1963; 02 de julho de 1963; 20 de julho de 1965; 03 de janeiro de 1967; 04 de julho de 1967; 02 de janeiro de 1971; 01 de julho de 1971; 02 de abril de 1974; 01 de janeiro de 1975; 01 de julho de 1975; 03 de janeiro de 1979; 03 de julho de 1979 e 04 de janeiro de 1983 –, **Diário do Paraná**: 29 de março de 1955; 01 de julho de 1955; 01 de janeiro de 1959; 01 de julho de 1959; 01 de janeiro de 1963; 02 de julho de 1963; 23 de setembro de 1965; 03 de janeiro de 1967; 04 de julho de 1967; 01 de janeiro de 1971; 01 de julho de 1971; 29 de março de 1974; 03 de janeiro de 1975; 01 de julho de 1975; 03 de janeiro de 1979; 03 de julho de 1979 e 04 de janeiro de 1983.

Dentro dessas edições, a análise baseou-se nas capas e nas páginas componentes do primeiro caderno dos referidos jornais, uma vez que elas se apresentaram suficientes para análise dos dados, conforme os critérios abaixo especificados - nas publicações onde não havia separação nítida dos cadernos, serão analisadas as oito primeiras páginas dos jornais, uma vez que esse número representa a média das páginas que compõem os primeiros cadernos dos periódicos analisados.

Além disso, foram realizadas entrevistas com jornalistas e/ou pessoas que vivenciaram esses periódicos ou que acompanharam, à margem, as modificações pelas quais esses passaram ao longo dos anos, dentro do período de nosso interesse, no sentido de coletar informações que pudessem complementar ou, até mesmo, preencher lacunas encontradas quando da análise dos impressos. Para tanto, foram selecionados, segundo a possibilidade de acesso à essas fontes, os seguintes entrevistados: Aroldo Murá Gomes Haygert; Francisco Camargo; Luiz Geraldo Mazza; Mussa José de Assis; Ayrton Batista; João Feder; Marian Isabel

Guimarães; Rosi Cardoso e Paulo Pimentel – estes dois últimos, entretanto, não puderam colaborar com a pesquisa.

4.1 Análise textual

As características que marcaram a chamada fase de transição da imprensa, no que diz respeito ao aspecto redacional das matérias, referem-se à utilização das técnicas americanas de redação jornalística, que primavam pela objetividade do texto.

Desta forma, a seleção dos critérios a serem analisados será realizada com base no **Regras de Redação do Diário Carioca**, de autoria do jornalista Pompeu de Souza, que, além de ter sido a primeira sistematização formal das novas regras de redação seguidas pela imprensa, foi a escola onde os jornalistas, que mais tarde integraram a equipe do **Jornal do Brasil**, apontado como grande referência do período, como será apresentado posteriormente, foram iniciados nas novas técnicas.

O Jornal do Brasil (...) passou a publicar textos elaborados – e aí sofreu a influência do Diário Carioca, porque grande parte das pessoas que estavam lá tinham passado pelo Diário Carioca ou pela Tribuna da Imprensa, que também era filha do Diário Carioca (DINES, 2003, p. 87).

São eles: a utilização do *lead*, a construção do texto seguindo o conceito da pirâmide invertida e a preocupação em relação à elaboração do título das matérias.

No que se refere à utilização do *lead*, o manual determinava ao jornalista “ocupar o primeiro parágrafo das notícias com: a) um resumo conciso das principais e mais recentes informações do texto, esclarecendo o maior número das seguintes perguntas relativas ao acontecimento: que?, quem?, onde?, como?, por que?” (SOUZA²⁸, *apud*, MESSAGI, 2009, p. 274) e quando? (acréscimo nosso).

Segundo o mesmo manual, o ordenamento do desenvolvimento do restante da notícia deveria ser feito levando-se em conta a “hierarquia da importância e atualidade dos pormenores” (SOUZA²⁹, *apud*, MESSAGI, 2009, p. 274).

²⁸ SOUZA, Pompeu. Regras de redação do Diário Carioca.

²⁹ Idem a anterior.

Em relação à titulação das matérias, Pompeu de Souza explicitava que ele deveria “resumir a matéria ou destacar seu aspecto principal ou mais sugestivo; (...) conter um verbo, explícito ou implícito, de preferência, na voz ativa no presente ou no futuro” (SOUZA³⁰, *apud*, MESSAGI, 2009, p. 275).

Às regras de redação estipuladas pelo **Manual de Redação do Diário Carioca**, acrescentaremos outros aspectos do chamado jornalismo objetivo que nascia nessa época, quais sejam: a supressão do uso de adjetivos nos textos jornalísticos e a omissão do enunciador (repórter ou periódico) no relato.

O uso da terceira pessoa é obrigatório, a tal ponto que, modernamente, o jornal, emissora ou agência, quando envolvido no acontecimento que está expondo, chama a si próprio pelo nome: O repórter Fulano de Tal, da Folha de Zinco...e não O nosso repórter Fulano de Tal (LAGE, 2004, p.23).

A identificação da presença ou não desses fatores que caracterizam o novo discurso jornalístico terá como campo de análise as notícias publicadas nas edições que compõem o *corpus* da pesquisa – excetuando-se, desse recorte, os textos jornalísticos publicados nas primeiras edições analisadas, por estes, em determinados momentos, ainda não se enquadrarem exatamente às definições desse gênero proposta num período posterior -, uma vez que, segundo Lage (2004) ela é “a matéria-prima principal” do jornal, “conformando-se a padrões industriais através da técnica de produção, de restrições do código linguístico e de uma estrutura relativamente estável” (LAGE, 2004, p. 13).

Amaral³¹ (1969, *apud* Lage, 1982, p.36) define notícia como sendo uma “informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade de grande número de pessoas”.

Enquanto gênero jornalístico, a notícia é, essencialmente, um pequeno enunciado reportativo, um discurso sobre um acontecimento recente (ou, pelo menos, de que só no presente se tenha conhecimento), vários acontecimentos ou desenvolvimentos de acontecimentos. Representa também informação nova, actual e de interesse geral. É o gênero básico do jornalismo. (SOUZA, 2001, p. 231).

Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou

³⁰ Idem a anterior.

³¹ AMARAL, Luís. Técnica de Jornal e Periódico, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969, p. 60

interessante. Essa definição pode ser considerada por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los. (LAGE, 2004, p.16).

Nesse sentido, Lage (1982) afirma que a notícia distingue-se da reportagem, uma vez que esta divulga assuntos e não, necessariamente, fatos importando “mais as relações que reatualizam os fatos, instaurando um dado conhecimento do mundo” (LAGE, 1982, p. 35) e possui um estilo “menos rígido” podendo-se “dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história, como um conto ou fragmento de um romance” (LAGE, 2004, p. 47).

Fator determinante para a circulação de uma notícia é o tempo: o fato deve ser recente e o anúncio do fato, imediato. Este é um dos principais elementos de distinção entre a notícia e outras modalidades de informações. Aqui, talvez, um aspecto importante ao diferenciar notícia de reportagem: a questão da atualidade. Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja eminentemente informativo (FRANCESCHINI, 2004, p. 151).

Os demais gêneros jornalísticos, como os editoriais, colunas, charges, crônicas, entre outros, não se constituirão em objetos desta pesquisa, a não ser quando sejam identificadas interferências desses textos sobre os demais analisados.

4.2 Análise gráfica

A apresentação visual dos jornais foi outro aspecto que sofreu significativas alterações no período de reforma da imprensa e que também se constitui como um dos pontos a serem abordados por esse estudo, uma vez que “o jornal é antes de tudo, alguma coisa que se vê” (SILVA, 1985, p. 28).

No jornalismo impresso, o texto transmite a informação semântica através de seus signos compreensíveis, mas, ao mesmo tempo, produz uma informação visual de reforço estético através dos símbolos gráficos que atuam na sensibilidade do receptor (SILVA, 1985, p. 26).

O discurso gráfico é um conjunto de elementos visuais de um jornal, revista, livro ou tudo o que é impresso. Como discurso, ele possui qualidade de ser significável; para se compreender um jornal não é

necessário ler. Então, há pelo menos duas leituras: uma gráfica e uma textual (PRADO³², *apud* SILVA, 1985, p. 39).

A principal referência nesse sentido é a reforma gráfica realizada pelo **Jornal do Brasil** no fim da década de 1950, que “durante 30 anos foi copiada, do Oiapoque ao Chuí” (DINES, 2003, p. 87).

O processo de reforma do **Jornal do Brasil** pode ser dividido, segundo Lessa (1995), em três fases. A primeira delas, compreendida entre junho de 1956 a maio de 1959, corresponde ao momento no qual são introduzidas mudanças “paulatinas” (LESSA, 1995, p. 18) no jornal, como, por exemplo, a publicação de uma foto na primeira página, tradicionalmente ocupada por anúncios classificados, em fevereiro de 1957. A segunda, caracterizada pela presença de Janio de Freitas como chefe de redação, entre junho de 1958 e abril de 1961, corresponde a “fase de maior experimentação” (LESSA, 1995, p. 18). Nesse período, começa a ser introduzida a reforma implementada por Amílcar de Castro, sendo representativa a edição de 02 de junho de 1959, na qual a primeira página aparece com novo *layout*, caracterizado pela retirada dos fios, a presença de manchetes, fotos e textos, assim como do famoso “L” dos classificados - publicação dos anúncios na primeira coluna à esquerda e na parte inferior da página, que formavam, pela disposição desses elementos, o desenho de um “L estilizado e permitiam a publicação de conteúdos noticiosos nos demais espaços da capa do jornal. A terceira, e mais importante para os objetivos desse estudo, tem início em maio de 1961 e se estende durante os primeiros anos dessa década, através da contratação de Alberto Dines para a chefia de redação, sendo este período caracterizado como o de “consolidação da reforma” (LESSA, 1995, p. 18) do **JB**.

A radicalidade da reforma implementada por Castro pode ser atribuída à sua filiação ao movimento neoconcretista. Segundo Lage (1985), o construtivismo influenciava a concepção das revistas brasileiras desde o início da década de 1950, mas só atingiu a imprensa diária com a reforma do **Jornal do Brasil**. De acordo com este autor, esse movimento, com vocação pelo “despojamento da arte grega” (LAGE, 1985, p. 14) levou a valorização do branco na diagramação das páginas e a eliminação dos elementos dispersivos, como vinhetas, fios e enfeites.

³² PRADO, João Rodolfo do. Discurso Gráfico: Constatações – Cadernos de Jornalismo e Comunicação do Jornal do Brasil, nº 48 (Rio de Janeiro, s.d.), p. 26-28

O branco determina, com sua lógica, a presença da forma no espaço. Atua como catalizador ao especificar esta forma; enumera-a; define-lhe a estrutura; condiciona a sua integração à área de composição. Todo diagramador trabalha num espaço; nele integra os elementos componentes à composição. (NASCIMENTO³³, *apud* LAGE, 1985, p. 14).

Essas características são facilmente localizadas na reforma realizada por Amílcar de Castro, uma vez que ele

Retirou quase totalmente os fios e ampliou o claro entre as colunas; adotou títulos em caixa-baixa (minúsculas) padronizados não só quanto ao desenho das letras mas também no tamanho (títulos de uma e duas colunas em corpo 24, pouco menos de dois centímetros de altura); matérias e títulos parangonados (um ao lado do outro) sem dobras ou joelhos que prejudicassem a forma retangular da composição. (LAGE, 1985, p.14).

A radicalidade dessa solução gráfica reside, sobretudo, na redução dos fatores de ênfase (...), o que se tinha era a igualização das matérias, como se o editor se isentasse da responsabilidade de avaliar a importância relativa dos conteúdos. Esse cargo transferia-se, presumivelmente, ao leitor, cuja emoção deveria despertar-se após a leitura, e não antes dela. (LAGE, 1985, p.15).

Pelo lugar de destaque consagrado ao **Jornal do Brasil** no que se refere ao aspecto gráfico, e pela importância apontada pelos jornalistas paranaenses desse periódico, como veremos adiante, sua reforma gráfica foi tomada como referência para a análise da apresentação visual dos periódicos pesquisados, baseada na consulta das edições publicadas nos dias: 02 de junho de 1959; 04 de julho de 1961; 03 de julho de 1962 e 04 de julho de 1963 - não podemos deixar de mencionar que, consultado o **Centro de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil**, este não soube precisar, além das edições citadas por Lessa (1995), as demais que seriam representativas desse movimento de reforma.

Desta forma, foi observada a presença ou ausência dos principais elementos considerados como característico do processo de reformulação deste jornal: fios, utilização do branco na composição da página e a preocupação com a diagramação do jornal, no sentido de orientar a publicação e facilitar a leitura.

Sem a diagramação haveria dificuldades para se confeccionar o jornal, pois a paginação – como ocorria antigamente – ficaria ao critério exclusivo do pessoal das Oficinas. E, assim sendo, surgiriam problemas que, ao final, prejudicariam o trabalho da Redação. Haveria falta ou sobre de originais,

³³ Referência não citada pelo autor.

clichês antiestéticos ou fora de medida ou a colocação de anúncios não necessários (para preencher claros, por falta de matérias), resultando, em última análise, mau gosto na apresentação do jornal. (ERBOLATO, 1981, p. 51).

Lage (1985) define fio como sendo “traços lisos ou de fantasia usados para separar colunas, sublinhar ou delimitar espaços na página” (LAGE, 1985, p.72). O branco é definido pelo autor como um “claro maior do que o comum, num trabalho impresso, importante para o estabelecimento do equilíbrio estético” (LAGE, 1985, p. 68). Ainda segundo Lage (1985), diagramar é “distribuir graficamente o material (composição, ilustração, títulos, etc.) nas páginas de uma publicação, conforme padrões estéticos determinados e orientação editorial” (LAGE, 1985, p. 70).

Outro critério de análise utilizado na pesquisa refere-se à preocupação dos periódicos no que diz respeito à composição da primeira página. Como lembra Ribeiro (2007), esse é outro aspecto característico desse momento de reforma, uma vez que os jornais passaram a fazer de suas primeiras páginas “vitrines”, nas quais apresentavam aos leitores as notícias do dia, cujo relato encontrariam no interior do jornal.

Antigamente, a primeira página do jornal era tomada pela íntegra da matéria. O leitor tinha que folhear toda a edição para saber as notícias do dia. Com a reforma do JB, surgem as chamadas, as fotos grandes, e aumenta o espaço do noticiário e o número das páginas (BRANCO, **1958, o ano em que fomos modernos**. Ago. 2008. Disponível em [HTTP://puc-riodigital.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41&inford=1824](http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41&inford=1824). Acesso em 06/10/2010).

Assim, observamos a utilização de chamadas – definida por Rabaça e Barbosa (1978, p. 86), como sendo “pequeno título e/ou resumo de uma matéria, publicada geralmente na primeira página de um jornal ou na capa de uma revista, com o objetivo de atrair o leitor e remetê-lo para a matéria completa, nas páginas internas” -, e a preocupação com a organização dos conteúdos nessa vitrine, de forma a torná-la atrativa para os leitores.

5. O COMPORTAMENTO DOS JORNAIS FRENTE À INFLUÊNCIA DO MODELO AMERICANO

A primeira edição de **O Estado do Paraná** circulou em 17 de julho de 1951 anunciando que esta folha não pouparia “esforços e nem sacrifícios para oferecer, diariamente, aos seus leitores, amplo, completo e aperfeiçoado serviço informativo da capital, do interior do Estado, do País e do mundo, de forma a refletir, com fidelidade, imparcialidade e segurança não só as múltiplas atividades da vida dinâmica da cidade à que pretende servir, como e principalmente as inelutáveis e justas aspirações e reivindicações do povo do Paraná, operoso e progressista” (O Estado do Paraná, 17 de julho de 1951, p. 1).

No que diz respeito à forma de transmissão dessas informações, percebe-se que não havia, nesse momento, por parte do periódico, uma preocupação explícita no que diz respeito à homogeneização do conteúdo, ou seja, em seguir um modelo definido para a apresentação dos textos noticiosos. Dessa forma, observa-se a presença de textos mais longos, pouco objetivos, característicos desse período, quando da publicação de conteúdos locais, em contraposição aos distribuídos pelas agências de notícias, como veremos a seguir.

O Paraná no 1º Congresso de Folclore Brasileiro

Será inaugurado no dia 22 de agosto deste ano, no Rio, o 1º Congresso Brasileiro de Folclore. Será a primeira vez que se tentará, em nosso país, sistematizar o estudo da “ciência do povo”, que o velho Thomás iniciou no “Atheneum” de Londres, em 1866. E já não era sem tempo...Cremos que em país algum do mundo, se terá feito e se faz tanto abuso das palavras “folclore” e folclorista quanto no Brasil. Não há compositor de sambinha decalcado do outro sambinha qualquer, que se não considere um folclorista. E qualquer autor de versinhos pírios que falam em negro, Ogum, zam-zam ou zabumba, jamais deixa de considerar sua peça produção “folclore” dos mais puros.

O tema dos trabalhos

O 1º Congresso Brasileiro contará com a presença de numerosas delegações brasileiras e estrangeiras. O Paraná não faltará com seus delegados e sua contribuição será das mais valiosas. Uma simples vista de olhos no temário do Congresso, revela sua importância para a vida cultural brasileira. Basta indicar que esse temário contém as seguintes seções: Nomenclatura – Pesquisa e registro – Classificação – Divulgação e intercâmbio – Poesia popular – Novelística popular – Crendices e Superstições – Adagiário e Advinhas – Artes populares – Música e Dança

populares – Demonstrações folclóricas – Folclore e Educação – Folclore a Arte – Folclore e Literatura – Folclore e Economia.

Segundo os últimos informes fornecidos pela Comissão Organizadora do Congresso, já foram constituídas as delegações estaduais de Rio Grande do Sul, do Espírito Santo e do Piauí. Na gaúcha figuram entre outros, os srs. Dante de Laytano e Darcy Azambuja. A delegação paulista ainda não foi organizada, mas é certo que abrangerá nomes dos mais prestigiosos da intelectualidade bandeirante, pese a falta de um famoso cultore do folclore que já viveram no Brasil – o saudoso Mario de Andrade.

Os objetivos

Mas, anotamos o que informa sobre o próximo Congresso, o ministro Renato Almeida, incansável presidente da Comissão Organizadora e um dos maiores estudiosos folclóricos em nosso país. Afirmou recentemente o conhecido diplomata:

— O Congresso a ser inaugurado dia 2 de agosto, tem o objetivo de fixar os elementos essenciais de pesquisas científicas do folclore em nosso país, de modo a permitir sua análise, interpretação e comparação. Para tanto, é mister a maior coleta de material folclórico, afim de tornar possível caracterizar não só seus aspectos regionais como também seus valores tradicionais e as linhas de sua evolução.

Evidentemente não seria possível sintetizar melhor os objetivos do 1º Congresso Brasileiro de Folclore.

Todo o Brasil num festival de folclore

Revelou, ainda, o ministro Renato Almeida, que uma das maiores atrações populares do Congresso será o Festival Folclórico, que reunirá gaúchos, baianos, pernambucanos e todas as regiões características do Brasil, com suas danças e cantos tradicionais, desfilando ante o expectador deleitado, as vaquejadas de samba dos morros cariocas, os capoeiras da Cidade Baixa do Salvador, as pastorinhas nos passos de frevo e maracatú, o “bumba-meu-boi”, o “pau-de-fita” e todas essas festas de cores e ritmos que constituem o fundo saboroso da alma brasileira.

A par desse Festival, uma notável Exposição de Arte Folclórica mostrará aos olhos de todo o povo algo que será uma verdadeira revelação para quantos só vêm numa boneca de pano sertaneja ou num tosco manipanço de pau ridicularias sem qualquer significado, ignorando onde mergulham as raízes das maiores criações artísticas de todo o universo.

Delegações estrangeiras

A Comissão Organizadora, como afirmamos linhas atrás, já recebeu comunicação de representação de vários grupos culturais e entidades folclóricas estrangeiras. Assim, a UNESCO se fará representar pelo Sr. Sergio Millet, o Instituto Pan-americano de Geografia e História pelo, Dr. Virgílio Correia Filho; a “American Folk Lore Society”, pelo Sr. Frank Goldman; a Comissão de Estudos Folclóricos do Paraguai, pelo coronel Ramon Cesar Bejarano e senhorinha America Britez Caballero; a Associação Chilena, pelo Sr. Oreste Plath e a Associação Tucumana de Folclore, da Argentina, pelo seu presidente, sr. Tobias Rosenberg.

E o Paraná?

É claro que o Paraná não poderia faltar nem faltará, no 1º Congresso Brasileiro de Folclore. A certeza de que nossos estudiosos contribuiriam com seu quinhão para maior brilho do conclave de 22 de agosto, levou-nos a procurar o dr. Edgar Sampaio, secretário geral da sub-comissão paranaense de organização do Congresso. Recebeu-nos o conhecido intelectual em seu escritório de advocacia, no Edifício João Alfredo, e gostosamente se poz à nossa disposição.

— O próximo 1º Congresso constitui, sem dúvida, um acontecimento de grande significação na vida cultural brasileira. Sobre tudo pelo que representa como tentativa de coordenação de pesquisas e estudos folclóricos em nosso país.

— E a quem devemos, fundamentalmente, sua realização?

— A um grupo de abnegados e entusiasmados estudiosos do folclore, dirigido pelo dinamismo do ministro Renato Almeida. Nesse grupo posso incluir, entre outros, Manoel Diegues Jr., Gustavo Barroso, Mariza Lara Nobrega da Cunha e Pedro de Gouveia Filho, para só citar alguns dos mais esforçados cooperadores da iniciativa do dr. Renato Almeida (...) (O Estado do Paraná, 17 de julho de 1951, p. 5).

A matéria acima sintetiza, pelos elementos de que é composta, a apresentação dos aspectos que caracterizavam o período anterior ao da reforma da imprensa, como a expressão da opinião do redator ou do jornal na composição do texto jornalístico, quando menciona que “já não será sem tempo” a realização do congresso, uma vez que não há “compositor de sambinha decalcado” ou “autor de versinhos pífios” que não considerem como folclóricas suas produções. Nesse mesmo trecho, e em outro que se apresenta mais adiante – “incansável presidente da comissão organizadora” – observa-se também a presença de outro elemento característico do período, qual seja, o uso de adjetivos qualificando pessoas ou acontecimentos. Além disso, também se percebe a presença do enunciador na transmissão da informação – “recebeu-nos o conhecido intelectual (...) e se poz à nossa disposição” – outro elemento fortemente ligado a esse período.

Observa-se a mesma falta de padronização no que diz respeito à confecção dos títulos noticiosos, uma vez que alguns apresentam um resumo do conteúdo da matéria, e outros, ao contrário, não retratam de maneira clara o tema a ser abordado pela notícia.

Demite-se o gabinete De Gasperi (O Estado do Paraná, 17 de julho de 1951, p. 1)

Os jornalistas e a conferência de Kaesong (O Estado do Paraná, 17 de julho de 1951, p. 5)

O quinto rei dos belgas (O Estado do Paraná, 17 de julho de 1951, p. 1)

O Sr. Flores da Cunha preconiza um plano Schacht para as finanças nacionais (O Estado do Paraná, 17 de julho de 1951, p. 2)

As notícias internacionais são as que demonstram, nesse momento, maior uniformidade no que diz respeito à elaboração do texto jornalístico, uma vez que, sendo produzidas pelas agências noticiosas, apresentam grande parte dos elementos que compõem o *lead* noticioso, característico da produção jornalística dessas instituições.

Tropas soviéticas nas fronteiras do Irã

Uma revolução no estado maior das forças armadas persas

TEERÃ, 16 (AFP) – O Estado Maior das Forças Armadas iranianas confirmou, hoje, de manhã, à France Press, que se estão desenrolando atualmente manobras militares no território soviético, arredores de Astara, no sudoeste do mar Cáspio. Essas manobras são realizadas periodicamente, e mensalmente unidades da Marinha Soviética armada de canhões anti-aéreos cruzam as águas do Cáspio.

O novo governador militar de Teerã

TEERÃ, 16 (AFP) – Em consequência do estabelecimento do estado de sítio em Teerã o governo havia nomeado o general Azimi para o posto de governador da capital, ficando assim responsável pela aplicação da lei marcial. Não tendo, porém, o general Azimi aceito esse posto, o presidente do Conselho, Sr. Mossadegh, acaba de consultar o Sr. Alavi Moghadan. Ainda não se sabe se este último aceitou a nomeação para governador geral da capital.

TEERÃ, 16 (AFP) – O general Alavi Moghadan aceitou a sua nomeação para o cargo de governador geral da capital do Iran, ficando encarregado da aplicação integral da lei marcial. Todas as manifestações públicas foram proibidas (...) (O Estado do Paraná, 17 de julho de 1951, p.1).

É interessante observar que estes textos são apresentados no jornal em forma de notícias, contendo uma só manchete e ocupando o mesmo espaço na página, mas são produzidos a partir da publicação de diversas notas enviadas pelas agências, cada uma delas correspondendo a uma espécie de intertítulo, complementando, e em alguns casos alterando, dados fornecidos anteriormente. Esse modelo de publicação de conteúdo externo também é encontrado nas edições do **Diário do Paraná** e do **Jornal do Brasil**, ainda durante a década de 1950, o que nos permite concluir que não havia, por parte destes jornais, preocupação em elaborar um texto único, coeso, a partir das informações disponibilizadas por essas instituições.

De qualquer forma, como mencionado, verifica-se a presença do *lead* na construção do texto – o que?: estão se desenrolando manobras militares; quem?: o Estado Maior das Forças Armadas iranianas; quando?: hoje; onde?: no território soviético, arredores de Astara, no sudoeste do mar Cáspio; como?: unidades da Marinha soviética armadas de canhões anti-aéreos cruzam as águas do Cáspio; por que?: essas manobras são realizadas periodicamente.

Vale ressaltar aqui a grande importância dada pelo jornal à publicação de matérias nacionais e internacionais, assim como de textos referindo-se aos assuntos governamentais em todas as suas esferas - espécies de atas descrevendo, por exemplo, os assuntos discutidos pela assembléia legislativa ou apresentando quais foram as visitas recebidas e os decretos assinados pelo governador. A publicação

Figura 1 - O Estado do Paraná, 01 de julho de 1955, p. 4

Outro fator representativo desse momento pré-reforma no **O Estado do Paraná** refere-se à publicação de notícias “completas” na capa do jornal, de forma que, para tomar conhecimento sobre as demais notícias daquela edição, era necessário que o leitor folheasse todo o jornal - essa característica continuará presente nas edições do jornal até o início dos anos 1960, momento anterior ao de sua primeira reforma gráfica.



Figura 2 - O Estado do Paraná, 04 de janeiro de 1955, p.1

Como lembra Feder³⁵ (2010), as modificações no que se refere ao aspecto textual do noticiário sofreram transformações graduais. Dessa forma, em meados dos anos 1950, já se pode identificar uma leve introdução dos aspectos que mais tarde comporiam o processo de reforma, como a abertura das matérias com as informações principais sobre a notícia, culminando na hierarquização dos demais

³⁵ João Féder, entrevista concedida em 18 de setembro de 2010, em Curitiba.

conteúdos dentro do texto, ao mesmo tempo em que são mantidos outros aspectos representativos do momento anterior, como bem sintetiza o exemplo a seguir.

Abastecimento de carne à cidade pela prefeitura

Segundo estamos informados, a Prefeitura Municipal, graças aos esforços desenvolvidos pelo major Ney Braga, vai abastecer a cidade de carne verde, devendo as vendas serem iniciadas na próxima quarta-feira. Chegando o gado a Curitiba, adquirido pela prefeitura, será o mesmo abatido no Matadouro Municipal e vendido aos açougues ao preço de custo. Poderá, assim, ser mantido o teto atual de preços. Os açougues que recusarem vender carne fornecida pela Prefeitura terão cassados os seus alvarás de licença, eis que não estarão cumprindo as suas finalidades.

Crédito pelo legislativo

Na sessão que realizou ontem, a Câmara dos Vereadores aprovou em primeira discussão o projeto de lei que lhe enviara o Prefeito solicitando a abertura de um crédito especial de um milhão de cruzeiros para aquisição de gado. Compreendendo perfeitamente os esforços do Prefeito em favor da população, o Legislativo da cidade, ao que estamos informados, aumentará a dotação para três milhões de cruzeiros. A votação do projeto de lei deverá ser ultimada hoje, para o que a Câmara realizará uma sessão extraordinária.

Inquérito policial

Há dias, o Prefeito Ney Braga enviou uma longa mensagem ao governador Adolpho de Oliveira Franco. Interessado também em resolver o problema, ponderando a necessidade de ser examinado o problema da carne em toda a sua profundidade e a aplicação das medidas judiciais cabíveis ao caso, que possui contornos de verdadeiro crime contra a economia popular. Despachado o processo à Procuradoria Geral do Estado, ontem, o Dr. Laertes Munhoz emitiu parecer, no qual, após louvar os esforços desenvolvidos pelo Prefeito de Curitiba, conclui que a iniciativa de medidas judiciais no caso cabe, de acordo com a lei federal que regula a matéria, à COAP.

Possivelmente hoje o major Ney Braga encaminhará dito expediente ao Sr. Admaro Nunes Muller. Aguardemos, pois, as providências da Comissão de Preços. É de sua alçada investigar se o gado adquirido para Curitiba foi desviado para outras cidades onde não foi abatido, a fim de forçar o aumento dos preços. Talvez, então, descubra a COAP – é um simples palpite nosso – que dezesseis comboios destinados a Curitiba até agora aqui não chegaram... (O Estado do Paraná, 01 de julho de 1955, p. 3).

Observa-se aqui que o primeiro parágrafo apresenta, ainda que de forma rudimentar, a resposta às seis perguntas do *lead* jornalístico - quem?: a prefeitura município; o que?: abastecimento de carne; quando?: na próxima quarta-feira; como? graças aos esforços do major Ney Braga; onde?: em Curitiba; por que?: para manter o teto dos preços da carne.

Do mesmo modo, a construção do restante do texto segue a hierarquia de acordo com a relevância das informações, quais sejam a liberação dos recursos pela câmara e o envio da mensagem do governador para investigação a respeito da compra de gado.

Entretanto, nesse mesmo texto, constata-se a presença marcante do enunciador expressa nos trechos “segundo estamos informados” e “um simples

palpite nosso”, como também a da manifestação da opinião do jornal sobre o fato, quando sugere que a comissão de preços irá descobrir que o gado está sendo desviado de Curitiba. Além disso, o redator encerra o texto com reticências, ao invés de ponto final, deixando, desse modo, a impressão de que o texto não está encerrado, de que há mais o que se dizer ali, convidando o leitor a preencher essa lacuna com base nas informações de que dispõe – como lembra Ribeiro (2007) esse era outro aspecto que passou a ser evitado quando do início da reforma.

É também em meados da década de 1950, exatamente em 29 de março de 1955, que começa a circular em Curitiba o jornal **Diário do Paraná**, representando, de acordo com nossos entrevistados, a vanguarda da imprensa paranaense, com o qual, segundo Batista³⁶ (2010) “uniformizou-se o tratamento gráfico e, me atrevo a dizer, uniformizou-se a redação da notícia”.

Quando da instalação do jornal, “Assis Chateaubriand trouxe, de Buenos Aires, o argentino Benjamin Steiner e o uruguaio Oscar Meliante, ambos diagramadores do La Nacion” (CÔRTES, 2000, p. 14) para se responsabilizarem pela distribuição do conteúdo nas páginas do **DP**, que mediam 60 cm de comprimento por 44 cm de largura, fazendo deste o primeiro jornal paranaense a ser completamente diagramado.

A capa da primeira edição do **Diário** exemplifica esse maior cuidado em relação à disposição dos elementos na página, se comparada às do mesmo período do **O Estado do Paraná**. Além da reduzida quantidade de textos e grande volume de imagens, encontram-se publicadas as chamadas de capa, apresentando ao leitor o resumo das principais notícias a respeito das quais ele terá acesso no interior do jornal - as capas das edições posteriores, durante a década de 1950, apesar de apresentarem uma maior concentração de notícias na primeira página, mantinham um padrão de organização um pouco mais aprimorado, se comparadas às do **O Estado do Paraná**.

³⁶ Ayrton Batista, entrevista concedida em 07 de outubro de 2010, em Curitiba.



Figura 4 - Diário do Paraná, 29 de março de 1955, p.1

Nas páginas interiores das primeiras edições, o que se observa é um ordenamento um pouco mais elaborado das informações, dos blocos textuais, assim como de uma maior preocupação no que diz respeito à união dos temas tratados - encontrando-se páginas que reuniam, por exemplo, matérias sobre o interior do estado, outras apenas com notícias internacionais-, além de uma mescla de páginas compostas por fios que dividiam notícias e colunas e de páginas que já utilizavam o branco como elemento delimitador. Entretanto, não podemos deixar de citar que a presença da diagramação, nesse primeiro momento do jornal, não impediu que algumas edições também apresentassem textos que eram continuados em diferentes páginas do jornal, principalmente os iniciados na primeira página.



Figura 5 Diário do Paraná, 29 de março de 1955, p.7



Figura 6 - Diário do Paraná, 01 de julho de 1955, p. 4

No que diz respeito à questão textual, no momento da instalação do jornal foi enviada uma equipe de jornalistas dos **Diários Associados** de São Paulo, entre eles Gilson Rocha Pitta e Ferdinando Baider, encarregados de formar a equipe e instruí-la sobre o modo **Associado** de se fazer jornalismo. Segundo Côrtes (2000,

p.22) nesse período foram instituídas “novas normas de redação”, que visavam um jornalismo mais “simplificado e técnico”.

Entretanto, esse padrão ainda não correspondia ao que seria adotado pelo **DP** pouco tempo depois, pois ainda mantinha, mesmo que de forma inferior à verificada no **Estado do Paraná**, alguns elementos, principalmente o uso de adjetivos, que o ligavam ao antigo modelo – vale ressaltar aqui que o **Diário do Paraná**, assim como o **O Estado do Paraná**, também destinava grande atenção às matérias enviadas pelas agências noticiosas e as que se referiam às atividades do governo, principalmente da assembleia legislativa.

Grande desfile de modas caipira no baile a ser realizado amanhã

Lapa, 30 – No próximo sábado, dia 2 de julho, será realizado um grande baile Caipira nos amplos salões do Clube Congresso Recreativo e Associação A. Alo, festividade que deverá alcançar grande êxito, dados os atrativos que serão apresentados à sociedade da legendária cidade paranaense.

Além da apresentação da maior dupla caipira do rádio paranaense Nhô Berlamino e Nhá Gabriela, será efetivado durante a realização do baile, um grande desfile de modas caipiras, fato inédito, acontecimento que deverá suplantar as melhores expectativas de sucesso! Mais de 10 (dez) senhoritas da sociedade lapeana irão desfilar com suas criações, perante o júri de “matutos”, devendo ser entregues numerosos prêmios às melhores caracterizações. O fato por si só, garante o pleno êxito do baile, devendo ser ressaltado que à entrada principal do baile será erguida uma grande fogueira. O foguetório vai ser dos “maiô”!

Numerosas caravanas da Capital do Estado, de Rio Negro, Contenda e de outras cidades paranaenses, se locomoverão a cidade legendária, a fim de participarem da festa, dando maior brilhantismo à mesma. A comissão organizadora avisa aos senhores visitantes que será necessário a apresentação de uma carteira social de clubs da sociedade de suas cidades originais, não sendo permitida a entrada em hipótese alguma a elementos que não possam comprovar fazerem parte de algum club estritamente social. (Diário do Paraná, 01 de julho de 1955, p.4).

Como percebemos aqui, os textos do **Diário** já apresentam, ainda que de maneira pouco refinada, a resposta às principais perguntas do *lead* jornalístico – o que?: um grande baile Caipira; quando?: no próximo sábado, dia 2 de julho; onde?: nos amplos salões do Clube Congresso Recreativo e Associação A. Alo; como?: que deverá alcançar grande êxito. Entretanto, se mostra constante o uso dos adjetivos “grande”, “amplo”, “legendário”, além do uso do ponto de exclamação, elemento que deveria “desaparecer” (RIBEIRO, 2007, p. 30) da produção noticiosa.

Os títulos, entretanto, já se apresentavam de forma clara, resumindo para o leitor o conteúdo da notícia, apesar de ainda não corresponderem,

exatamente, ao que determinava o novo modelo, inaugurado pelo **Diário Carioca**.

Inauguradas as modernas instalações da firma PR equipamentos (Diário do Paraná, 29 de março de 1955, p. 4)

Aprovados pela França os acordos de Paris (Diário do Paraná, 29 de março de 1955, p.1)

Premiado o pintor francês na 3ª Bienal de São Paulo (Diário do Paraná, 01 de julho de 1955, p. 2)

A partir dos dados apresentados, podemos concluir que neste momento, apesar do leve movimento de mudança realizado pelo **O Estado do Paraná** e o **Diário do Paraná**, como o início da introdução do *lead* na produção das notícias, estes ainda se mostravam ligados ao discurso jornalístico do momento pré-reforma, uma vez que seus textos não se apresentavam de forma completamente impessoal e que estes jornais, no que se refere às suas apresentações visuais, faziam da utilização dos fios não só um elemento decorativo, mas também elemento crucial na delimitação dos conteúdos na página.

5.1 O período de transição

É a partir do final dos anos 1950 - década que marca a enunciação do discurso modernizador por parte do governo do estado - que localizamos, nos dois jornais que compõem nossa análise, o momento que pode ser considerado como o do início do processo de transição da nossa imprensa.

Esse movimento se apresenta de maneira mais explícita primeiramente no **Diário do Paraná**, que nesse período passa publicar textos bastante objetivos, que já respondiam ao modelo que estava sendo incorporado, apesar de manter algumas características que o ligavam ao período anterior, uma vez que alguns textos ainda são compostos por palavras com funções “decorativas”, como demonstra o exemplo a seguir.

Amanhã é dia de Boi de Mamão e de Congada no Guayra: Folclore Brasileiro abrirá o festival

Curitiba vai reviver, a partir de amanhã no Teatro Guayra, as emoções das festas folclóricas do Centenário que tanto sucesso alcançaram. De amanhã a 9 do corrente, o Paraná vai marcar um encontro com o seu grande teatro onde se desenrolará o I Festival Folclórico, organizado pelo Departamento de Cultura. Grupos técnicos da Alemanha, Austrália, Suíça,

Ucrânia, Japão, América do Norte, Holanda e da Índia se apresentarão mostrando as suas cantigas e danças.

Primeiro dia: Congada e Boi de Mamão

Amanhã, às 20:30 horas na abertura do Festival teremos a apresentação de dois autos populares, conhecidos em nosso Estado, e verdadeiramente impressionantes em sua montagem, dramaticidade e na sua expressão cultural. O Boi de Mamão não veio do litoral, única região onde é praticado no Estado. Surgiu na Escola Técnica de Curitiba graças ao trabalho de pesquisas da prof.a Kleide Ferreira do Amaral e do eng. Lauro Wilhelm, diretor do estabelecimento que deu todo o apoio à iniciativa. A Congada, como sempre, vem da Lapa, via Portugal, segundo alguns entendidos.

Ensaio do boi

Durante a tarde de ontem foram efetuados os ensaios para a apresentação do “Boi de Mamão”. Mais de 60 crianças participaram da encenação, sob a direção da prof.a. Kleide Ferreira do Amaral. O auto popular, que faz parte do folclore litorâneo, foi colhido por dois alunos da Escola Técnica, Walter Holler e Galdino Moreira da Silva, em Florianópolis.

— O Boi de Mamão não tem coreografia, como as demais danças populares — explicou a professora Kleide. É uma dramatização ou “dança” dramática, como a qualificou Mário de Andrade. Sua origem é africana e os principais personagens atuam em função do “boi”, que é o verdadeiro “astro” do auto. (...) (Diário do Paraná, 01 de julho de 1959, p.7)

Nesse momento, apesar de constatado o início do movimento de mudança, os textos publicados em **O Estado do Paraná** também não adquiriram o grau de objetividade e de refinamento que apresentariam na sequência, uma vez que ainda localizamos em suas publicações textos em que são expressas a opinião do jornal, quando menciona, por exemplo, que se espera dos integrantes da COAP “maior senso de responsabilidade”, como demonstra o exemplo a seguir.

COAP voltará reunir-se na tarde de hoje

Estarão novamente reunidos na tarde de hoje, os integrantes do plenário da Comissão de Abastecimento e Preços, com o objetivo de debater mais uma vez o momentoso assunto da reclassificação dos cinemas da Capital, bem como discutir a oportunidade do tabelamento dos preços de determinados produtos.

Classificação dos cinemas

Segundo se espera, será definitivamente solucionada, na reunião de hoje, o caso da classificação dos cinemas, que tanta celeuma tem levantado entre os meios cinematográficos. Em reunião passada já foram acertados certos aspectos do assunto, devendo a COAP, hoje, decidir a respeito das questões pendentes.

Tabelamento

Dois produtos alimentícios, os ovos e a carne e derivados, serão objeto de estudo por parte dos integrantes do plenário, no que tange a possibilidade de terem seus preços tabelados pelo órgão controlador. O assunto, aliás, já figurou na pauta dos trabalhos de reunião que deveria ter se realizado na semana passada, e que não foi efetuada por falta de “quorum”. Espera-se que, desta vez, os componentes da COAP demonstrem maior senso de responsabilidade e decidam tabelar o preço daqueles produtos, cuja necessidade é das mais prementes, dada à urgência de por um paradeiro à desenfreada exploração de que é vítima a população curitibana. (O Estado do Paraná, 01 de julho de 1959, p. 5)

Como reflexo desse processo de mudança, observa-se, por parte dos dois jornais, uma constante evolução no que se refere à composição dos títulos, que passam a resumir o conteúdo da notícia, além de conterem, na maioria das vezes, um verbo.

Paraíso do Norte quer ponte sobre Rio Ivaí (Diário do Paraná, 01 de janeiro de 1959, p.4).

Empossada a nova diretoria do Rotary Club de Curitiba Oeste (Diário do Paraná, 01 de julho de 1959, p.7)

Grupo de Lott quer forçar JK a entrar na campanha (O Estado do Paraná, 01 de julho de 1959, p.5)

Dia 7 início do Congresso dos estudantes secundários (O Estado do Paraná, 01 de julho de 1959, p. 5)

No início dos anos 1960, momento em que nascem os primeiros cursos de jornalismo no estado – sendo de 1961 o da Pontifícia Universidade Católica e de 1964 o da Universidade Federal do Paraná -, esse movimento torna-se ainda mais evidente através da concretização, pelo **Diário do Paraná**, do processo de uniformização da redação - na qual o relato objetivo e conciso torna-se a regra -, espelhada, segundo Batista³⁷ (2010), no que vinha sendo realizado pelo **Jornal do Brasil**.

Em **O Estado do Paraná** o processo de reforma toma forma no final de 1962, influenciado da mesma maneira, como lembra Camargo (2010), pelo que vinha sendo produzido por aquele jornal carioca.

Aprendia-se na redação como virar jornalista (...), o trabalho diário era um aprendizado. Outra lição que eu tive, leia o Jornal do Brasil e o Jornal da Tarde. Aprenda a escrever lendo esses jornais. Aprimore-se com eles. O extinto Jornal do Brasil era o mais recomendado aos repórteres de O Estado: afinal, usava a técnica de lead e sub-lead (da imprensa americana), implantada no jornal” (CAMARGO³⁸, 2010).

Os exemplos a seguir demonstram a incorporação do modelo baseado na objetividade do relato noticioso pela nossa imprensa, assim como a proximidade textual existente entre esses textos e os publicados pelo **Jornal do Brasil**.

³⁷ Ayrton Batista, entrevista concedida em 07 de outubro de 2010, em Curitiba.

³⁸ Francisco Camargo, entrevista concedida em 06 de outubro de 2010, em Curitiba.

Instalado ontem o II Seminário de Prefeitos: encerra-se amanhã

Com a presença de 12 prefeitos e dezenas de vereadores dos municípios da região, foi instalado ontem na Lapa o II Seminário de Prefeitos, que será encerrado amanhã à noite com a presença do governador Ney Braga. O encontro é promovido pelo Departamento de Assistência Técnica aos Municípios.

A reunião foi instalada na Rádio Legendária pelo diretor do DATM, Sr. Francisco Brito de Lacerda, que proferiu sobre o tema “Municipalismo”. Em vista do grande número de participantes, às 11 horas o Seminário foi transferido para o Clube Lapeano, onde os trabalhos se desenrolaram até à noite. Foram debatidos os temas expostos pelo Sr. Hécio Buck Silva, sobre “Criação, Alteração e Extinção de Municípios”, “Lei Orgânica”, “Subsídios e Verbas de Representação”, “Ajuda de Custos”, “Veto, Sanção e Voto a Lei Orçamentária”. Finalmente, às 16 horas o sr. Véspero Mendes, secretário do Governo, proferiu uma palestra sobre “Administração Pública”.

Participantes

Estão participando do II Seminário os prefeitos da Lapa, Rio Negro, Contenda, Araucária, Quitandinha, Piên, Campo do Tenente, São João do Triunfo, Porto Amazonas, São Mateus do Sul, Antonio Olinto e Balsa Nova, além de dezenas de vereadores dessas comunas.

Durante o dia de hoje prosseguirá o encontro, com debates sobre os temas “Quota do artigo 20”, que será exposto pelo Sr. Eleutério (...) (O Estado do Paraná, 02 de julho de 1963, p.6)

Prossegue campanha contra transferência dos colégios militares: âmbito nacional

A campanha nacional contra o possível encerramento das atividades dos colégios militares de Curitiba, Recife, Belo Horizonte e Salvador, prossegue em nossa Capital, promovida pela Associação de Pais de Alunos do Colégio Militar de Curitiba.

Ao mesmo tempo em que busca a solidariedade popular o movimento penetra no Legislativo Municipal, na Assembléia Estadual e no executivo da cidade de Curitiba, bem como na Câmara dos Deputados e no Senado, numa tentativa de evitar o fechamento do CM a 31 de dezembro deste ano, conforme determina o decreto 52643.

Causa da campanha

A causa da campanha é a transferência das escolas de Curitiba, Recife Salvador e Belo Horizonte do Ministério da Guerra para a jurisdição do Ministério da Educação, transformando-se os estabelecimentos militares de ensino em Escolas de Aplicação das Faculdades de Filosofia. Isto o estabelecido pelo decreto elaborado no ex-Conselho de Ministros quando o país vivia o Parlamentarismo.

Pelo documento, desde que concretizado o movimento, estaria – segundo os promotores da campanha – decretada a extinção de fato dos Colégios Militares com a retirada dos professores e da administração militar (decreto 51643, de 6-1-63); assim como do imóvel e benfeitorias (lei estadual) que reverteriam para o Estado. Sobrariam, assim, apenas os alunos. (...) (Diário do Paraná, 02 de julho de 1963, p. 4).

Comissão que apura caso Bialek conclui que nenhum documento saiu da Copeg

A Comissão de Inquérito instalada na Copeg para apurar denúncias de subtração de documentos relacionados com o caso Bialek encerrou, ontem, seus trabalhos, concluindo, em relatório, que realmente vários documentos foram retirados dos arquivos para serem fotografados e, a seguir, recolocados em seus lugares sem deixarem a sede da Companhia em momento algum.

Citando trechos do depoimento do Sr. Dálbio Silveira, Chefe do Arquivo, diz o relatório que “nada há, portanto, a censurar e muito menos a punir na conduta dos empregados da Copeg envolvidos no episódio, os quais agiram

de modo perfeitamente regular e em cumprimento das ordens superiores recebidas”.

As conclusões da Comissão de Inquérito, sintetizadas em quatro itens, foram reveladas à imprensa, ontem, por volta de 21 horas, depois que a diretoria da Copeg, em reunião extraordinária, aprovou a matéria e decidiu pela sua liberação.

O presidente da Copeg, Sr. Fernando Delamare, declarou que viria a público um completo relato, acompanhado de provas, em nota oficial, respondendo a segunda parte das denúncias do representante da oposição na diretoria da Copeg, Sr. Augusto Villas Boas. As denúncias do Sr. Vilas Boas tratavam de remessas ilegais de milhares de dólares ao norte-americano Robert Bialek, em Nova Iorque.

O ex-presidente da Copeg, Sr. Guilherme Borghoff, disse ao Jornal do Brasil que o Sr. Augusto Vilas Boas, indicado pela oposição na Assembléia Legislativa para a diretoria do órgão, “sabe melhor que qualquer pessoa, até por obrigação de ofício, que tudo, na Copeg, foi feito com a mais perfeita correção, e não só o sabe como tem proclamado, inclusive por escrito”. (...) (Jornal do Brasil, 04 de julho de 1963, p. 5).

A partir desse momento, os jornais também passam a dar menor importância às matérias que se referiam aos atos governamentais, sendo cada vez mais reduzidas suas publicações, e maior atenção à publicação das demais notícias locais, assumindo, dessa forma, seu papel diante da sociedade paranaense, qual seja, o de disponibilizar ao leitor maior acesso aos conteúdos locais, uma vez que estes poderiam recorrer aos jornais de circulação nacional para tomar conhecimento a respeito dos assuntos externos.

As mudanças introduzidas na construção do texto noticioso provocaram alterações significativas na maneira apresentá-las, de dispô-las pelas páginas do jornal, que também primavam pela objetividade. Dessa forma, o **Diário do Paraná**, que já vinha de um momento onde a presença de fios não era característica da composição de todas as páginas do jornal, começa a reluzi-los ainda mais, dando maior destaque ao uso dos espaços em branco na composição das páginas, culminando numa melhor organização dos blocos textuais, facilitando a leitura e tornando-a mais agradável, da mesma forma como vinha sendo realizada pelo **Jornal do Brasil**.



Figura 7 - Diário do Paraná, 01 de janeiro de 1963, p. 2



Figura 8 - Jornal do Brasil, 03 de julho de 1962, p.3

Porém, nesse momento, observa-se uma menor utilização pelo jornal das chamadas de primeira página, que passou a ser ocupada por uma quantidade maior de textos - essa atitude, entretanto, pode ser tomada mais como uma opção do jornal do que como um desconhecimento em relação à utilização desse elemento, uma vez que o **DP** vinha de um momento em que a publicava como forma de atrair atenção do leitor.

Em **O Estado do Paraná**, esse período também corresponde a uma fase na qual se observam mudanças em relação à disposição dos textos nas páginas, tornando-se cada vez mais raras as notícias cujas partes estão localizadas em páginas distintas do jornal, da mesma forma que se observa a retirada gradual dos fios que separavam colunas e textos, fazendo com que as notícias passassem a ocupar um bloco mais homogêneo.



Figura 9 - O Estado do Paraná, 02 de julho de 1963, p. 4

As chamadas de primeira página começam a ser utilizadas com maior frequência, dividindo os espaços com um número cada vez mais reduzido de notícias na capa do jornal.

Resultante também do processo de “limpeza” da página, observa-se nos jornais uma maior preocupação no que se refere à publicação de certos conteúdos, como colunas e matérias que diziam respeito sobre o mesmo assunto, sempre nas mesmas páginas do jornal, de forma a facilitar sua localização pelo leitor – vale lembrar que essa “divisão”, ainda que de forma rudimentar, já vinha sendo implementada pelos jornais no momento anterior ao do início da reforma, sendo aqui aprimorada.

5.1.2 O início de um novo momento

A consolidação desse processo dá-se, nas duas folhas, já na segunda metade dos anos 1960. No **O Estado do Paraná**, a conscientização de que se vivia um novo momento de produção jornalística é reforçada pela reforma gráfica realizada em julho de 1965, por Mussa José de Assis, que, ao assumir a direção do jornal, no início deste ano, quis torná-lo “mais bonito”.

Não podemos deixar de mencionar aqui que quando do seu retorno ao **O Estado do Paraná** – o jornalista já havia trabalhado no jornal, como revisor, em 1961 – Assis vinha de uma experiência de direção do jornal **Última Hora**, de São Paulo, ou seja, de um momento em que teve um contato mais próximo com o movimento renovador iniciado nos jornais dos grandes centros metropolitanos, principalmente os do Rio de Janeiro.

Apesar de não creditar a tomada de decisão que levou a reforma do **O Estado** à interferência realizada por outros jornais, percebe-se nela a interferência dos elementos que caracterizam o movimento de reforma do **Jornal do Brasil**, que para Assis³⁹ (2010), representou, durante muitos anos, a “grande escola”, ensinando através de suas edições, aos “profissionais mais distantes dos grandes centros”, como fazer jornalismo.

³⁹ Mussa José de Assis, entrevista concedida em 25 de setembro de 2010, em Colombo.

O processo já iniciado de retirada dos fios das páginas é aqui aprimorado, utilizando-se cada vez mais os espaços em branco como elemento limitador e de destaque dos conteúdos nas páginas.



Figura 10 - O Estado do Paraná, 20 de julho de 1965, p.7

Da mesma forma, observa-se a manutenção do aprimoramento do processo de produção da notícia, que não mais apresentavam os elementos característicos do período anterior - excetuando-se algumas aparições da expressão “nossa reportagem”, tirando da notícia seu caráter impessoal, mas que de tão raras não chegavam a descaracterizar o movimento de reforma -, e que se apresentavam de forma cada vez mais concisa.

Verdureiros fundam Associação que lutará pela classe

Mais de quarenta pequenos produtores de verduras de Curitiba, reunidos na sede da União Cívica Feminina de Curitiba, resolveram fundar a Associação Paraná Agrícola, órgão destinado à representação da classe e encaminhamento de suas reivindicações.

Pretendem que a entidade seja legalizada e entre em funcionamento com toda urgência, a fim de que se encarregue de tratar, junto às autoridades, da campanha que efetuam junto os produtores de verduras, objetivando retornarem a seus pontos no mercado municipal.

Situação

Afastados do mercado por determinação dos administradores, que, baseando-se em cláusula do contrato firmado com a Prefeitura, instituidora da proibição da permanência de intermediários no mercado municipal, justificou o ato alegando dificuldades de identificar os verdureiros dos intermediários, a classe teve de instalar suas barracas em terreno que lhe foi destinado pela municipalidade no bairro de Santa Quitéria.

Sustentam que esse ponto é impossível para o comércio, uma vez que o público não pode se deslocar até lá para efetuar suas compras. E afirmam que, caso a direção do mercado não volte atrás, deixarão de plantar, entregando a praça aos intermediários, que vendem a preços mais altos, pois seus produtos sofrem tributações maiores.

Reuniões

Algumas reuniões já foram realizadas entre os verdureiros (que receberam apoio da União Cívica Feminina) e representantes da Prefeitura e do Mercado Municipal. Estes últimos, sensibilizados pela situação dos produtores, estariam, preliminarmente, inclinados a atender a reivindicação.

Em dia desta semana ainda a ser firmado, nova reunião terá lugar entre os interessados, ensejo no qual poderá surgir uma solução definitiva para o impasse. A fórmula mais viável de solver o problema e já aventada, é a do fornecimento de credenciais aos verdureiros, para identificá-los dos intermediários. (O Estado do Paraná, 20 de julho de 1965, p. 8).

Os títulos, que já vinham de um momento de mudança, passam a incorporar definitivamente as regras impostas pelo novo modelo, apresentando-se de forma objetiva e contendo um verbo, na maior parte das vezes, na voz ativa do presente do indicativo.

Japoneses agradecem a BR-104 (O Estado do Paraná, 20 de julho de 1965, p.3)

Fundepar inicia em agosto concorrência no interior (O Estado do Paraná, 04 de julho de 1967, p. 6)

No mesmo período, esse mesmo movimento é observado no **Diário do Paraná**, quando, a partir de setembro de 1965, o jornal volta a dar maior destaque ao uso das chamadas de primeira página e também mantém o aperfeiçoamento no que se refere à produção das notícias - utilizando-se das técnicas do *lead* e do relato do restante do texto segundo a relevância das informações - e à composição dos títulos, que respondem ao que era proposto pelo manual de redação do **Diário Carioca**.

Linha chinesa do PCB pede voto em branco (Diário do Paraná, 23 de setembro de 1965, p. 3)

Associação Comercial quer que exportador justifique Lóide (Diário do Paraná, 04 de julho de 1967, p.4)



Figura 11 - Diário do Paraná, 23 de setembro de 1965, p.1

Vacinação Sabin continua e irá logo ao interior

Prossegue a campanha de Imunização contra a poliomielite no centro e bairros da cidade com a aplicação da vacina Sabin. Segundo informou o Gabinete da Secretaria de Saúde Pública, cerca de 2.500 crianças, de 4 meses a 6 anos de idade, estão sendo vacinadas, diariamente, como revela o número de fichas preenchidas nos postos de vacinação. Confirmaram as autoridades sanitárias que o plano é o de vacinar 65 mil crianças durante a campanha que se prolongará até o dia 20 do corrente. Para tanto, anunciou que conta com a colaboração de toda a população, principalmente dos pais.

Interior

Dentro de poucos dias a campanha será estendida ao interior do Estado, onde os Distritos Sanitários já estão recebendo doses daquela vacina. Meio milhão de doses de Sabin serão aplicadas no Paraná, segundo informou o Departamento de Unidades Sanitárias da SSP.

Para o primeiro distrito sanitário, sediado em Paranaguá, foram remetidas cinco mil doses, a serem utilizadas nos cinco municípios a ele subordinados. O segundo Distrito, com sede em São José dos Pinhais, foi dotado com 40 mil doses; o terceiro DS, em Ponta Grossa, com 25 mil; Irati, 20 mil; Guarapuava, 25 mil; União da Vitória, 15 mil; Pato Branco, 40 mil; Cascavel, 20 mil; Campo Mourão, 60 mil; Paranavaí, 50 mil; Maringá, 50 mil; Londrina, 80 mil; Cornélio Procopio, 42 mil e Jacarezinho também 42 mil doses. (Diário do Paraná, 23 de setembro de 1965, p. 6)

A partir dos dados apresentados, podemos concluir que é durante os primeiros anos da década de 1960 que se dá o processo de transição da imprensa paranaense, dentro desses dois jornais, uma vez que eles passam a abandonar o caráter doutrinário e de opinião, se apresentando ao público leitor por intermédio de um discurso isento e objetivo, permitindo que este avaliasse, segundo seus conhecimentos e interesses, a relevância ou não de determinado tema, assim como suas conclusões a respeito dele. Ou seja, é nesse período que temos a inauguração de um novo momento para a produção jornalística paranaense, baseada, completamente, na utilização do *lead* e do conceito da pirâmide invertida, diretamente influenciada, segundo nossos entrevistados, pelos jornais cariocas, em especial o **Jornal do Brasil**, precursores desse movimento.

Torna-se interessante mencionar aqui que, apesar de os jornalistas que atuaram nesse período afirmarem que não havia influência recíproca entre **O Estado do Paraná** e o **Diário do Paraná**, observa-se que a introdução das modificações que levaram ao movimento de reforma se dá, praticamente, durante o mesmo período de tempo nos dois jornais, momento este que foi, também, o da consolidação da reforma do **Jornal do Brasil**.

Da mesma forma, é interessante notar que, assim como aconteceu durante o processo de chegada da influência norte americana sobre a imprensa brasileira, como cita Silva (1991), essas modificações nos jornais paranaenses não representaram uma cópia fiel do que se produzia naquele jornal, uma vez que nossos diários aderiram a ela segundo seus próprios critérios. Esse fator é percebido, por exemplo, quando da mínima publicação de chamadas na primeira página pelo **Diário do Paraná**, num momento em que ele apresentava uma proximidade gráfica e textual em relação ao que era produzido pelo **JB**, e de a retirada dos fios nos dois jornais, apesar de bastante intensa, não se apresentar em sua totalidade, como naquele jornal.

5.2 O pós-reforma

No período posterior ao da assimilação do novo discurso pela imprensa paranaense, observa-se, como não poderia deixar de ser, de acordo com Lage (1985) que as mudanças referentes ao aspecto visual não se findaram.

Uma coisa acontece fatalmente com os procedimentos artísticos que se impõem com o lema da simplicidade: vão se complicando, ao longo do tempo, com o acréscimo de elementos decorativos ou flamejamentos. Assim, os fios retornaram aos poucos, embora sem a variedade de antes (...) (LAGE, 1985, p.17).

Já na segunda metade dos anos 1960, observa-se no **Diário do Paraná** o início de um movimento de experimentação gráfica, marcada pelo retorno e abandono sucessivos da utilização dos fios na composição das páginas, que se estenderá até o início dos anos 1980, momento em que o jornal deixa de circular. O mesmo movimento também é observado em **O Estado do Paraná**, com a ressalva de que neste jornal as mudanças são menos frequentes e de que o *layout* introduzido com a reforma gráfica de 1974 é mantido até o momento em que se finda nossa análise. Entretanto, observa-se aqui que a reintrodução desses elementos na composição das páginas representa mais um movimento estético do que um retrocesso em relação ao que era praticado nos idos anos 1950.

Esse fato é caracterizado pela perda da funcionalidade atribuída aos fios como delimitador dos conteúdos na página, uma vez que, se não fossem aqui utilizados, isso não traria prejuízo ao que diz respeito à localização do conteúdo na página. Desta forma, esses elementos assumem uma nova função, atuando na ornamentação da página e auxiliando na criação da identidade visual do veículo, uma vez que nesse período todas as páginas do jornal mantinham uma unidade, não havendo distinções muito significativas entre elas.



Figura 12 – Diário do Paraná, 03 de janeiro de 1967, p.3

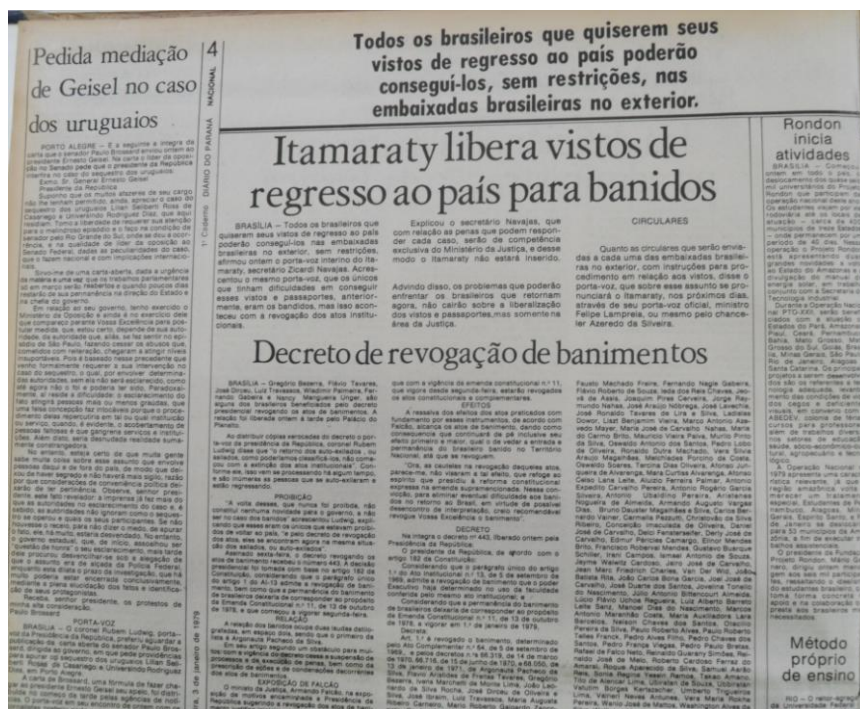


Figura 13 - Diário do Paraná, 03 de janeiro de 1979, p.4



Figura 14 - O Estado do Paraná, 01 de julho de 1971, p.7



Figura 15 - O Estado do Paraná, 1 de julho de 1975, p.3

Outra questão que não podemos deixar de mencionar nesse período pós-reforma, refere-se às inovações introduzidas pelo **O Estado do Paraná** e o **Diário do Paraná** quando da passagem do sistema de impressão a chumbo para o off-set, em março de 1974.

Na reforma gráfica que inaugurou esse momento no **O Estado do Paraná**, observa-se uma reorganização da primeira página a partir da introdução de um novo elemento, que pode ser considerado como uma evolução no sentido de fazer da capa, cada vez mais, a vitrine do jornal.

Pensei: se eu fizer uns quadradinhos aqui e colocar pequenas notícias, pequenas chamadinhas, terei quatro, cinco, seis chamadas ao mesmo tempo, vira uma bela vitrine para mostrar o estoque inteiro. Então, desenhei aquilo. Entretanto, na primeira edição do off-set, por um erro, eles foram colocados na parte de baixo da página. Mas, na edição seguinte foram para o topo, de onde nunca mais saíram (ASSIS⁴⁰, 2010).



Figura 16 - O Estado do Paraná, 02 de abril de 1974

⁴⁰ Mussa José de Assis, entrevista concedida em 25 de setembro de 2010, em Colombo.

O **Diário do Paraná**, por sua vez, inovou ao separar o conteúdo noticioso mencionando as editorias, objetivando ainda mais o relato noticioso e facilitando para o leitor a localização dos conteúdos de seu interesse – vale lembrar aqui que desde o início do processo de reforma da nossa imprensa, os jornais já realizavam um aprimoramento no que se refere à “divisão” dos conteúdos nas páginas, entretanto, essa foi a primeira sinalização efetiva colocada em prática nesse sentido e mais um elemento de vanguarda do **DP**, uma vez que, até o período no qual se finda nossa análise, o **O Estado do Paraná** não havia incorporado essa prática.

No que diz respeito à forma de apresentação das notícias no período seguinte ao da consolidação da reforma da nossa imprensa, excetuando-se um pequeno retrocesso observado na composição de alguns títulos, que em alguns casos não resumiam claramente a matéria ou não continham verbos em sua composição – “Recursos da esportiva em benefício do menor” (*Diário do Paraná*, 29 de março de 1974, p. 3); “Maioria liquida imposto” (03 de janeiro de 1979, p. 5) -, o que se observa é a manutenção e o aprimoramento das “novas regras”, através da utilização do *lead* e da pirâmide invertida, do uso de títulos diretos e da ausência de textos de cunho opinativo, a não ser os dos editoriais e das colunas, que sempre estiveram, em maior ou menor quantidade, presentes nas páginas do jornal.

Barragem de Piraquara está quase concluída

O governador Jayme Carnet Junior, acompanhado do secretário do Interior, Noel Lobo Guimarães e da diretoria da Sanepar, visitou neste fim de semana a barragem de Piraquara e a Estação de Tratamento de Esgotos do Belém. No canteiro de obras dos dois importantes empreendimentos, inteirou-se dos seus respectivos estágios, tendo na oportunidade avaliado a perspectiva de conclusão e inauguração dentro dos prazos previstos.

A barragem de Piraquara, segundo demonstraram engenheiros responsáveis pela obra, está praticamente concluída, considerando-se que a parte mais importante do projeto já está pronta. Confirmaram para o próximo dia 10 de fevereiro vindouro o fechamento de suas comportas, iniciando-se aí o processo de represamento de 22 bilhões e 600 milhões de litros de água.

No Boqueirão, o governador Jayme Carnet Júnior percorreu o canteiro de obras da Estação de Tratamento de Esgotos do Belém, sendo informado dos detalhes técnicos que envolvem o projeto, atualmente com sua estrutura de concreto em fase de acabamento.

Repercussão

O secretário Noel Lobo Guimarães, destacou, durante essa visita, a repercussão que ambos os projetos terão na comunidade da Região Metropolitana de Curitiba. Segundo revelou, a barragem de Piraquara deverá regularizar o abastecimento de água da Capital, otimizando a oferta, mesmo nos períodos de estiagem, através da normalização da vazão do rio Iguaçu, junto à captação, assegurando-lhe um volume de três mil litros por segundo.

Por seu turno, a Estação de Tratamento de Esgotos Belém, segundo revelou o titular da Pasta do Interior, vai suprir uma premente necessidade

no campo da saúde e do saneamento do meio. (...) (Diário do Paraná, 03 de janeiro de 1979, p. 5).

Advogados vão discutir anteprojeto da nova CLT

Tendo por tema central o anteprojeto de Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT – será instalado amanhã, quarta-feira, às 9 horas, o VII Encontro Estadual de Advogados que prestam assistência jurídica aos sindicatos de trabalhadores rurais paranaenses. Na abertura do encontro, que irá até sexta-feira, proferirá palestra o presidente do Tribunal Regional do Trabalho – 9ª Região – Luiz José Guimarães Falcão.

A promoção é da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná, coordenada pelos advogados Roberto Laynes Kracik e Braulio Moreira – assessores jurídicos da Fetaep – e estão inscritos mais de 60 advogados do interior do Estado. Na tarde de quarta-feira, às 14h, falará o advogado Manoel Teixeira Filho, assessor de diversas Federações de Trabalhadores do Paraná e quinta-feira, às 9h, proferirá palestra o juiz do TRT da 9ª Região, José Fernandes da Câmara Canto Rufino.

Tema

O anteprojeto de reforma da CLT será o tema básico desse encontro, que será discutido em grupos e depois apreciados em plenário. Esse anteprojeto já foi motivo de manifestação das Federações de Trabalhadores na Agricultura nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que, reunidas em Porto Alegre, opinaram pela rejeição total do estudo da nova CLT por não serem ouvidas as classes trabalhadoras.

No capítulo referente ao trabalhador rural do anteprojeto, as Federações querem a edição de uma lei especial defendendo a revogação do atual sistema de enquadramento sindical e adotando o que estabelece a Organização Internacional do Trabalho, que define claramente quem é trabalhador rural e quem é proprietário rural. Acreditam eles que as atuais dificuldades dos pequenos proprietários rurais, tanto sociais como econômicas, são consequência do não acolhimento, pelo governo, das suas reivindicações. (O Estado do Paraná, 03 de julho de 1979, p. 3)

Como podemos verificar, a introdução desse novo modo de se fazer jornalismo se deu de forma definitiva na imprensa paranaense, assim como nas demais localidades do país, uma vez que, passados quase cinquenta anos do início do seu processo no Rio de Janeiro e de sua chegada ao estado, ela ainda representa o modelo que orienta e caracteriza a produção jornalística contemporânea, de tal forma que a discussão referente aos elementos de que é composto tornou-se uma das primeiras questões a serem apresentadas aos que ingressam na prática jornalística.

6. CONCLUSÃO

O jornalismo, assim como os demais aspectos da vida humana, não passa ileso aos processos de transformações sociais, que, vistos com os olhos do presente, representaram momentos de rupturas históricas no passado.

Esse fato é identificável, de acordo com os interesses dos nossos estudos, quando do processo de transição do jornalismo de cunho opinativo, doutrinário, para o mais objetivo e isento nos Estados Unidos do século XIX, estimulados pelo processo de industrialização e modernização em curso neste país.

Do mesmo modo, a prática jornalística, assim como os fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, recebe a influência desses movimentos de ruptura a partir do momento em que eles passam a ser reconhecidos como vanguarda ou vem de países que passam a ser tidos como modelos a serem seguidos. Foi assim quando da fase do jornalismo inspirado no modelo francês, da mesma forma como aconteceu quando da chegada da influência do modelo americano sobre a produção jornalística.

Desta forma, podemos considerar que Traquina (2005), apesar de balizar seus estudos sobre os conteúdos publicados e não sobre a forma de apresentação das notícias, está correto quando diz que os jornalistas fazem parte de uma tribo que compartilha saberes e modos de vida no interior da rotina profissional, uma vez que esses saberes não são múltiplos, mas sim um que se sobressaiu em relação aos demais, devido às circunstâncias de determinado período, configurando-se como modelo padrão, e que passou a ser assimilado por aqueles que não queriam ficar à margem da “modernidade”.

Nesse sentido, as transformações políticas e econômicas do Brasil dos anos 1950, que culminaram com a adoção do modelo americano como referencial da vida brasileira, em substituição ao europeu, levou a assimilação do modelo de produção jornalística daquele país, baseada, principalmente, na utilização do *lead* e na composição do texto segundo o modelo da pirâmide invertida, fazendo com que, os jornais cariocas, primeiros a receber essa influência, abandonassem o relato de cunho opinativo e passassem a priorizar as notícias mais concisas e objetivas.

Após a assimilação dessa interferência, no final dos anos 1950, essa metrópole, como acontece com os demais movimentos de transformação, retransmitiu essa influência para a imprensa das periferias, que, de outra forma,

talvez não tivessem acesso ao conhecimento desse novo modo de se fazer jornalismo.

Como pudemos verificar, esse movimento de interferência entre metrópole e periferia não demorou a acontecer no que se refere à chegada dessa influência sobre a imprensa paranaense, uma vez que, já no final dos anos 1950, momento em que o **Jornal do Brasil** vivia a fase de consolidação desse novo modelo, ela já começava a alterar a produção jornalística da capital do nosso estado.

O primeiro dos nossos jornais a apresentar traços claros de mudança foi o **Diário do Paraná**, que, por estar ligado a uma rede nacional, pareceu estar mais propenso ao recebimento dessa influência. Entretanto, é interessante verificar que, ao contrário do que se poderia imaginar, ele não representou o fator determinante que levou às modificações no outro periódico que tivemos a oportunidade de analisar, uma vez que este, pelos aspectos apresentados, também recebeu interferência direta daquele jornal carioca, que melhor representa esse movimento de transição da imprensa, a partir das mudanças que implementou.

Do mesmo modo como a influência não tardou a chegar, o processo de consolidação da reforma da nossa imprensa deu-se rapidamente, cerca de cinco anos separam o início do movimento e a presença de sua total assimilação por nossos periódicos. Entretanto, não podemos deixar de mencionar, que essa influência não se deu de maneira total e inalterável, uma vez que se verifica diferenças entre o modelo seguido e as modificações literalmente postas em prática. O movimento de reforma atingiu sim os pilares da nossa imprensa, mas foi assimilado de acordo com as características próprias dos nossos periódicos ou da forma como estes consideravam que melhor agradaria seu público leitor/consumidor. Vale ressaltar, também, que a assimilação das novas técnicas da redação jornalística não atingiu nesse período, apesar de estar presente nos demais conteúdos noticiosos do jornal, os textos policiais, que, talvez, pelo sensacionalismo imanente aos seus temas, mantiveram, após a consolidação da reforma da nossa imprensa, certa ligação com os elementos que caracterizavam o período anterior.

Observamos, também, que nem mesmo as circunstâncias políticas, referimo-nos aqui a ditadura militar, em curso no período, interferiu no processo de transição dos nossos jornais, levando-nos a afirmar que este, realmente, não mantinha nenhum tipo de ligação com o conteúdo a ser tratado, mas sim, única e exclusivamente, com a forma de transmissão desse conteúdo, fosse ele qual fosse.

Dessa forma, finalizada o que por nós foi classificada a segunda das três etapas que levaram ao processo de reformulação da nossa imprensa, observamos que esse movimento instituiu aqui, da mesma forma como aconteceu no Rio de Janeiro e até mesmo quando do seu nascimento, nos Estados Unidos, um novo discurso jornalístico.

Num primeiro momento - que no nosso trabalho corresponde à segunda etapa do processo de transição - a partir do abandono do modelo que até então norteava a produção jornalística paranaense, o que se observa, segundo o conceito de discurso fundador proposto por Orlandi (2003), é o rompimento da estabilidade discursiva, do que caracterizava e definia a produção jornalística como tal, fazendo com que esta perdesse, mesmo que por um momento, seu referencial.

Em seguida, quando o processo de transição da reforma se consolida, o que ocorre é a definição uma nova caracterização que representa um novo momento, um novo sentido, uma nova estabilidade na produção jornalística, que passa, então, a redefinir sua prática, sua forma de se apresentar, seu discurso.

Nesse sentido, os jornais que compuseram a nossa análise, abandonam por definitivo o caráter mais literário e pessoal do relato jornalístico, na qual mantinham uma espécie de relação de cumplicidade e de troca recíproca com o leitor, e se inserem no processo de enunciação jornalística caracterizado como objetivo e isento.

A partir daí, assumem uma nova postura, transferindo ao leitor a responsabilidade sobre o que este pode concluir ou entender a respeito do que é noticiado, não mais defendendo nem acusando, ou elogiando nem desqualificando - não podemos deixar de lembrar que a objetividade e isenção à que nos referimos durante a realização deste trabalho baseia-se no que os autores que se debruçam sobre a história do período de transição da imprensa apontam como sendo as principais características desse período. Ou seja, que a introdução das novas regras de produção jornalística, com a supressão dos elementos de ênfase e da adjetivação, passou a camuflar, em certo sentido, a manifestação da opinião e da ideologia dos jornais, uma vez que, a simples escolha das fontes de informação ou o ordenamento de suas declarações no texto jornalístico já retiram do jornalismo o que pode ser chamado de imparcialidade, de neutralidade, na transmissão do relato.

Este processo consolidou-se na nossa imprensa de tal forma que, apesar de algumas mudanças implementadas num momento posterior ao da reforma, no que

se refere à apresentação do conteúdo noticioso nas páginas do jornal, ainda define e caracteriza a produção jornalística, o discurso contemporâneo da imprensa. Entretanto, observamos atualmente que o grande crescimento da divulgação de conteúdos noticiosos pela internet, que tem como principal característica a instantaneidade na transmissão de informações, começou a provocar alterações na função que até então era atribuída a imprensa escrita, fazendo com que esta comece a redefinir seu papel perante a sociedade, talvez não mais representando uma fonte de informação sobre acontecimentos, mas sim de análise sobre os desdobramentos e conseqüências destes para a sociedade, o que provocará, inevitavelmente, modificações na forma como esta se apresentará para seu público.

Ou seja, a utilização desse modelo de produção jornalística terá continuidade até o momento em que ele já não responda mais aos anseios e desejos do público à que se destina, sendo, então, novamente substituído, momento a partir do qual irá perder seu caráter moderno e passará a ser considerado, assim como o modelo que deixou para trás, apenas mais um capítulo da história da imprensa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luís Carlos Ribas de. **Conheça Curitiba**: a origem, fundação e as marcas do tempo. 1ª edição, Estética, 1997.

Contribuição da Biblioteca Pública às comemorações do 250º aniversário de Curitiba. A imprensa - O Dezenove de Dezembro – Evolução - Primeiros livros – Revistas e almanaques. *In* **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense** – Curitiba 300 anos – volume XLVIII, 1993.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica** – história da imprensa brasileira. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução: Maria Lúcia Machado, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

BRANCO, Juliana. **1958, o ano em que fomos modernos**. Disponível em <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=41&infoid=1824>. Acesso em 06/10/2010.

CARDOSO, Rosy de Sá. Breves notas sobre a imprensa do Paraná, *In* **História do Paraná**, 3º volume. Curitiba: Grafipar, 1969.

CÔRTEZ, Carlos Danilo Costa. **O Diário do Paraná na imprensa e sociedade paranaense**. Curitiba: Editora Paranaense, 2000.

DINES, Alberto. *In* Abreu, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora. **Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

EMERY, Edwin. **História da imprensa nos Estados Unidos**. Tradução: Alkimin Cunha, Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

ERBOLATO, Mário L. **O jornalismo gráfico** – técnicas de produção. São Paulo: Loyola, 1981.

FRANCESCHINI, Felipe. **Notícia e reportagem: sutis diferenças**. Rio de Janeiro: Comum, 2004. Disponível em <http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum22/Artigo6.pdf>. Acesso em 08/10/2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. 19ª edição. São Paulo: Loyola, 2009.

JOBIM, Danton. **Espírito do jornalismo**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. Série Princípios, 5ª edição, São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Ideologia e técnica da notícia**. 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. **Linguagem jornalística**. Série Princípios, São Paulo: Ática, 1985.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. A imprensa carioca nos anos 50: os “anos dourados”. In ABREU, Alzira Alves de (org.) **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LESSA, Washington Dias. **Dois estudos de comunicação visual**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **Paraná: política e governo**. Coleção História do Paraná, Curitiba: SEED, 2001.

MARCASSA, João. **Curitiba, essa velha desconhecida**. Curitiba: Refripar, 1989.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória) In **O discurso fundador – a formação do país e a construção da identidade nacional**. 3ª edição, São Paulo: Pontes, 2003.

OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e industrialização do Paraná**. Coleção História do Paraná, Curitiba: SEED, 2001.

OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. **Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos: “Gazeta do Povo” e “O Estado do Paraná”**. Disponível em <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1098.html>. Acesso em 04 de outubro de 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**. São Paulo: Pontes, 2000.

_____. Vão surgindo sentidos. In **O discurso fundador – a formação do país e a construção da identidade nacional**. 3ª edição, São Paulo: Pontes, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2ª edição, São Paulo: Contexto, 2007.

PILOTTO, Osvaldo. **Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)**. Edição do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfica Paranaense, 1976.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Vida material, vida econômica**. Coleção História do Paraná, Curitiba: SEED, 2001.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora. A influência americana sobre o jornalismo brasileiro.** São Paulo: Summus, 1991.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa.** São Paulo: Summus, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: _____, 1966.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso.** Porto, 2001. Disponível em <http://www.bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>. Acesso em 11/10/2010.

SOUZA, Pompeu. Regras de Redação do Diário Carioca. In MESSAGI JÚNIOR, Mário. **O texto jornalístico no centro de uma revisão histórica da imprensa no Brasil.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e Educação no Paraná.** Coleção História do Paraná, Curitiba: SEED, 2001.

FONTES PRIMÁRIAS

O Estado do Paraná, Curitiba, 17 de julho de 1951.
 O Estado do Paraná, Curitiba, 04 de janeiro de 1955.
 O Estado do Paraná, Curitiba, 01 de julho de 1955.
 O Estado do Paraná, Curitiba, 01 de julho de 1959.
 O Estado do Paraná, Curitiba, 02 de julho de 1963.
 O Estado do Paraná, Curitiba, 20 de julho de 1965.
 O Estado do Paraná, Curitiba, 04 de julho de 1967.
 O Estado do Paraná, Curitiba, 01 de julho de 1971.
 O Estado do Paraná, Curitiba, 02 de abril de 1974.
 O Estado do Paraná, Curitiba, 01 de julho de 1975.
 O Estado do Paraná, Curitiba, 03 de julho de 1979.

Diário do Paraná, Curitiba, 29 de março de 1955.
 Diário do Paraná, Curitiba, 01 de julho de 1955.
 Diário do Paraná, Curitiba, 01 de janeiro de 1959.
 Diário do Paraná, Curitiba, 01 de julho de 1959.
 Diário do Paraná, Curitiba, 01 de janeiro de 1963.
 Diário do Paraná, Curitiba, 02 de julho de 1963.
 Diário do Paraná, Curitiba, 23 de setembro de 1965.
 Diário do Paraná, Curitiba, 03 de janeiro de 1967.
 Diário do Paraná, Curitiba, 04 de julho de 1967.
 Diário do Paraná, Curitiba, 03 de janeiro de 1979.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 03 de julho de 1962.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 04 de julho de 1963.

ENTREVISTAS

Aroldo Murá Gomes Haygert, Curitiba, 01 de outubro de 2010.
Ayrton Batista, Curitiba, 07 de outubro de 2010.
Francisco Camargo, Curitiba, 06 de outubro de 2010.
João Féder, Curitiba, 18 de setembro de 2010.
Luiz Geraldo Mazza, Curitiba, 29 de setembro de 2010.
Marian Isabel Guimarães, Curitiba, 30 de setembro de 2010.
Mussa José de Assis, Colombo, 25 de setembro de 2010.

Outras fontes

<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59>. Acesso em /0/08/2010

<http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=3644>. Acesso em 30/08/2010

ANEXOS

Entrevistas

Mussa José de Assis, concedida em 25 de setembro de 2010, em Colombo.

Assis - Sou jornalista desde minha juventude. Comecei com 14/15 anos, num jornalzinho do interior de São Paulo. Vim para Curitiba em 1958, para fazer o científico no Colégio Estadual do Paraná, onde, com 16 anos, dirigi o jornalzinho do colégio, que se chamava **Jornal do Centro Estudantil do Colégio Estadual do Paraná**, junto com um amigo.

Profissionalmente, comecei a trabalhar com 18 anos, que era a idade exigida, como revisor do jornal **O Estado do Paraná**, em 1961. Fui revisor num período curto no **O Estado do Paraná** e me transferi para o **Última Hora**. O **Última Hora** era um grande jornal, circulava em todo o Brasil, tinha uma grande sucursal aqui no Paraná e uma grande edição paranaense. Eu entrei no **Última Hora**, ocupei todos os cargos de redação e, em 1963, fui transferido para São Paulo. Com 20 anos de idade, em 1963, assumi a secretaria geral do jornal, em São Paulo. Fiquei lá durante os anos de 1963 e 1964, quando veio aquela fase muito difícil do golpe militar. Em 1965, por um problema pessoal, tive que voltar para Curitiba.

No começo de 1965 assumi a direção do jornal **O Estado do Paraná**. Dirigi **O Estado do Paraná** durante 18 anos consecutivos quando saí para reabrir o **Correio de Notícias**.

O **Correio de Notícias** estava fechado há alguns anos e tinha um grupo político que queria reabrir-lo. Fui lá, assumi e reabri o **Correio**; foi uma fase muito interessante. O **Correio** voltou com uma força muito grande, editorial, de circulação, etc., e eu fiquei no jornal durante três anos e meio, quase quatro anos. Foi quando me chamaram para trabalhar novamente no **O Estado do Paraná**.

Voltei para **O Estado**, onde fiquei até dois anos atrás, quando já aposentado me desliguei. Essa é a minha carreira em jornal.

Sharon – Então, podemos concluir que a maior parte do seu trabalho como jornalista, aqui em Curitiba, foi dentro do **O Estado do Paraná**?

Assis - Em tempo foi. Houve grandes coisas que considero ter feito dentro do **O Estado**, não obstante eu achar que um grande desafio meu foi reabrir o **Correio de Notícias**. Foi um grande desafio porque ele teve muito sucesso. Agora, a minha história, mesmo, está ligada ao **O Estado do Paraná**. As reformas que fiz no jornal, as mudanças, a transição toda que o jornal sofreu devido à evolução da técnica, uma coisa muito rápida e muito radical, tudo mudou muito rapidamente.

Os jornais paranaenses acompanharam muito bem essa virada que deu no mundo. Não ficou devendo nada a veículos de outros estados, de grandes metrópoles, como São Paulo e Rio. Acompanhou bem. Foi uma mudança surpreendente.

Eu comecei em jornal fabricado em chumbo, na fase que classificam como romântica. O jornalista era um boêmio, os jornais rodavam na madrugada, era tudo muito artesanal e o jornalista acompanhava esse ritmo. Eram redações muito alegres, fazia-se tudo com bom humor, grandes coberturas. Coberturas, inclusive, históricas, porque não se tinham muitos meios, mas se faziam grandes coberturas. Então começou a evolução. Você saiu de uma redação onde trabalhavam com máquina Olivetti, aquelas maquininhas de fita, manual, e começou a fase de entrada de uma pré-informática.

Por exemplo, o gravador da época, era muito raro usar gravador, era gelatinoso, grande, com fita que durava pouco também. Você usava uma fita daquela para uma hora de gravação. Usava-se muito pouco, era um trambolho, você não tinha como carregar aquilo.

Então começou a chegar essa evolução, os jornais foram se adaptando, os tempos foram se encurtando. Você saiu de um telefone magneto no qual se demorava 12h para fazer uma ligação daqui pra São Paulo. Curitiba tinha dois, três mil telefones, no máximo, você precisava do apoio da telefonista para chamar de um número para outro.

Também apareceu uma coisa muito importante que foi a caneta **Bic**. A geração que continuou no jornal teve que se adaptar muito rapidamente com transformações “da água para o vinho”. Tínhamos a tecladora, que perfurava as fitas, essa fita ia para uma máquina que chamávamos de computador, mas que não era computador. Era uma máquina de leitura de fita, que lia a fita e compunha.

Saímos daquela fase em que o jornal era confeccionado com chumbo derretido para entrarmos na do papel. Do papel evolui-se para o filme. Do chumbo, do alumínio para o zinco, até chegar ao que é hoje.

Quando é que você poderia imaginar um celular, um computador, um notebook, a transmissão de uma fotografia de um campo de futebol pelo celular. O jornalista ia para um campo de futebol e quando terminava o jogo ele vinha para a redação para escrever a matéria. O fotógrafo para revelar o seu filme, naquele processo demorado, para depois ir para o zinco e do zinco para o chumbo para ser impresso. Isso tudo que demorava, vamos dizer, 10h, se faz hoje em minutos, de qualquer ponto. Você iria fazer uma cobertura, por exemplo, em Paranaguá, o repórter tinha que chegar de volta à redação para fazer sua matéria na máquina Olivetti e o fotógrafo para revelar o filme. Hoje não, o repórter vai para Paranaguá e de lá passa a matéria pelo seu celular, ou vai para o notebook, prepara a matéria, o fotógrafo põe o seu disquete no computador e manda a fotografia. Depois vem tranquilamente para a redação já com a matéria entregue.

Com isso, mudou toda a maneira de se fazer jornal. Acabou o romantismo, aumentou a responsabilidade, porque hoje você pode checar tudo. Antigamente era impossível. Como é que você iria conferir uma notícia que recebíamos de São Paulo. Um acidente qualquer em São Paulo com 10 mortos. A gente sabia quantos eram mesmo? Será que não são doze, ou nove? Você não tinha como ligar. Hoje não, hoje em qualquer momento você liga e confirma.

Então, esse progresso, essa revolução tecnológica, mudou radicalmente o profissional. Quem está entrando no mercado agora já vem pronto. O veterano não, teve que alterar o método, a linguagem dele. A linguagem é outra.

A imprensa escrita teve que se adaptar, teve que mudar, porque você tem uma grande concorrência hoje da televisão, da internet. Hoje a informação de um fato qualquer que acontece ao meio dia, teoricamente, todo mundo já conhece quando você for fazer o jornal. A informação que você vai transmitir sobre esse fato no jornal do dia seguinte é outra. Você não pode se limitar a dizer que o fato aconteceu, tem que dizer por que aconteceu, tem que completar aquela informação, que o teu leitor até pode conhecer, mas que não prestou muita atenção.

Quando eu comecei profissionalmente, em 1961, os donos eram o Aristides Merhy e o Fernando Camargo. Eu já tinha saído do **O Estado do Paraná** e ido para o **Última Hora** quando o Paulo Pimentel comprou o jornal, em 1962. Quando voltei

em 1965, o dono já era o Paulo Pimentel e foi inclusive a convite dele que eu voltei. Vindo de São Paulo, com uma excelente experiência num grande jornal que era o **Última Hora**, rapaz novo ainda, minha carreira foi muito precoce, peguei aquele jornalão na mão, que eram **O Estado do Paraná** e a **Tribuna do Paraná**.

Em 1965, fiz uma grande reforma gráfica, que historicamente foi a maior reforma gráfica e editorial feita em um jornal do Paraná em todos os tempos. **O Estado do Paraná** era um jornal pesado, antigo, ao estilo do século passado, muito tradicionalista, com uma cara que lembrava muito os jornais italianos, os jornais franceses.

Eu comandeí essa grande reforma gráfica e editorial no jornal tendo como meu braço direito uma grande artista, chamada Clara Conte. Ela era uma artista gráfica, gaúcha, com passagem por Buenos Aires, pelo **Clarín**, autora da “cara” do **Última Hora** de São Paulo. Como era muito amigo dela, trouxe-a para me ajudar e ela me deu o padrão gráfico do jornal em 1965, trazendo para a tipografia letras até então nunca utilizadas na imprensa diária, o Bodoni, que era usada, muito raramente, em revista e que passou a ser o padrão gráfico do jornal.

Isso diferenciou jornal, deixou o jornal muito bonito, mais limpo, com um visual muito bom e fez na época um sucesso enorme. Isso é facilmente comprovado folheando as edições dos arquivos. Você tinha um jornal antes da reforma e outro depois da reforma. Percebe-se ali uma revolução.

Essa reforma provocou, aqui no Paraná, a reforma nos demais jornais que circulavam. Todos os jornais tiveram que se mexer. O grande jornal que concorria com **O Estado do Paraná** na época era o **Diário do Paraná** – a **Gazeta** na época era um jornalzinho insignificante, muito feio, muito mal feito, era um boletim de pequenos anúncios. Hoje eu posso dizer que considero a **Gazeta** um dos grandes jornais brasileiros. Acho a **Gazeta** um jornal muito bom, até a classifico entre os cinco maiores do Brasil. Mas, na época, era um lixo.

Eu conduzi o jornal nesse período de 1965. Temos que acrescentar a isso um fato muito importante, que era a situação política do Brasil, o período mais negro da história do Brasil na ditadura militar, que foi crescendo até atingir o ápice com a Ato Institucional nº 5. A partir daí o ar ficou irrespirável, as liberdades foram todas para o brejo, a liberdade de expressão foi para o lixo, a tutela militar em cima dos meios de comunicação era rigorosa, principalmente no período do general Médici, com o

ministro da justiça Alfredo Buzaide, o período mais negro que nós tivemos depois da ditadura do Vargas.

Mas, eu era novo, um guri atrevido, tinha pouca noção do perigo, fazia o melhor jornal que podia fazer naquelas circunstâncias todas. Lendo livros que são editados com as histórias da imprensa, etc., quando se fala muito da ousadia de certos jornais do Rio e de São Paulo, fico até chateado, porque a ousadia aqui foi grande, às vezes, maior do que a de certos jornais, como o **Jornal do Brasil**, como **O Globo**, ou tão grande quanto. Eu me lembro da manchete do jornal **O Estado do Paraná** anunciando a emissão do Ato Institucional 5, em dezembro de 1968. A manchete do jornal era essa “Todo poder nas mãos dos militares”, manchete principal. Foi uma manchete corajosa, tão corajosa quanto às reações do **Estado de São Paulo** e do **Jornal do Brasil**.

Sharon – Essa ousadia refere-se somente ao combate a ditadura ou o senhor estenderia essa palavra ao que se refere à reforma, na forma de se fazer imprensa aqui no Paraná?

Assis – Ouve muita ousadia, muita coisa nova que se fez, que se tinha dúvidas se daria certo, então experimentamos. Eu sempre usei como argumento que jornal sai todo dia, todo dia você tem uma edição diferente. Se fizer uma coisa que não é boa hoje, você tem chance no dia seguinte de consertar, mas não pode deixar de fazer. Poucas vezes eu tive que voltar atrás. Na época em que eu fazia essas mexidas, as revistas semanais eram poucas, o **Cruzeiro** e a **Manchete** – a **Veja** não tinha aparecido ainda. Então, foram ousadias no modo de escrever, de apresentar as matérias, as experimentações que se fazia de ilustração do jornal, a ousadia de, muitas vezes, enfrentar a censura, colocando uma mulher seminua na primeira página, que a censura não aprovava. Experimentávamos para ver o que acontecia, muitas vezes não acontecia nada e você continuava fazendo. Então, mudou-se muita coisa em cima de experimentos. Na época, tínhamos muita dificuldade de se encontrar um ilustrador, alguém pra fazer um desenho. Hoje é mais fácil, tem escola de design, nós temos bons artistas gráficos. Aliás, o Brasil tem uma escola gráfica maravilhosa, eu acredito seja a melhor do mundo.

Mudou-se muito. Nós tivemos na imprensa brasileira grandes profissionais que ensinavam, vamos dizer, a uma geração mais nova ou mais distante dos

grandes centros, como funcionava. Grandes textos, a grande escola que foi pra todo mundo o **Jornal do Brasil**, que infelizmente fechou agora.

O **Jornal do Brasil** tinha um texto maravilhoso em toda sua edição. Era tudo caprichado, aquele português gostoso das matérias, cada matéria era uma literatura, a simples notícia de um acidente de trânsito era posta com classe. Isso tudo nos ensinava. E a gente, aqui na província, tentava ir além disso. Talvez, por estar mais distante dos focos, dos centros de cobrança - São Paulo e Rio -, podíamos ser mais atrevidos. Lembro-me de uma manchete que dei no jornal, que eu nunca vi em jornal nenhum, nem no **Estadão**, nem na **Folha**: “Curitiba joga merda na água que bebe”, manchete do jornal de uma edição de domingo. Por que isso? Para chocar, eu fiz essa manchete em cima de outra ideia: “Curitiba joga esgoto na água”, era pra denunciar a poluição das águas. Vamos por merda de uma vez para chocar a burguesia, chocar as pessoas, e saiu. Saiu talvez porque fosse Curitiba, apesar de Curitiba ser uma cidade muito rigorosa, cobrar muito. Curitiba, dizem até hoje, é uma cidade fria, exigente, pela nossa formação, pela nossa miscigenação, criou-se um povo diferente, que rejeita muita coisa. Então, tinha-se que ter um cuidado muito grande naquilo que se fazia. Esse cuidado eu sempre tive.

O jornal **O Estado do Paraná**, historicamente tem fato marcantes: foi o primeiro jornal a sofrer censura prévia no Brasil, a presença, na redação do jornal, de um agente oficial fiscalizando o que iria sair, eu tendo que submeter a ele o jornal inteiro. No primeiro dia dessa censura, ele vetou trechos de várias matérias, trechos que considerava ofensivo ao regime, estando pronta a página em chumbo na oficina. Cortar uma linha num texto em chumbo não é deletar no computador, teríamos que refazer tudo. Então, eu peguei a parte que ele censurou e mandei passar a fresa em cima. A fresa era um equipamento para fazer a limpeza de rebarba de chumbo e tinha uma broca na ponta que “comia” o chumbo. Então, comeu as linhas censuradas e no dia seguinte saiu o jornal com aqueles buracos em branco. Em função disso, veio a ordem do Ministério da Justiça proibindo deixar espaços em branco que pudessem denunciar censura. A partir desse fato, o **Estado de São Paulo** passou a usar trechos dos Camões na primeira página, o **Jornal da Tarde** passou a usar receitas culinárias e a editora **Abril** passou a tapar os buracos censurados com a árvore símbolo da editora. Quem originou isso foi **O Estado do Paraná**. Nessa época eu era diretor do jornal e atendia o censor que ficava sentado na minha sala.

Sharon – A interferência do censor resumia-se ao conteúdo do texto ou interferia também na linguagem do jornal?

Assis - Na evolução dessa censura veio a questão moral. Tinha um coronel qualquer que não gostava de mulher pelada, então proibiu as revistas, os jornais, de publicar fotos de mulheres seminuas. Daí tinha outra autoridade militar que se chocava com notícia policial. Então, proibia-se foto chocante de acidente de trânsito, por exemplo. Foi essa época que todos sabem muito bem que eles vieram em cima de música, de Chico Buarque, de Geraldo Vandré, vieram em cima de teatro, passaram a tutelar o país, a produção literária, a produção jornalística.

Sharon – Voltando para a reforma gráfica. A ideia partiu do senhor ou foi um pedido do Paulo Pimentel, dono do jornal?

Assis - Não, eu não pedia palpite pra ninguém, não pedia ordem pra ninguém. Eu era um guri novo, tinha vivido uma grande experiência no **Última Hora**, aprendi muita coisa nesse jornal. Era um bom diagramador, aprendi a diagramar bem. Tinha como minha gurú a Clara Conte - ela era uma grande artista gráfica e me ensinou.

Quando cheguei no jornal em 1965, foi um ano diferente. Era um ano político, estava havendo uma campanha eleitoral para eleger o sucessor do Ney Braga. O Paulo Pimentel, dono do jornal, era candidato contra o Bento Munhoz da Rocha. Eu assumi **O Estado do Paraná** a convite do Paulo Pimentel, mas com grande respaldo, com grande respaldo político também. Então, quando entrei no jornal disse: “vou reformar isso aqui”, e parti para a reforma.

Sharon – O que estimulou, incentivou, o senhor a executar a reforma? Foi sua experiência no **Última Hora**?

Assis – Não, foi a vontade de mexer, mesmo. Eu achava o jornal feio e queria melhorar aquilo. Sabia que podia contar com a Clara, telefonei pra ela e ela disse: “Mussa, o que você quiser eu te ajudo”, e era isso que eu precisava. O apoio interno da redação era dividido. Tinha um pessoal mais antigo que não aceitava e tinha o pessoal mais novo que topava. Então, na hora de executar essa reforma, enfrentei

um problema sério porque alguns veteranos entraram em férias, outros se encostaram, outros fizeram corpo mole, mas eu tinha um bando de gurizada lá dentro, triplicou o trabalho deles.

Era 1965, os *Beatles* tinham acabado de surgir na Inglaterra. Estava começando a se ouvir a música do grupo no Brasil e qual foi a grande matéria que **O Estado do Paraná** deu no segundo caderno: a matéria dos *Beatles*, escrita por um grande jornalista chamado Aramis Millarch, contemporâneo meu, que fez um texto especial sobre a banda para inaugurar aquela edição da reforma. Lembro-me que o Aramis escreveu: “esses cabeludos de Liverpool vão mudar o mundo”. Uma coisa profética, dito quando se tinha 10 pessoas no Brasil que conhecia os *Beatles* era muito. Para ilustrar essa matéria, a Clara Conte não se contentou em dar a foto dos *Beatles*. Ela colocou a foto da formação da banda, mas pegou outra foto e cobriu o rosto dos *Beatles* com guache branco, deixando só a cabeleira sem cobrir. Então, o alto da página era a cabeleira, o cabelo de cada *Beatle*, o que era chocante para a época, homem de cabelo comprido. Nos padrões de hoje, eles eram ridículos. Era cabelo bem comportado, mostrando a orelha, não são os nossos boys de hoje que fazem trança. O cabelo deles estaria perfeitamente bem comportado, poderia ser qualquer executivo de grande empresa com aquele cabelo, sem chocar o dono da empresa.

A edição saiu à rua também com este detalhe, além de inovar na tipografia, nas matérias políticas, matérias mais sérias. No segundo caderno tinha uma brincadeira talentosa e um texto genial do Aramis - logo depois se comprovaria que eles mudaram o mundo.

Eu fiz a reforma por conta própria. Surpreendi muita gente porque eu não havia contado para ninguém. Lembro-me que eu estava em casa, solteiro ainda, morava com a minha mãe, quando ela me acorda e diz: “filho, levanta que em cima da mesa tem uns 30 telegramas para você”. Naquela época o meio de comunicação era o telegrama, telegrama fonado. Então, lembro-me que abri o primeiro telegrama que era um elogio de um grande publicitário, o Norberto Castilho, pela edição. Ele era dono de uma agência de publicidade importante de Curitiba e me manda um telegrama, o primeiro, eu me lembro, essas coisas a gente não esquece, o primeiro telegrama que abri era aquele, “parabéns, grande jornal, que beleza”. Fora as outras manifestações de todas as áreas durante aquela semana, porque de fato a reforma sacudiu.

Sharon – O que mudou? Quais foram os pontos, a partir da reforma gráfica, que o senhor considera que mudaram no jornal?

Assis - O jornal mudou de estilo, saiu o feijão com arroz que era o normal da cobertura e foi para um texto mais opinativo, ganhou a parte de opinião muito boa, quando o jornal escrevia o que pensava, fato que acabou ocorrendo, ficou sem limite de cobertura, não tinha área vetada, dar tudo o que aconteceu, a grande norma adotada era essa, aconteceu é lei. Quando alguém reclamava a gente dizia, mas aconteceu, não é mentira, se for mentira a gente retifica, mas se for verdade não me perturbe.

Mudamos tudo. Essa mudança foi progressiva, foi ganhando dia-a-dia, o jornal ganhou uma personalidade muito boa. Tanto que quando o jornal saiu da fase que eu chamo de gráfica e foi para a *off-set*, que já era um avanço puro na parte técnica, o jornal mudou de sede, mudou todo o sistema de confecção, de um dia para o outro, sem interrupção. Foi feito um preparo tão grande que o jornal **O Estado do Paraná** rodou no sábado nas antigas máquinas e no domingo nas novas.

Foi uma edição dominical que saiu do chumbo e foi para o *off-set*. A grande mudança foi no chumbo, em 1965. Quando o jornal mudou para *off-set*, isso em 1974, o jornal aproveitou e fez uma outra reforma, porque o sistema de confecção dele era outro. Então, eu podia mexer no jornal privilegiando aquilo que de melhor o *off-set* tinha, que era a fotografia. Pelo sistema tradicional do chumbo a fotografia parecia um borrão, comparada ao *off-set*. Então, saímos de uma foto feia para uma fotografia bonita, e até colorida. Mudou tudo no jornal: onde se usava material pesado para fazer o jornal, se usava caneta **Bic**, caneta nanquim, os fios todos do jornal eram feitos com caneta nanquim. No outro sistema era com barra de chumbo. Aquela página que iria para a máquina, que pesava 20 Kg, passou a pesar 10g, 20g. O que você demorava uma hora para fazer, fazíamos em 10 minutos. Tudo isso capitalizei da ida para o *off-set*, ou seja, o jornal fechava meia noite, eu já podia fechar esse jornal às 23h, sem perder nada daquilo que já tinha. E com isso, vão se mudando os profissionais, também. A máquina dá condições para que o profissional também mude. Começa a aparecer a tecnologia, vai mudando tudo.

Sharon – Até 1965 não havia diagramação formal, o que era feito era uma paginação?

Assis - Até aquela reforma gráfica, ficava por conta da oficina a colocação da matéria na página. Não havia cálculo, não havia nada. Você jogava a matéria, ela não cabia na primeira página, então punha no final “continua na página dois”. Daí na página dois o burquinho era pequeno, ia um pedacinho da matéria e “continua na página três”. Tem matérias que estão seqüenciadas em quatro ou cinco páginas. Outras matérias não terminam porque não cabia no espaço e o chefe da oficina pegava o primeiro ponto que tinha e parava ali. Como acontece com a matéria principal. Você olha a página é visível que tem uma matéria mais importante do que a outra. Estava no pé da página, por quê? Porque o chefe da oficina, o paginador achava aquela matéria ruim e punha embaixo, não tinha critério nenhum. Então, eu pegava uma página, pegava uma matéria que tinha uma ilustração, tinha uma fotografia e ia pra cima, independente se a de baixo fosse mais importante. Era importante ter uma fotografia no alto da página. Só que ela que ia, a matéria importante ia para o pé.

O Estado, com a Clara, uma semana antes da reforma, eu localizei quatro ou cinco profissionais bons da oficina, que tinham noções de cálculo de matéria, etc., e transformei em diagramador. Então a matéria já ia para a oficina do tamanho certo para caber naquele buraco. Foi aí a origem da diagramação. Depois foram se formando diagramadores, no começo sem formação escolar e de uma etapa em diante saindo das universidades, das faculdades. Eu dei aula muitos anos na Faculdade Católica, formei muitos profissionais dessa área.

Sharon – A entrada da diagramação com a reforma gráfica influenciou o modo de se fazer o texto?

Assis – Claro. Aí começou uma etapa que os profissionais mais velhos chamavam de “ditadura gráfica”. Essa ditadura gráfica obrigava o profissional a fazer um texto com x linhas, porque se ele fizesse com mais não cabia, e a bater um título com tantas batidas, senão não cabia no espaço do título. Quando que na fase anterior você vai ver títulos dobrados, tinha títulos de páginas com três linhas, quatro linhas. Tinha título de página que você pegava a palavra quebrada, jogava o resto da

palavra para baixo porque não tinha essa ordem gráfica. Então, o que no começo a gente chamava de “ditadura gráfica”, virou norma. O repórter chegava na redação e já gritava: “qual o espaço que eu tenho”, e o editor dizia “20 linhas”, então tinha que por em 20 linhas. Raramente o repórter mudava isso. Tinha o repórter lutador “não, espera, minha matéria é muito boa”, que obrigava o editor a eliminar uma matéria de baixo e por aquela mais extensa.

Sharon – Essa ditadura gráfica significa a entrada do que os livros de história da imprensa apontam como a introdução da influência do modelo americano, a utilização do *lead*, da construção do texto na pirâmide invertida?

Assis – A escola americana de fato influenciou. Tem o Frezer Bond, um jornalista americano, autor do manual sobre jornalismo que acabou virando bíblia. Esse Frazer Bond emitiu alguns conceitos dele próprio, ouvido de outros, que influenciaram bastante. Nasceu aí o *lead*, *sub-lead*, a hierarquia das palavras dentro do texto. Então, os mais preciosistas, o bom redator, aquele redator que dominava o vernáculo, que dominava a língua, chegou ao preciosismo de estabelecer ordem nas palavras – primeiro escreva o sujeito, depois o verbo, depois o complemento, frase curta, não usar certas expressões, acabar com o lugar comum. Isso aí, eu acho, deu origem a uma nova imprensa.

Mas nunca devemos desprezar dentro disso a influência decisiva, marcante, impressionante do **Jornal do Brasil**. Durante muitos anos foi a grande escola do jornalismo brasileiro. Os grandes textos, aquela presença dos *copy desks*, eles reescreviam tudo. Você pegava uma edição do **Jornal do Brasil** e parecia que era uma pessoa só que tinha escrito toda a edição do jornal, porque o texto era puro, sempre, era limpo, os títulos magistrais. Eu me lembro que quando morreu o Emignhai, o **JB** deu um título usando só os títulos dos livros dele. Terminava assim: “Emignhai, por quem os sinos dobram”.

O **Jornal do Brasil** promoveu a grande revolução. Tem origem na escola americana, evidente. Matéria em forma de pirâmide invertida, o *lead* (que é o resumo mais o melhor), *sub-lead* (complemento do lead), tudo isso que qualquer aluno aprende é de origem americana. Mas quem ensinou a fazer jornal no Brasil foi o **JB**. Eu aprendi demais com o **Jornal do Brasil**. A segunda grande revolução na imprensa brasileira, depois do **Jornal do Brasil**, veio com o **Jornal da Tarde**. O

Jornal da Tarde que era o vespertino do **Estadão**, também inovou, criou uma nova escola, fez um sucesso maravilhoso, mais que conquistar o leitor, conquistou o profissional de imprensa. Isso é a mesma coisa que se vê hoje, por exemplo, a CBN veio e mudou o padrão de rádio. Você pega a **Band News** que é boa, mas a origem é a **CBN**.

Sharon – O **JB**, então, foi o grande incentivador das mudanças que ocorreram nos demais jornais brasileiros, inclusive os paranaenses?

Assis – **JB** e o **Jornal da Tarde**.

Sharon – Na reforma de 1965, além do aspecto gráfico e textual, houve mudança no que se refere ao comportamento profissional? Existiam os manuais de redação?

Assis – Claro. Havia manual de redação, aquela cartilhasinha.

Sharon – O manual foi introduzido com a reforma?

Assis – Com a reforma. Aquela cartilhazinha ensinando o cara a bater título, a como apresentar a matéria condenando lugares comuns, que eram muito utilizados no texto. Tudo isso os manuais tentaram impedir. Até porque na pressa de se fazer o jornal, na velocidade que a coisa acontece, você não tem muito tempo pra estar consertando. Quando o erro se estabelece, dificilmente se conserta. Se o repórter bate uma notícia errada, o editor “come bola”. É muita pressa, você não tem tempo para estar checando.

Sharon - Antes da introdução da reforma não existia nenhum tipo de regulamento?

Assis - Sempre teve um tipo de regulamento. Quando o jornal não tinha o seu próprio, adaptava-se a algum outro. Tinha o manual de redação da **Tribuna da Imprensa**, do Rio de Janeiro, feito pelo Carlos Lacerda, que até hoje é perfeitamente atual. É escrito com uma genialidade, debocha de diversas expressões. Esse manual veio para dar uma ordem interna e para tentar harmonizar as coisas. Até porque, pelo meu estilo, nunca deixei criar baias dentro do jornal.

Aquela baia em que tem um cavalo em cada chiqueirinho. Eu sempre tive redações abertas, com todo mundo misturado. Se eu voltar a dirigir um jornal hoje vai ser assim, redação aberta, porque se permite o diálogo entre as pessoas, e nada melhor para criar um espírito de solidariedade do que ficar conversando. Caso contrário você cria dentro do jornal ilhas de inteligentes numa área e de burros na outra. O cara de esportes só fala de esportes...Quando você mistura o pessoal, você cria uma cultura eclética. De repente, é um cara de esporte que fala de política, você pode encontrar dentro da redação um cara que gosta de futebol, mas que gosta, entende, de música, e é um cara apto a fazer uma crítica musical.

Na mudança para a redação nova, que era um período em que todo mundo estava enfrentando a grande novidade, todo mundo que chegou ali, com exceção de meia dúzia, tinha experiência naquele setor. Eu adquiri experiência porque me mudei pra lá seis meses antes, então, durante seis meses só fiquei preparando essa mudança. Diagramando, fazendo bonecos de jornal, fazendo experimentos. Então, quando esse pessoal desembarcou numa redação nova, tendo a frente o computador, tendo a frente um sistema todo diferente, uma redação mais silenciosa, foi um choque. Todo mundo teve que reaprender sua profissão. A única coisa que você não precisa mudar é o talento da pessoa, o conhecimento que ela tem, aonde ela for vai ser boa do mesmo jeito. Se for talentosa, a pessoa senta num computador e escreve uma matéria sobre um assunto qualquer. Esse texto pode ir para uma revista, para um jornal. É isso o que a máquina não muda.

Sharon - Nessa época da reforma de 1965, o jornal recebia muita matéria de agências de notícia? Quais eram os equipamentos de que a redação dispunha?

Assis - Era precário. Eram poucas agências e muito difícil a recepção disso. Desde aquela época, a grande agência era a **UPI, United Press International**, que dominava. Tinham outras agências como por exemplo a **Associat Press**, americana e bem independente. Tinha uma agência italiana, chamada **Anza**, uma alemã, a **France Press**, francesa, eram agências que mandavam notícias. A melhor para jornal era a **UPI**, que às vezes mandava um volume grande, tinha uma cobertura bem ampla, muitas vezes tendenciosa, mas ampla, e chegava ao jornal pelo teletipo. Era uma transmissão feita pelo sistema de rádio de Nova Iorque para o mundo inteiro e que aqui no Brasil era recebido por rádio, transformado em sinal de telex.

Recebia em rádio e transformava em impulsos que acionavam teclas, então, a máquina escrevia sozinha. O noticiário do Brasil era super deficiente, obrigava todos os jornais a ter um sistema de rádio-escuta. Sempre tinha alguém numa salinha gravando tudo o que acontecia no Brasil, naqueles grandes aparelhos de gravação gelatinoso. Recebíamos a notícia e passávamos para o papel, a notícia virava cinco linhas. Era deficiente.

As fotografias vinham por radiofoto. Existiam dois sistemas para o recebimento de fotografia: radiofoto, feito por rádio, e telefoto, que era por telefone. Demorava-se quinze minutos para receber uma fotografia. Então, a fotografia era transformada em sinal de rádio e na redação do jornal eu tinha um aparelho que recebia esse sinal e transformava em impulsos elétricos que, de acordo com o tom, mais grave, menos grave, acendia uma lampadazinha que inseria, no papel fotográfico, as imagens. O som grave era preto, o som agudo era branco, os meios tons cinzas, mais cinza, menos cinza, e saíam aquelas fotografias horríveis. Muitas vezes você estava recebendo uma fotografia e passava um avião sobre a redação. Isso dava um risco na foto. Você pega jornais da época e vê todos eles com fotos horríveis. Então, você publicava essas fotos do dia e depois recebia pelo correio um envelope com fotos bem copiadas de fatos que não perdiam a validade, como a do nascimento de um hipopótamo no zoo de Munique, que ficavam como reserva técnica.

Sharon – A reforma de 1974 focou mais na questão gráfica, pela introdução da off-set, ou também houve mudança na forma de produção textual e da cultura da redação?

Assis – Teve que mudar, porque o sistema gráfico impôs mudanças também no sistema de redação. As dificuldades que tínhamos no sistema gráfico de chumbo desapareceram. Podíamos usar muita pesquisa, ilustrar melhor, fazer o que chamávamos de “páginas gráficas”, com o uso de bastante fotografia, podíamos usar bastante fotos coloridas. Então, tudo isso obrigou a mudança no texto, também. Você não precisava mais descrever a foto do ipê colorido da **Praça Tiradentes**. Está colorido, o leitor estava vendo a foto daquela árvore toda amarela.

Sharon – As duas principais mudanças que aconteceram no jornal entre a sua chegada até a década de 1980 foram essas duas reformas ou houve mais algum momento significativo de mudança tanto gráfica quanto de linguagem?

Assis – De cobertura. **O Estado do Paraná** saiu daqueles três, quatro repórteres e montou uma equipe grandiosa. Tínhamos vinte e tantos repórteres, cobertura ampla, folheando o jornal você pode ver, grandes coberturas de cinco, seis páginas. Era muito raro vir pra cá um presidente da república, agora é corriqueiro, mas na época davam-se cinco ou seis páginas para a vinda de um presidente da república. Não se perdia nada. Havia uma disputa muito grande pelo furo, pelo chegar antes.

Uma vez encostou um navio chinês na baía de Paranaguá com muitas pessoas mortas. Ninguém sabia se era uma peste, um psicopata, alguém que envenenou essas pessoas. Nós fomos para lá com tudo. Cobertura diária, 24h por dia, alugávamos barcos para encostar no navio, fotografar de perto. Isso a partir de 1965, perdurando até pouco tempo atrás. Isso se vê muito agora na **Gazeta**, que investiu bastante na reportagem.

Sharon – Os dois grandes momentos de mudança foram mesmo foram 1965 e 1974?

Assis – Porque a mudança gráfica fica registrada com muita força, a mudança de texto só se alguém chamar a atenção. Você pode perceber uma mudança de texto, de conceito, etc., ao longo de um tempo, vai levar um tempo para você perceber isso, pra todo mundo perceber. Agora, quando muda o visual, muda tudo. Eu sempre dei muita importância ao visual. Sempre dizia que o jornal parecia estar vestido de noiva, nenhuma noiva é feia. Você não vai querer que o leitor vá até a banca e compre um jornal feio. Tem que dar um estímulo pra ele comprar. Então, usa-se o visual para atrair o leitor para o texto. Um texto bem apresentável é outra coisa. Quanta gente não lê jornal porque é difícil de ler, porque a matéria está jogada, mal ordenada, é muito comum isso. Eu não gosto de ler a **Veja** e a **Isto É** por causa disso, é difícil de ler, porque visualmente não fizeram bem feito. Então, o primeiro atrativo é esse, você vai conquistar o leitor dando uma coisa bonita para ele.

Sharon – Diversos autores colocam o **Diário** como o grande precursor das reformas pelas quais os demais jornais passaram após sua chegada, por ser o primeiro jornal a ter um diagramador. Essa concorrência existia?

Assis – O **Diário** nasceu na década de 1950. Entrou no Paraná por uma grande corporação chamada **Diários Associados**. Tinha aqui a **Gazeta do Povo**, que era um jornal ruim, o **O Dia**, que era o jornal mais importante da época e o **O Estado do Paraná** nascendo, precariamente. Os **Diários Associados** inauguraram um jornal com o respaldo da televisão; não era só o **Diário do Paraná**, tinha o canal 6 também. Uma grande estrutura ligada a uma rede nacional, que tinha como elemento de ligação uma agência chamada **Meridional**, além do apoio de grandes veículos de fora do Paraná. Então, o **Diário** instalou-se aqui tendo o respaldo do grande jornal paulista **Diário de São Paulo**, o **Jornal do Recife**, o **Estado de Minas** - os **Associados** eram a maior rede de jornais do Brasil.

O **Diário** entrou com a obrigação de “comer” os demais, montou uma boa redação e trouxe um diagramador argentino. Nasceu mais disciplinado, diante dos que existiam na época, mas era um jornal feio, também. Apesar de ser ter diagramadores, ele não era um jornal totalmente diagramado. As primeiras páginas eram diagramadas, as capas dos cadernos, mas dentro era aquela bagunça. Um disciplinamento gráfico mantinha a unidade do jornal e de sua produção. Por exemplo, tinha uma coluna de turfe, essa coluna era sempre diagramada do mesmo jeito. Tinha uma coluna de política, quem fechava essa coluna já fechava diretinho. Mas, de fato, foi a primeira disciplina que se teve. Naquela época, o **Diário do Paraná** tinha uma bela redação, com bons textos, Ayrton Batista, Luiz Geraldo Mazza, René Dotti, José Richa, Antonio Marcos Coelho, eram pessoas que escreviam bem. Isso no meio da década de 1950.

O **Diário** nasceu com alguns defeitos: com uma máquina antiga, feia, imprimia um jornal fora de bitola, era um jornal que parecia ser quadrado, difícil de manusear. Nesse ponto perdia para **O Estado do Paraná** que tinha uma máquina mais nova. Mal feito, mas melhor, onde eu volto a repetir: o visual. Mas é fato, é verdadeiro isso, o **Diário** foi precursor de uma série de coisas.

Sharon – Essa vanguarda do **Diário** se deu no momento de início da circulação do jornal ou ele manteve a preocupação de continuar inovando?

Assis – Não, eles pararam no tempo e a própria crise dos **Diários Associados** colocou o jornal em crise. Apareceu o fenômeno **Última Hora** que era, na área escrita, uma rede concorrente dos **Diários Associados**, concorrente, inclusive, ideologicamente. O **Diário** era um jornal de direita, que defendia interesses de direita do Assis Chateaubriand, enquanto o **Última Hora** era um jornal de esquerda, do Samuel Weiner. O grande esquema do **Última Hora** era defender a classe operária, defendia o direito de greve, o Getúlio Vargas, defendeu o Jango até a sua queda. Por isso, o **Última Hora** explodiu, vendia mais que qualquer jornal, em qualquer lugar. Tirava 35 mil exemplares, um número que até hoje surpreende. Quando eu saí do **Última Hora**, no final de 1964, a última tiragem que eu autorizei foi de 40 mil exemplares. Em Curitiba vendia feito água. Logo, colocou em crise os demais jornais. A **Tribuna do Paraná** saiu imitando o **Última Hora**. Quando ele parou de circular no Paraná, em setembro/outubro de 1964 (nesse período eu secretariava o **Última Hora** de São Paulo), todo mundo quis se asenhorar no espaço deixado vago pelo jornal. A **Tribuna** se sacudiu, criou uma coluna chamada **Hora Nova**, mas o que mais tentou foi o **Diário do Paraná**, e isso decretou o fim do **Diário**, no meu ponto de vista. Porque ele tinha uma linha editorial que era de direita, não era um jornal escandaloso e passou, de repente, a falar em greve, a publicar fotos de acidente de trânsito na primeira página, ampliou a cobertura policial. Sabe qual era o slogan do **Diário do Paraná**? “O jornal da família paranaense”. De repente, deixou de ser o jornal da família, tudo aquilo que o curitibano virava o nariz ele passou fazer, perdeu os leitores que tinha, de direita, e não conquistou o outro lado, essa foi a decadência e o fim. Fim que foi acontecer exatamente quando **O Estado do Paraná** mudou para off-set em 1974. Logo depois o **Diário** foi para o buraco.

Sharon – Podemos dizer que entre as duas reformas não houve grandes mudanças? Seguiu-se mais ou menos o mesmo padrão?

Assis – Foram mudanças circunstanciais. O jornal sempre mudou na minha mão. Todo mês tinha uma novidade, uma coluna nova, uma apresentação diferente, você aprendia muita coisa. Por exemplo, nós tínhamos muita dificuldade com desenhistas. Um dia, alguém do setor de foto mecânica, da clichéria, disse que se

tirássemos a retícula da foto ela viraria traço. Como? Para fazer sair uma fotografia no jornal, na época, você tinha que aplicar uma retícula (são pontinhos), para mandar para o clichê. Gravava em zinco e dali a fotografia ia para o jornal. Então, a retícula permitia perfurar a chapa de alumínio e formava relevo, senão não imprimia, seria um chapadão preto. O que estabelecia a face da pessoa era a conciliação da retícula: onde fosse muito concentrada saíria o preto, onde fosse menos saíria o branco. Esse rapaz, que era um operário, só entendia daquilo, me disse que se na hora de eu passar a fotografia para o zinco eu eliminasse aquela folha de retícula, essa foto seria traço, seria um desenho. Descobri o ovo de Colombo. Eu queria dar uma foto sua e fazia uma pintura. Faziam-se essas inovações que provocavam certo burburinho.

Eu sempre fazia alguma mudança: uma coluna nova, uma matéria bem feita, uma grande cobertura.

Agora, graficamente, como ruptura, foram essas duas reformas. Depois, mais recentemente, mudamos o formato para *berliner*. Depois foi criada uma tipografia própria para o jornal.

Sharon – Dentro desse período, o senhor destacaria mais algum aspecto relevante da nossa imprensa?

Assis – Sim. A grande imigração de profissionais daqui para fora, que eu acho muito importante. Gente que começou aqui, com uma formação nossa, e foi para grandes veículos de comunicação, grandes empreitadas. Deram-se bem, deixaram marcas na imprensa nacional, podemos contar bastante gente. Para citar um, do momento, temos o Laurentino Gomes. Formado aqui, trabalhou como repórter no **O Estado do Paraná**, foi para a **Abril**, e agora com esses dois livros, mostra, em primeiro lugar, o valor dele, e em segundo, a escola, a formação que ele teve, e ele reconhece isso. É um fato interessante para avaliarmos que o provinciano, quando sai da província, se ele for bom, será bom em qualquer lugar.

Quem inventou a janelinha em jornal, aquela chamadinha em cima, fui eu. Inventei como? Sem querer, na mudança do **Estado** para o off-set, foi uma maneira que encontrei de inovar. Se eu fizer uns quadradinhos aqui, colocar pequenas notícia, pequenas chamadinhas, vou ter quatro, cinco, seis chamadas ao mesmo tempo, vira uma bela de uma vitrine para mostrar o “estoque” inteiro. Então, desenhei aquilo. Na

primeira edição de off-set saiu embaixo, mas a partir do segundo dia do *off-set* foi para cima e de lá nunca mais saiu. Logo depois eu vejo isso na **Folha de São Paulo**, no **Jornal da Tarde**...Então, não tem fronteira para isso, bom ou não, são coisas que se criam. Talvez hoje e não fizesse isso. Talvez num jornalão paulista ou carioca o editor quisesse fazer, mas não tinha coragem. Esperou que alguém fizesse para ver se daria certo, se dava para fazer.

Aroldo Murá Gomes Haygert, concedida em 01 de outubro de 2010, em Curitiba.

Haygert – Comecei nos meios de comunicação social em 1960, com 20 anos. Comecei a aprender a fazer revista, depois jornal, numa revista muito bem elaborada, chamada **Clube**. Essa revista foi criada pelo Dino Almeida, que foi o mais importante colunista social do Paraná. O Dino não era apenas um colunista social, de certa forma, ele foi um homem que acompanhou a evolução do Paraná, da sociedade paranaense, não apenas a elite, mas a sociedade toda. O Dino inseriu-se na vida do Paraná profundamente. Essa revista era moderna, era uma concepção de outro jornalista muito valioso e pouco conhecido, pouco lembrado, pouca justiça se faz a ele, chamado Nelson Faria de Barros. Era uma revista pré-off-set, lá em 1960. Nela entrei em policromia e fui aprendendo a trabalhar nos meios impressos de comunicação.

Em 1961 fui para o **Diário do Paraná**, que na época era o jornal renovador da imprensa do estado, junto com o **O Estado do Paraná**. No **Diário** aprendi a fazer de tudo e fiquei por muitos anos, entre interrupção e saída. Trabalhei uns 12, 14 anos no **Diário**, exerci várias funções, sendo a mais importante a de editar um caderno cultural, o **DP Domingo**, que tinha diversos colaboradores.

Em seguida, trabalhei em emissoras de rádio, como a rádio **Colombo**, sempre no departamento de jornalismo. Trabalhei, também nos anos 1960, concomitantemente com o jornal, criando o departamento de jornalismo, que era simples, da rádio **Ouro Verde**.

Em 1972 fui dirigir um semanário chamado **Voz do Paraná**, um jornal que marcou muito a história da imprensa do estado. Era um semanário vinculado à cúria metropolitana de Curitiba. Este era um período de muito cerceamento as liberdades públicas e o jornal adotou uma linha não de denunciismo, mas da informação, tanto quanto possível, burlando, às vezes, a censura feita pela polícia federal. Lá trabalhei com alguns nomes muito importantes, como o Celso Ferreira do Nascimento, a Teresa Urban, o Szyja Lorber, José Bendito Trindade, Milton Ivan Heler, José Alberto Dietrich, a Ruth Bolognese. Mais tarde, comprei uma participação no **Voz do Paraná** e passei a ser responsável pelo jornal, onde fiquei até 1985/1986.

Nesse meio tempo, também trabalhei para uma revista de artes modernas do Rio de Janeiro, chamada **Ganga**, onde fazia uma coluna sobre artes plásticas. Também dirigia a revista **Referência em planejamento**, que foi uma revista

importante, mapeando a história econômica do Paraná. Ela também contou com a participação de alguns notáveis, como o jornalista Reinaldo Jardim, que foi o renovador do **JB** – essa revista ainda é uma verdadeira referência na sua área.

Com o tempo, nessas idas e vindas, tive programa de televisão na **TV Educativa**, entrevistas na TV Independência, dirigi por um ano o **Jornal do Estado**, fui correspondente de agência de notícias internacional, a americana **South and North News Service**. Faço parte do conselho consultivo da revista **Idéias**, colaborando com artigos; escrevo colaborações periódicas para a **Gazeta do Povo**. Também fui um dos redatores da sucursal do jornal **Correio da Manhã**, do Rio de Janeiro.

Sharon – Como o senhor caracteriza a imprensa daquele período?

Haygert – Eu conheci a imprensa do Paraná, como adulto, já me tornando profissional, a partir dos anos 1960. E tive envolvido com ela sempre, ainda continua envolvido.

Eu acho que **O Estado do Paraná** representou uma mudança, uma ruptura com esquemas políticos muito fortemente ligados, sintetizados por outros veículos, como o jornal **O Dia**. Ele foi uma ruptura, chegando para modernizar a linguagem jornalística, a apresentação, absorveu certas técnicas norte-americanas de jornalismo moderno. As grandes figuras dessa revolução, os proprietários eram o Aristides Merhy e o Fernando Camargo, eram três: o João Feder, um nome valioso, o João Dedeus Freitas Neto e o Mussa José Assis, a partir dos anos 1960.

Era um jornal que correspondia à uma mudança de orientação política, que rompeu com o esquema político estabelecido e foi uma tentativa de modernização da mídia impressa, com um trabalho importante. O capitão da consolidação desse mudar no jornal foi o Mussa José Assis, que veio com uma experiência muito forte, ele esteve antes no jornal, como revisor, se não me engano, mas depois foi para São Paulo e lá trabalhou no jornal nacional de maior importância no ponto de vista de repercussão, que era o **Última Hora**, do Samuel Weiner.

O Mussa tinha um papel muito importante nesse jornal, chegou a ser secretário nacional, secretariava todas as edições, tinha se internado espiritual, mental e fisicamente nesse impresso e depois acabou vindo para o Paraná.

Do **Diário do Paraná**, eu tomei conhecimento cinco anos depois. O **Diário** teve nomes fundamentais e momentos fundamentais, ele representou o fim da pilha de notícias impressas que depois iriam ser colocadas por colunas nas páginas. Ele implantou a diagramação, com um argentino, o Benjamim Steiner, e mais um grupo de jornalistas de São Paulo. Esses jornalistas vieram pra cá e fizeram uma revolução na imprensa do Paraná, em termo de revolução de linguagem, revolução gráfica. Na época, tiveram o apoio do sr. Adherbal Stresser para essa grande aventura de modernização da imprensa do estado. Era uma renovação que competia com **O Estado do Paraná**.

A minha opinião é que no **Diário** haviam sido colocados mais meios materiais, mas o importante era a massa crítica que formou o jornal, sobretudo com colaboradores em áreas que, normalmente, hoje, não se investe de forma maciça. O **Diário** investiu na área cultural, com um caderno literário, depois eu fiz o **DP domingo**, e por ali passaram Renné Doti, Luiz Geraldo Mazza, Oscar Milton Volpin, Sylvio Back, Eduardo Rocha; são nomes representativos da sociedade abrangente, mas, sobretudo, pessoas de expressão cultural, eram produtores de cultura. Nesse trabalho do **Diário do Paraná** diversos artistas foram mostrados.

Sharon – O senhor comentou que o **Diário** e **O Estado** foram os primeiros renovadores da imprensa paranaense. Foram renovadores nesse sentido do aspecto gráfico e de linguagem, então?

Haygert – Sim. E deram abertura também para o que é mais importante. O caso do **Diário** é muito importante nessa área cultural. Ele era chamado “o jornal da família paranaense”. Teve um envolvimento muito grande com a comunidade. Isso não quer dizer que eles não tenham investido em reportagens. Na época em que eu comecei em jornalismo, começou o Mussa.

O Mussa e eu nos conhecemos por acaso, numa pensão de estudantes na Comendador Araújo com o Desembargador Motta; nós dois enveredamos para o jornalismo.

O Estado do Paraná, nessa época, foi revelando nomes de ponta, como o Aramis Millarch, que foi, na minha opinião, o mais fantástico produtor de material cultural, de levantamento da memória do estado, produtor de reportagem sobre o que acontecia na realidade paranaense com um olhar nacional. O Aramis tinha

muita acuidade com a questão da música, de quem estava fazendo...ele acompanhava tudo, a última entrevista da Maysa Matarazzo, a bossa nova e o pessoal da bossa nova – que aportava em Curitiba atraídos em grande parte pelo teatro Guaíra e pelo investimento que o poder público fazia em atividades culturais. Esses investimentos foram muito fortes principalmente nos governos Paulo Pimentel e Ney Braga.

O Aramis deslanchou e teve uma importância nacional como pesquisador de música popular. Ele tinha uma coluna diária, a cidade desfilava pela coluna do Aramis. Como o Dino no **Diário** e depois na **Gazeta**, registrava a cidade, o estado, a evolução dos usos e costumes, o Aramis registrou essa tensão cultural, essa tensão criativa e as pessoas que estavam fazendo esse processo criador cultural, não apenas os locais, ele não tinha uma visão municipalista. O Aramis conseguia sair do Paraná para a grande visão nacional e acompanhava as personalidades. Na casa do Aramis você encontrava Chico Buarque de Holanda e os grandes do cinema nacional.

Nesse período também surgiu o Carlos Eduardo Jung, que é um colunista cujo trabalho merece ser pesquisado. Primeiro, era um grande repórter, tinha o ouvido treinado para a reportagem. Conseguiu se envolver com a comunidade e cultivar um número sem fim de fontes empresariais, culturais. Fez uma coluna diária, já não mais a coluna social, mas sim com um enfoque moderno. A coluna dele era muito lida e respeitada numa época em que **O Estado** tinha repercussão estadual. O Carlos sofre influência do **Jornal do Brasil**, do Zózimo Barroso do Amaral, que foi o grande renovador do colunismo.

As grandes reportagens também ocorriam no **O Estado** e no **Diário**. Nesse período, 1960/1970, eu destacaria alguns nomes de repórteres de primeira. Claro que não era uma reportagem investigativa, porque nunca houve reportagem investigativa no sentido de denunciar problemas cruciais, porque a sociedade era muito interligada com os jornais e isso freava...Então não havia reportagem de denúncia, reportagem investigativa como vemos hoje, como a questão dos Diários Secretos, da **Gazeta**. Na época, o Percival Charquetti, que era médico e repórter, fez reportagens aprofundadas e acabou ganhando um prêmio Esso. No final dos anos 1970, Paulo Marins de Souza, no **Diário do Paraná**, e o Mauro Ticianelli também ganharam prêmio Esso de jornalismo. O Marins escrevendo sobre

Guaraqueçaba, a matéria chamava a “Descoberta do tempo perdido”, uma cidade isolada e a sua beleza humana, flora e fauna intocadas.

Sharon – Voltando para a questão da linguagem e da transformação que o **Diário** e o **Estado** realizaram aqui na imprensa...Dentro do **Diário** havia alguma padronização no que se refere à captação e redação da notícia, como manuais de redação ou a transmissão de regras orais?

Haygert – No início não, mas nos anos 1970 havia um manual de redação. O **Diário** teve algumas colunas humanas que o sustentaram que lhe deram figura: o Roberto Novaes, o Emílio Zola Florenzano, uma figura importantíssima que depois saiu do Paraná e foi trabalhar no **Jornal do Brasil**, que era a grande escola de jornalismo, com o Alberto Dines, ele era um dos redatores do caderno de jornalismo do **Jornal do Brasil**.

Sharon – Nesse manual, já se seguia no **Diário do Paraná** o modelo do *lead*, da pirâmide invertida?

Haygert – Tem que ter, é bobagem, isso é apenas um detalhe. Não adianta ter *lead* e essas técnicas direitinhas se o jornal for uma porcaria. O jornal seguia, sofreu influência dessas mudanças que tinham sido moldadas pelo **Diário Carioca**, pelo **O Globo**. O jornal hierarquizava os títulos, eles tinham número de batidas, o que era muito difícil, na época. Quando você trabalha com tipografia é complicado, com o computador, hoje, é mais fácil fazer isso.

Sharon – E as influências vinham dos jornais do Rio de Janeiro?

Haygert – As grandes influências eram o **Diário de São Paulo**, o **Estado de São Paulo**, o **Jornal**, que era o líder da cadeia associada. Nós recebíamos todos os dias um malote do correio com fotografias e artigos obrigatórios, que a cadeia associada, que era muito importante, era obrigatória a publicar. Então, recortava-se o artigo do **O Jornal**, esse artigo era rebatido em linotipo, revisado, diagramado. Vinham fotos e também chegavam notícias impressas da **Agência Meridional**, que era da cadeia

dos **Associados**. Vinham algumas matérias internacionais da **Anza**, que é uma agência de notícias italiana de muito boa qualidade.

Nesse meio tempo, entre 1960 e 1970, começou a aparecer a radiofoto, que foi precursora de toda a modernização. O **Diário do Paraná** e **O Estado do Paraná** tinham radiofoto.

O **Diário do Paraná** tinha o que era mais importante, o primeiro teletipo, que recebia, por via física, o noticiário que vinha de Nova Iorque, por cabo submarino. As notícias chegavam em São Paulo e de lá eram retransmitidas pelo sistema de telégrafo; chegavam aqui em Espanhol e eram traduzidas. Era assim que se fazia jornal na época. O noticiário nacional era feito com sistema de rádio. A **Agência Meridional** enviava para o Brasil todo por código Morse, telégrafo. Havia um grupo de oficiais da polícia militar que trabalhava, nos seus horários de folga, cuidando do noticiário nacional, que foi onde eu me iniciei no jornalismo. Eles traduziam, eu redigia, dava o título e editava as prioridades. Quando tinha mau tempo, não tínhamos noticiário.

Sharon – No período em que estive no **Diário**, teve alguma reforma gráfica ou de linguagem significativa?

Haygert – Não. O **Diário** nasceu moderno, é um jornal moderno. Com o tempo foi se desatualizando, não havia preocupação em reformar o jornal. Houve algumas tentativas com o Jorge Laroziak, que era uma das figuras-chaves do **Diário do Paraná**.

Sharon – Essas influências que levaram as modificações vieram dos jornais do Rio de Janeiro?

Haygert – Sim. Eles chegaram de lá, não era produto daqui. Eles encontraram terra fértil, pessoas culturalmente expressivas, de uma certa vanguarda, repórteres aguçados, como o Luiz Geraldo Mazza, e mais esses colaboradores, renovadores. Esses renovadores que aceitaram essas mudanças.

Eu acho que a grande falha do **Diário do Paraná**, quanto do **O Estado**, é que não houve uma revolução de conteúdo. Eu não posso condenar porque nós sofríamos muito policiamento da direção, muitas ordens, muita proibição, não

escreva sobre...O jornalismo que se fazia sofria policiamento do editor, do secretário de redação, a gente acabava se policiando também. Não houve uma revolução que contribuísse com um grande e novo jornalismo do ponto de vista de conteúdo. Formal sim, houve alguma abertura, alguma modernização.

A grande mudança foi mais formal. O jornal perdeu o fraque e a cartola. Veio o *lead*, houve ordenamento visual, até porque a sociedade estava evoluindo, exigia mais informações nacionais e internacionais. Chegou a radiofoto, o telex - o teletipo era o precursor do telex. Mas, do ponto de vista de jornal local não houve grande mudança na questão de conteúdo. Os jornais continuaram vinculados à sociedade abrangente, sem poder mexer nas coisas intocáveis, havia um elenco de pessoas intocáveis. Por exemplo, não se noticiava suicídio no **Diário** e toda a chamada alta sociedade era intocável.

Acho que no **O Estado** tinha- se liberdade. Tanto que o resultado era um jornalismo bem feito, visualmente agradável, com cadernos de moda. Fazíamos uma contribuição importante na área cultural, mas nada que ajudasse muito a mudar a sociedade. Agora isso ocorre? Posso citar alguns exemplos, como esses textos da **Gazeta**.

O **Diário** era isso, um jornal, em síntese, moderno do ponto de vista gráfico, adotou as técnicas de moderno jornalismo, tinha um pessoal inteligente – José Richa, Leo de Almeida Neves, Renné Dotti. Não é um jornal revolucionário. Não falo em denunciismo, mas em contribuição que pudesse mudar a sociedade. Havia muita ligação, mais forte do que hoje, e dependência dos jornais, da televisão, à elite decisória, que lia jornal. Havia muita influência do governo. O governo colocava muito dinheiro nos veículos e isso silenciava qualquer um. Isso acontecia em todos os jornais.

Sharon – Havia uma influência entre o **Diário** e **O Estado** no que diz respeito às mudanças? A reforma gráfica do **O Estado**, por exemplo, provocou mudanças no **Diário**?

Haygert – Eu não me lembro, acho que não. Havia muita disputa entre o **Diário** e **O Estado**, principalmente, na área de esporte e política. Os jornais tinham valores individuais muito fortes.

Sharon – O senhor comentou que o **Estado** e o **Diário** foram marcantes por romper com a questão política.

Haygert – Até a renovação que **O Estado** trouxe, a imprensa do Paraná era formada por grupos políticos, o grupo do Moisés Lupion. O grupo do **O Estado** passa a representar o pensamento do Ney Braga, do Bento Munhoz da Rocha. O **Diário** sempre estava de bem com o governo.

Luiz Geraldo Mazza, concedida em 29 de setembro de 2010, em Curitiba.

Mazza - Desde 1950 trabalhei como colaborador de jornais do interior, jornal de Paranaguá, de São José dos Pinhais, em **O Estado do Paraná**. Eu fazia crônica, os devaneios da época, da idade, tinha 19 anos quando comecei. O **Diário** aparece bem depois. **O Estado** já foi uma mexida aqui na imprensa do Paraná, embora com certa identificação com o **Estado de São Paulo**, dando preferência a manchetes internacionais, do que as nacionais e locais. Isso mudou com o tempo.

É claro que a grande transformação foi o **Diário do Paraná**, porque o **Diário** era vinculado a uma rede nacional, do Assis Chateaubriand, que é o homem que trouxe a primeira televisão para o Brasil.

O equipamento que veio para cá não era muito bom. O jornal imprimia em cores e eu me lembro, inclusive, do primeiro anúncio perfumado que houve no Brasil. O **Diário do Paraná** produziu esse anúncio. Eu estava lá, era uma coisa maluca, os “caras” vinham de guarda-pó acertar as tintas, foi um horror, três dias com dor de cabeça. Era um feito.

O que houve nesses dois casos: **Diário do Paraná** e **O Estado do Paraná**, que é um problema importante você consignar porque ele mostra a forma como os meios de comunicação se alinham ao poder. **O Estado do Paraná** foi criado logo que o Bento Munhoz da Rocha ganhou a eleição, em 1950 e assumiu em 1951. O jornal tinha inclusive parentes dele, tinha o Fernando Camargo, que era cunhado dele, e pessoas que estavam ligadas na campanha, o Aristides Merhy, dono do Palácio Avenida, o José Luiz Guerra Leite, que era ligado à família Munhoz da Rocha, era mais ou menos assim.

Por que eles fizeram isso? Porque o Lupion, não que ele fosse o dono, mas ele tinha o predomínio dos meios de comunicação. Por exemplo, ele era um grande acionista da **Gazeta do Povo**, e havia uma grande ligação entre ele e os acionistas majoritários. Então, o Lupion tinha esse número apreciável de ações na **Gazeta**, tinha condição de aproximação com os principais acionistas, tinha a rádio mais moderna do Paraná, que era a rádio **Guaracá** - que foi um avanço em matéria de técnica, concepção de *broadcast*, em relação a PRB2, a **Clube** – e o jornal **O Dia**, que era um jornal polêmico, político. Então, em função desse complexo, criou-se outro para tentar inibir, neutralizar.

O **Diário do Paraná** entra nessa sequência. O diretor associado aqui era o Adherbal Stresser, ele também era ligado à nova ordem, ao pessoal do Bento. Ele tinha cargo no governo, foi o chefe do cerimonial e foi também diretor do serviço de imprensa, que corresponde hoje ao de secretário de comunicação social. Foi matéria de alinhamento em função da nova situação política.

Que proposta tinha o **Diário do Paraná**? Tentou refundar o jornalismo aqui, a pretensão era essa. Trouxe jornalistas de São Paulo, me lembro de dois: Gilson Rocha Pitta, que era veterano de jornal, era o chefe de redação, e o Ferdinand Baider, que era da reportagem. Então, eram duas pessoas chave para dar os fundamentos de como era a concepção de jornal que se pretendia.

Em relação às inovações técnicas, tinha o teletipo, que era uma novidade. Nós também tínhamos uma rádio potente operada dentro do jornal por pessoas da Polícia Militar, nós captávamos notícia via rádio. Tecnicamente era isso, a rotativa era uma rotativa comum, que podia imprimir em cores.

Na questão do texto jornalístico tinha a ideia do *lead*, porque uma das coisas dominantes, eu sou dessa época que precede esse maior cuidado com o texto jornalístico, era o chamado nariz-de-cera, o sujeito opinava praticamente na abertura, era quase um mini-comentário abrindo a matéria. Então, havia um esforço para disciplinar o pessoal numa nova linguagem, escoimaram os textos de adjetivos, de ornamentalismo.

Esse Rocha Pitta, até pelo nome de tradição na literatura brasileira, tinha bronca com a literatura. Era uma bronca procedente. Grande parte do pessoal da imprensa era evadida da literatura, projetos frustrados da literatura, inclusive eu – eu achava que viver sem fazer o poema não era viver, era uma visão idealizada, da época. Naquela época, para nossa sorte, nós não tínhamos uma sociedade de consumo, então, o jornalista não tinha ambição. A maioria tinha emprego público, eram médicos, advogados, empregados fora do jornal. Poucos tinham carro, o Brasil não tinha carro, os carros tinham que ser importados. A indústria automotiva no Brasil chega no fim dos anos 1950, mas até ter um mercado, condições de preços, de financiamento... Então, o jornalista não tinha ambição. O que ele tinha? O jornalista não pagava imposto de renda, não pagava a Cisa, a grande aspiração de todo jornalista era a casa própria, e pagava a metade do preço de uma passagem de avião, então, o que tinha de gente querendo ser jornalista (sic).

A formação do jornalista era dentro da redação do jornal. Fiz um trabalho para a Rádio Independência sobre a história do carnaval brasileiro, com depoimentos do Museu da Imagem e do Som. Montei o texto a partir de um manancial de informação. A preocupação nossa não era ganhar dinheiro, então, um programa como esse saia com um custo que a rádio podia bancar. Hoje, para sair um programa desse, só se for em rede, para você diluir custos e pagar a produção.

Eu ligo, fundamentalmente, essa transição do jornalismo boêmio para o jornalismo mais profissional, mais centrado, à conjuntura brasileira. Não é uma coisa que veio do dia para a noite e nem que veio por geração espontânea. Ela veio calcada em fatos reais, fatos que determinavam a situação conjuntural da sociedade naquele determinado momento, citei o automóvel porque era o símbolo referencial.

O jornalismo mais disciplinado não acabou com os sinais dessa fase anterior. Esses equipamentos de hoje tiram todo o décor do que era a redação. O jornalista era um cara da noite, um boêmio, toda a história do jornalismo brasileiro está ligada a essa vocação boêmia. Quando foi havendo uma mudança, perdeu a graça.

O **Diário do Paraná** revolucionou uma coisa básica do jornalismo paranaense que é o *layout*. Trouxe dois diagramadores da Argentina que vieram para cá e ensinaram a praça, porque aqui o paginador era o “cara”, agora o “cara” é o diagramador.

Todos os integrantes do jornal eram envolvidos com a vida cultural. Quando teve, em 1960, o movimento cultural, todos nós, não somente o editor do jornal, os redatores da página literária, nos envolvemos. Um dos setores que mais se beneficiou com a nossa ação cultural, com o jornalismo, a militância, o engajamento, foi o pessoal das artes visuais, os grandes nomes nossos. O “cara” que fazia as ilustrações do **Diário do Paraná** era o Guido Viaro. O **Estado do Paraná** também era assim, tinha vários companheiros vinculados ao fazer jornalístico e ao fazer literário. Quem ilustrava minha coluna de humor era o Loyal Person, um dos maiores artistas nossos.

O **Diário do Paraná** instituiu, entre outras coisas, a chamada reportagem séria. Não era fazer suíte, era fazer uma campanha em cima de um assunto. Lembro-me que um dos primeiros temas foi a questão do leite, a inexistência de um sistema de pasteurização, isso em 1955, em Curitiba. Essa era uma das características do jornal. Um jornal localizado na capital, mas fortemente vinculado ao pessoal do norte do Paraná que era a grande força, o pessoal da cafeicultura.

Às vezes, tirávamos edições extras. Quando caiu o avião com o Nereu Ramos, o Ayrton Batista ficou dentro da redação vários dias. Acho que tiramos umas cinco edições extras, olha que loucura.

O Benjamin Steiner era um artista, era a atração do jornal a gente ver como iria sair o jornal no dia seguinte, o *layout*. Normalmente a arte final é inferior ao *layout*, ele é mais bonito.

Outro jornal muito importante na história da imprensa do Paraná é a sucursal do **Última Hora**, em Curitiba. A sucursal é a maior evidência de como há esse ajuste entre o governo e os meios de comunicação. O Ari de Carvalho veio para cá porque tinha parentesco com diretores da **Última Hora** de São Paulo e do Rio, um grande jornalista...Qual foi o acordo que ele fez? O **Última Hora** foi um jornal que nasceu para cobrir o Getúlio e que foi a causa do suicídio do Getúlio, que com aquele gesto extremo garantiu a vitória da facção que ele criou. Quem comandava o **Última Hora** era o Samuel Weiner. O jornal tinha uma linha meio de esquerda. Aqui, o Ari fez um acordo com o Ney Braga para conseguir financiamento. O Ney Braga e os órgãos financiadores (a **Copel**, o **Banco do Estado** e o **Banespa**) ficavam fora de crítica, sobre o resto “caíam de pau” para deixar o jornal com essa cara de opinião. O nosso histórico de relacionamento com o estado é muito forte.

Sharon – O **Diário** foi vanguarda quando chegou a Curitiba?

Mazza - O **Diário** foi vanguarda na questão da diagramação, dos textos. Os primeiros exemplares até não respondem exatamente a isso. A pretensão dos “caras” que vieram de São Paulo era nos ensinar. Nós aprendemos macetes, eles foram embora, nós ficamos, tivemos que manter equipes, criar pessoas especializadas em cada setor. Tem uma série de coisas que eles pretendiam que nunca foi praticada.

Sharon – Esses jornalistas vieram com essas idéias inovadoras para a imprensa curitibana influenciados pelas mudanças que estavam acontecendo nos jornais do Rio de Janeiro?

Mazza – Sim, os “caras” estavam com aquele troço na cabeça, às vezes não olham nem a conjuntura. Será que os jornais brasileiros da época tinham, algum deles,

condições de vir aqui e dizer “não, façam isso”? Claro, combater o parnasianismo, a linguagem extremamente ornamental, tudo bem, mas é um tipo de luta meio complicada. Os jornais daqui tinham extrema inveja do **Diário do Paraná**, como depois passaram a ter do **Última Hora**, porque quem trabalhava nele ganhava o dobro, tinha salário de mercado.

Sharon - Durante a vida do **Diário** houve mudanças gráficas ou de linguagens que foram significativas?

Mazza – Estava aqui o Reinaldo Jardim, criador do Caderno B do **Jornal do Brasil**. No **Diário do Paraná**, ele criou o Pólo cultural, a pretensão era ser o pólo cultural da cidade.

Sharon – Em quais períodos você atuou no **Diário**?

Mazza – Desde o início, acompanhei o nascimento, saí em 1961 e retornei na fase final do jornal.

Sharon – As instruções em relação ao aspecto textual introduzidas pelos jornalistas que vieram de São Paulo eram transmitidas verbalmente ou havia algo mais formalizado?

Mazza - Essas instruções eram verbais.

Francisco Camargo, concedida em 06 de outubro de 2010, em Curitiba.

Camargo - Meu nome completo é Francisco Alfredo Dias Camargo, jornalista profissional desde 1967, quando ingressei (no dia 1.º de março) como repórter de geral – o velho geraldino – no jornal **O Estado do Paraná**, então localizado na Rua Barão do Rio Branco, 556. Lá permaneci até 2 de janeiro de 1987. Ao mesmo tempo, paralelamente, trabalhei na Tv Iguaçu, Canal 4, do mesmo grupo (Paulo Pimentel), de março de 1968 a abril de 1974.

Nos últimos anos desse período, fui chefe de redação do jornal e editor-chefe da **Tribuna do Paraná**, o matutino da Editora **O Estado do Paraná**. Por um período, com a saída do diretor de redação Mussa José Assis, dirigi os dois jornais depois de formar um conselho de redação.

Deixei a editora em 87 e fui para o jornal **Correio de Notícias**, também de Curitiba, onde fui chefe de redação. Em 1993, deixei o **Correio**, a convite, e fui para a **Gazeta do Povo**, igualmente de Curitiba, onde permaneci até 2010. Passei por vários cargos (inclusive o de pauteiro) e assumi a chefia de redação da **Gazeta** por volta de 2007 (fechamento). Na praça, sou apenas Francisco Camargo, mas, além de jornalista, sempre fiz cartuns e tiras, que publiquei nos quatro jornais por onde passei, assinando Pancho – um apelido de família, do tempo de criança, por causa do Pancho (Francisco) Villa. Participei como jurado do Prêmios Esso de Jornalismo por três vezes, em 2001, 2008 e 2009.

Não trabalhei no **DP**, mas convivi intensamente com os amigos de lá – Jorge Narosniak, Paulo Lepka, Paulo Marins, Divoney M. de Campos, Haroldo Murá, Danilo Côrtes, Ayrton Baptista e outros.

Havia uma disputa saudável entre a gente. O **DP** era jornal mais bem estruturado, pois pertencia à **Rede dos Diários e Emissoras Associados**, do Assis Chateaubriand, e contava com o respaldo da rede. Tinha, por exemplo, a **Agência Meridional** (da **Rede Associada**), enquanto os demais recorriam à **Transpress**, que funcionava no prédio de **O Estado do Paraná**. Era serviço de rádio-escuta (captava notícias das grandes emissoras de rádio do país, caso da Rádio Nacional,

do Rio de Janeiro). O material internacional era da **Deustch Press** (alemã), que enviava o texto traduzido. De hora em hora havia um boletim (mineografado) à disposição dos assinantes, caso de **O Estado do Paraná**.

Sharon - Como caracteriza a imprensa desse período? Quais eram os jornais tidos como referência? Por quê?

Camargo - A imprensa curitibana (paranaense) era bastante precária, por uma série de circunstâncias. A grande contribuição veio da edição do Paraná da **Última Hora**, de Samuel Wainer. A redação, com grandes jornalistas, como Walmor Marcelino, Jairo Régis, Cícero do Amaral Catani, Mussa José Assis, Silvio Back, Adherbal Fortes de Sá Júnior (e outros), funcionava numa pequena loja do Edifício Asa. Como o noticiário nacional e internacional era único para todas as edições da **UH** no Brasil, eram enviadas as colunas (o forte da **UH** eram os colunistas), o material político, de esportes e policial por malotes, transportados até São Paulo, sede da **UH**. À noite, pelo telefone (precaríssimo o sistema, era preciso pedir a ligação e ficar esperando), a sucursal passava, ditando as matérias, as coisas mais importantes que ocorreram na cidade. As colunas, para ganhar tempo, eram enviadas um dia antes, como adiantado, por carros da **UH**. Carros que, na manhã seguinte, traziam a edição impressa.

Com a decadência e fechamento do **Diário do Paraná**, que revolucionou a imprensa paranaense (era diagramado, bem ilustrado, leve na apresentação gráfica e, na fase terminal, contou até com o artista Reynaldo Jardim, que lançou o caderno cultural Anexo) e o golpe militar de 1964, que fechou a **UH**, houve novo ciclo. **O Estado do Paraná**, com a vinda de Mussa José Assis, então secretário de redação da edição paranaense da **UH**, em São Paulo, rapidamente recuperou o tempo perdido, introduzindo a diagramação, a ilustração (desenhos) de matérias, o jornalismo social - Carlos Jung foi um deles -, e, incrível, o papel lauda. Até então, usava-se a chamada “apara”, papel jornal recortado no formato próprio para entrar na máquina de escrever. Como a **Tribuna do Paraná**, o vespertino da editora, só contava com reportagem policial e de esportes, os repórteres batiam a matéria com três papéis carbono. Uma cópia ia para a **Tribuna**, o original para a diagramação e a terceira cópia para o fechador da primeira página.

Sharon - Havia alguma padronização no que se refere à captação e produção da notícia (manual de redação, regras a serem seguidas)? Como essas "regras" eram transmitidas aos profissionais que atuavam no jornal?

Camargo - Até a regulamentação da profissão de jornalista - o decreto nº 83.284, de 13 de março de 1979, deu nova regulamentação ao decreto-lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, que dispunha sobre o exercício da profissão, em decorrência das alterações introduzidas pela Lei nº 6.612, de 7 de dezembro de 1978 -, era tudo empírico. Aprendia-se na redação como virar jornalista. Quem tinha a sorte de encontrar bons jornalistas e amigos, aprendia mais. Como não havia manual de redação - só bem mais tarde foi adotado, e cada jornal optando por um manual dos jornais do Rio e São Paulo – **Folha**, **Estadão**, **O Globo** etc -, o trabalho diário era um aprendizado, “A grosso modo? Nunca use isso numa matéria”... recomendavam os jornalistas mais avançados.

Outra lição que eu tive: leia o **Jornal do Brasil** e o **Jornal da Tarde**. Aprenda a escrever lendo esses jornais. Aprimore-se com eles. O extinto **JB**, inclusive, era o mais recomendado aos repórteres de **O Estado**: afinal, usava a técnica de *lead* e *sublead*, da imprensa norte-americana, e intertítulos, implantada no jornal.

Sharon - Os profissionais que atuavam nos jornais possuíam graduação em jornalismo ou eram formados dentro das redações?

Camargo - Nas redações, predominavam, no caso de curso superior, advogados. Com a regulamentação, a lei beneficiou quem já estava na profissão, concedendo o registro de jornalista profissional. Como o salário era baixo, muita gente, arrisco dizer que a grande maioria, entrava no jornal para conseguir emprego público. Poucos, muito poucos, encerraram a carreira sem emprego no governo, na Assembleia Legislativa ou na Câmara Municipal. Sou uma dessas exceções. Assim, a prática do jornalismo era uma fachada, na verdade, uma espécie de gazua - chave falsa - para abrir cofres públicos, quando não, particulares. Basta fazer um levantamento, hoje, principalmente no Tribunal de Contas e na Assembleia, para ver a origem de muitos ex-conselheiros e procuradores. Muitos vieram de jornais ou de emissoras de rádio. A profissão, como o próprio objetivo de montar um jornal, era para ganhar dinheiro rapidamente, uma espécie de alpinismo social.

Sharon - Como era estruturada a redação no que diz respeito ao componente humano e tecnológico? Existia uma hierarquia na redação? De quais equipamentos dispunham para a captação e produção das notícias?

Camargo - As redações tinham um diretor geral, um chefe de redação, o secretário de redação, o “fechador” da primeira página, um chefe de reportagem e o chefe do departamento fotográfico. As notícias, como citei no início, vinham prontas. Só mais tarde, graças ao **O Estado do Paraná**, que implantou sucursais e correspondentes, a coisa mudou. **O Estado** teve sucursais – com repórteres, fotógrafos e transporte – nas principais cidades e correspondentes - Fernando Vanucchi foi um dos precursores desse trabalho - nas demais cidades. Eles mandavam matérias pelo Correio e, quando preciso, telefonavam para a redação. Conforme o caso, uma tragédia, por exemplo, Curitiba destacava para o caso um repórteres e um fotógrafo, os chamados “enviados especiais”. O primeiro teletipo no Paraná foi instalado em **O Estado**, bem como o primeiro telex, o primeiro aparelho de radiofoto - transmissão de fotos via UPI - e o primeiro aparelho de telefoto - transmissão de fotos pelo telefone (você fazia a ligação, acoplava a máquina ao bocal do telefone e transmitia foto por foto).

Sharon - Qual era o projeto editorial dos jornais?

Camargo - Projeto editorial dos jornais: os jornais da época – como os de hoje, aliás, só que agora mais sofisticados e multinacionais – defendiam interesses de famílias ou de grupos. Dançavam conforme a música dos interesses imediatos. No caso de **O Estado**, havia o interesse político, tanto que foi comprado por Paulo Pimentel, que chegou a governador do Estado e deputado federal, montando, a partir do jornal, uma rede de emissoras de televisão no Paraná e comprou uma rádio.

Com o avanço de **O Estado** e o fim do **Diário do Paraná**, quem começou a se mexer foi a **Gazeta do Povo**, até então um jornal de pequenos anúncios classificados. Tratou de se mexer e conseguiu ser, principalmente ao passar a retransmitir a programação da TV Globo pela Tv Paranaense, Canal 12, “a pioneira”.

Antes, a retransmissão era feita pelas TVs Iguaçu, Tibagi e Coroados, do grupo Paulo Pimentel.

Marian Isabel Guimarães, concedida em 30 de setembro de 2010, em Curitiba.

Marian – Passei por todas as áreas do **Diário do Paraná**. Fui repórter policial, colunista social, editora do caderno de domingo, que se chamava **DP domingo**, só não fiz esporte profissional e amador. E não era por telefone, nós íamos até o entrevistado, conversávamos, entrevistávamos. Hoje você faz tudo por telefone, pega dados pela internet...

Sharon – Qual o período em que você atuou no **Diário do Paraná**?

Marian - Eu trabalhei no **Diário** de 1970 a 1983. Além de ser colunista social, eu fazia reportagem, puxava a parte do interior e dirigi a sucursal do jornal, em Cascavel.

Sharon – Quais eram os jornais tidos como referência no estado?

Marian – O **Diário do Paraná** e **O Estado do Paraná**.

Sharon – Como você caracteriza a imprensa daquele período?

Marian - Era uma imprensa respeitada. Não era uma imprensa direcionada, sempre se ouvia os dois lados. Existia uma briga mais ou menos saudável, porque antes, quando se tinha uma notícia importante, saía uma edição extra. Era uma relação saudável, porque o **Diário** ficava na esquina da José Loureiro e **O Estado do Paraná** aqui na Barão. O **Diário** e **O Estado** eram as referências.

Sharon – Como funcionava a questão da produção da notícia? Já existia a influência do modelo americano? Qual era a preocupação com o texto, com a linguagem?

Marian – A notícia sempre foi escrita em cima daquilo: *lead*, *sublead* e o corpo, ali você via tudo. Hoje, por incrível que pareça, você pega um texto e não consegue descobrir sobre o que a notícia vai tratar.

Eu acredito que era uma coisa mais séria. Depois que o **Diário** parou de circular foi que a **Gazeta** começou a aparecer, mesmo assim **O Estado do Paraná** era muito mais forte do que este jornal. Depois disso, a **Gazeta** começou a ter força em Curitiba, ela não tinha expressão nenhuma no interior, já **O Estado do Paraná**, ao contrário, tinha força no Paraná inteiro. Quando eu fui dirigir o **Diário do Paraná** em Cascavel, **O Estado** dominava toda a região. Logo depois o **Diário** superou **O Estado** porque o que vinha do interior para Curitiba eram matérias de prefeitura. Eu dirigia o jornal, mas fazia matérias e enviava para Curitiba. Em **O Estado do Paraná** não, porque a pessoa que coordenava se preocupava mais em pegar o noticiário da prefeitura.

Sharon – Como eram colocadas as normas de redação para que os jornalistas seguissem esse modelo?

Marian – Era uma questão que aprendemos dentro da faculdade. Ninguém nunca teve problema em relação a isso. Todos nós, durante o período de curso, tínhamos livre arbítrio para ir ajudar no jornal, não havia essa pressão do sindicato. Durante a faculdade, eu e a Tereza Urban fazíamos a coluna social do **Diário do Paraná**, junto com a dona Hele Veloso. No mesmo período, nós fazíamos uma coluna no **Diário da Tarde**, como estudantes. À noite, eu ia à **Rádio Clube** fazer os noticiários. Nesse período da rádio eu conheci o Carneiro Neto, o Ailton Cordeiro. Como a gente fazia o noticiário da rádio? Gravava a notícia num gravador e escrevia.

Sharon – Você cursou jornalismo em qual instituição?

Marian – Na UFPR, me formei em 1967. Se não me engano fui da segunda turma de jornalismo da Federal, que foi a última turma do curso de três anos. Nós tínhamos tudo: redação, fotografia, televisão, rádio, geografia política, inglês, história geral, literatura, português, história da arte, economia, entre outras disciplinas. Era um curso completo.

Sharon – Havia uma similaridade entre o que a academia ensinava e a prática redacional no jornal?

Marian – Sim.

Sharon – Existia manual de redação?

Marian – Não. Tudo era transmitido verbalmente.

Sharon – Havia uma unidade, um estilo?

Marian – Sim. O **Diário do Paraná** pertencia aos **Diários Associados**, que era a maior empresa do país. O pessoal que trabalhava ali não tinha curso superior, eram pessoas que gostavam de escrever.

Sharon – Quais eram as “regras” transmitidas pelos responsáveis pelo jornal no que dizia respeito à redação da notícia?

Marian – Não tinha regra. Por exemplo, eu entregava a matéria para a edição e ficava próximo ao editor para ver o que seria arrumado, existia esse interesse. Era uma equipe muito legal, uma grande família. Você vivia a redação, a notícia. Hoje eu não sinto isso.

Sharon – Você pode comentar um pouco sobre as reformulações gráficas e editoriais?

Marian – Primeiro era feito em chumbo. Em seguida, veio a folha de zinco e depois o *past-up* – as matérias eram coladas em tiras sobre uma folha que era fotografada, para depois ser impressa.

Sharon – O que mudou no aspecto gráfico e de linguagem do jornal?

Marian – O jornal ficou mais “limpo”, foi se modernizando. Sempre foram acontecendo mudanças, até o **Diário** falir.

Sharon – No que se refere à evolução da linguagem, à transição de um jornalismo mais literário para um mais objetivo, podemos dizer que havia essa evolução no **Diário**?

Marian – Começou a se colocar muito mais a notícia factual. Antes, o jornal era mais literário, mais clássico. Foi introduzindo uma linguagem mais clara, uma linguagem do momento.

Sharon – Havia influência de outro veículo no que se refere às mudanças?

Marian – Era a questão da época, mesmo. **Folha de São Paulo, Estadão**, o contato era muito direto. Como o **Diário do Paraná** era dos **Diários Associados**, a nossa ligação era com o Brasil inteiro, era a única empresa jornalística que tinha jornal no Brasil inteiro.

Sharon – O **Diário** recebia influências dos jornais do Rio de Janeiro?

Marian – Não sei se era do eixo Rio-São Paulo, mas em termos de Brasil, porque o **Diário** era a força da imprensa brasileira.

Sharon – Podemos dizer que o **Diário** acompanhou as mudanças dos demais veículos do país?

Marian – Sim. O **Diário** não era ligado a nada. Era um pessoal aberto, tanto que os melhores jornalistas da época passaram pelo **Diário do Paraná**.

Sharon – Existia uma influência, até por questão da concorrência, entre o **Diário** e o **Estado do Paraná**?

Marian – Existia uma concorrência saudável.

Sharon – Com o passar do tempo, houve a introdução de um manual de redação, uma sistematização mais formal?

Marian – Não, pelo menos para mim nunca foi mostrado. Era aquilo que aprendemos na faculdade, até porque quem dava aula na faculdade eram as pessoas que trabalhavam no **Diário**, na **Gazeta** e no **Estado**.

Sharon – Nessa linha da evolução de linguagem, como eram transmitidas as “regras” referentes às modificações?

Marian - Nunca foi falado isso. Fomos aprendendo no dia-a-dia. A gente sempre procurava pelos jornais de fora, mas eles nunca chegavam na hora na redação, sempre o víamos no dia seguinte.

Sharon – Houve alguma reforma quando da introdução do *off-set*?

Marian – Sim, e repito aquela questão: o jornal ficou mais “limpo”.

Sharon – Como era estruturada a redação? De quais equipamentos o jornal dispunha?

Marian – Máquina de escrever, tinha um telefone, a ligação era completada através da telefonista, demorava cerca de 2h, 3h, 4h para se completar a ligação. Era usado muito o telex.

Sharon – O jornal recebia muito material de agência de notícia?

Marian – Notícias internacionais vindas pelo telex. Em termos de Brasil eu não saberia dizer.

Sharon – Havia divisão hierárquica de funções dentro da redação?

Marian – Não era aquela quantidade de gente, não. Havia o secretário de redação, o pauteiro, tinham os responsáveis pelas áreas.

Sharon – O que mais desse período você considera importante mencionarmos?

Marian – Eu diria que em termos de Brasil, o **Diário do Paraná** sempre teve uma preocupação muito grande de estar mais ou menos equiparada com os jornais de fora. O jornal investia em mandar repórteres para fazer cobertura. Os repórteres queriam ir atrás da notícia, trazer o melhor.

João Feder, concedida em 18 de setembro de 2010, em Curitiba.

Feder - Comecei a atuar como jornalista no **Paraná Esportivo**, que não existe mais. Entrei no **O Estado do Paraná** em 1955, onde fiquei até o ano 2000. Acompanhei a evolução do jornal desde o chumbo até o *off-set*.

Sharon – Quais funções o senhor exerceu dentro do jornal?

Feder – Comecei na reportagem e cheguei a diretor do jornal.

Sharon – Como funcionava o ambiente da redação?

Feder – O ambiente era muito ruim, todos fumavam e eu não fumava (sic). Fiz curso de datilografia e escrevia muito rápido, até hoje ainda escrevo. Enquanto os outros faziam uma matéria, eu fazia quatro, cinco. Tinha o editor de redação, João Dedeus Freitas Neto, e o secretário.

Sharon – Havia hierarquização de funções na redação?

Feder – Sim, mas não tão rigorosamente como é hoje.

Sharon – Quais equipamentos a redação dispunha para produzir as matérias?

Feder – Primeiro era o telégrafo, depois veio o telex, a radiofoto. As primeiras radiofotos eram da Copa do Mundo de 1954 e vieram de São Paulo. Combinei com o Prestes para que as primeiras radiofotos que viessem fossem minhas, porque aqui em Curitiba ainda não havia esse equipamento. Mande uma caminhonete para buscar as fotos em São Paulo.

Na hora do aperto todo mundo ajudava. Quando teve o acidente com o avião do Nereu Ramos, eu fiquei 24h no jornal.

Sharon – Os profissionais que atuavam na redação eram formados?

Feder – Eu comecei a dar aula na Faculdade Católica, trabalhei dois anos lá. Depois fiz concurso na Universidade Federal. Tirei 10 em todas as notas, menos em título, porque eu não tinha formação em jornalismo, mas nem poderia, se fui professor do primeiro curso (sic).

Sharon – Como podemos caracterizar a produção da notícia? Havia preocupação no sentido de tornar a matéria mais objetiva?

Feder – Não havia técnica e por muito tempo foi assim, até a chegada da influência americana. Mas, não modificou muita coisa, porque o que importava era saber escrever. A influência foi recebida de forma pacífica e as mudanças foram graduais.

Sharon – Com o passar do tempo houve a introdução de algum manual de redação ou de regras um pouco mais sistematizadas para a escrita da notícia?

Feder – Não.

Sharon – Havia uma preocupação no que diz respeito ao aspecto visual da página?

Feder – Acho que fui eu quem começou a revolucionar essa questão, com a **Tribuna do Paraná**. Começamos a dar prioridade as matérias locais e passei a usar a cor vermelha no jornal, o tradicional era o preto e branco. O Osmar Zimmerman e o Chiquinho eram os responsáveis em montar a página.

Sharon – Qual era o projeto editorial do **O Estado do Paraná**?

Feder – O projeto não era muito fechado.

Sharon – O que mudou com a reforma gráfica em 1965?

Feder – Mudou tudo. A questão da escrita, da linguagem, foi mudando, melhorando, gradativamente.

Sharon – Como era a convivência entre os jornalistas dos diversos jornais?

Feder - A gente concorria, mas depois todo mundo se reunia no bar **Palácio**.

Sharon – A chegada das inovações tecnológicas modificava muito a rotina de trabalho?

Feder – Não, o importante era saber escrever.

Sharon – O jornal recebia muita matéria de agências de notícia?

Feder – Sim, em todos os jornais a manchete era internacional. A **Tribuna** foi quem mudou isso.

Sharon – Como o senhor vê as evoluções técnicas, gráficas e de linguagem pelas quais os jornais passaram?

Feder – Considero lento, mas eficiente.

Ayrton Batista, concedida em 07 de outubro de 2010, em Curitiba.

Batista – Comecei como repórter do **Diário do Paraná**, em 28 de março de 1955 – o jornal saiu no dia seguinte. Eu era repórter educacional, depois passei para a reportagem política; fui sub-secretário e secretário de redação. Saí do jornal para fazer um trabalho em Brasília, voltei em 196... e pouco em 1964 assumi a secretaria do jornal; fui diretor de redação até 1974, quando me desliguei. Fiquei por 16 anos no **Diário do Paraná**.

Sharon – Como caracteriza a imprensa daquele período?

Batista – Nós tínhamos apenas os jornais **Gazeta do Povo**, **O Dia**, **Diário da Tarde**, em Curitiba; em 1954, foi inaugurado **A Tarde**, que era um vespertino. Esses jornais não tinham uma uniformidade de redação, assim como de diagramação. **O Estado do Paraná**, em 1951, já veio com outra feição, mas foi realmente com o **Diário do Paraná** que se uniformizou o tratamento gráfico, e me atrevo a dizer, que se uniformizou a redação.

Quando eu falo em uniformização eu me espelho muito no **Jornal do Brasil**, que no começo dos anos 1960 passou a dar um tratamento da mesma importância para as páginas de economia, política, polícia e esporte. Nós, mais antigos, sempre entendemos que a economia e a política eram nobres e a polícia e esporte eram secundários, razão pela qual, quando aparecia algum candidato, fazia esporte ou polícia.

Em termo de diagramação, o **Diário do Paraná** veio com dois diagramadores argentinos, um dos quais permaneceu aqui, o Benjamin Steiner, que deram outra feição ao jornalismo.

A uniformidade da redação, uniformização dos títulos, sempre 2 ou 3 linhas, enfim, uma apresentação mais homogênea, eu creditaria a dois paulistas, que eram das Diários e Emissoras Associadas de São Paulo, o Rocha Pitta e o Francisco Baider. Foi com esses dois que nós, que não éramos jornalistas, que não éramos estudantes de jornalismo porque não existia faculdade aqui, aprendemos aquilo que

se possa entender como jornalismo, realmente. Eu considero essa época como a mais importante do jornalismo paranaense do século passado.

Sharon – Esses jornalistas já vieram de São Paulo influenciados pelas mudanças que estavam acontecendo no Rio de Janeiro, como a introdução do *lead* no texto jornalístico, por exemplo?

Batista – Sem dúvida, o *lead*, não quero ser pretensioso, deve ter sido usado com certa uniformidade pelo **Diário do Paraná**. Precisamos ter muito cuidado quando se fala nisso porque os outros jornais prestaram grandes serviços ao jornalismo paranaense e nós, fundadores do **Diário**, não podemos ter essa pretensão de que fizemos tudo novo.

Então, as matérias obedeciam a esse modelo, não com o empenho de uma escola de comunicação. Os dois jornalistas que eu citei vieram para dirigir e montar a equipe de inauguração do jornal. Tanto é que, pouco tempo depois, eles foram embora.

Sharon – A transmissão dessa “regras”, desse modelo, era feito de forma verbal, ou havia alguma formalização mais específica?

Batista – Não me lembro de nenhum manual, nada disso, nem com o passar dos anos. O que talvez tenha nos ajudado é que nós líamos jornal do Rio e de São Paulo: **Jornal do Brasil**, **Folha de São Paulo**, **Globo**, **Estado de São Paulo**, **Diário de São Paulo**, que era da Rede Associada, **O Jornal**, do Rio de Janeiro. Nós recebíamos esses jornais pelo malote que vinha do Rio para cá. Disso sempre fica alguma coisa. Quero citar o meu exemplo: eu fazia política universitária, era presidente do Diretório Acadêmico, e comprava dois jornais com frequência: o **Diário de Notícias** e o **Diário Carioca**, ambos do Rio de Janeiro. Eles dedicavam cerca de meia página por dia para notícias universitárias. Eram notícias bem feitas, condensadas. Quando fui fazer o teste no **Diário do Paraná**, passei e devo esse fato, sem dúvida, a ser um leitor de jornal. Acredito que, de uma forma ou de outra, isso aconteceu com os meus colegas do **Diário**.

Sharon – Como era estruturada a redação, existia uma divisão hierárquica dos cargos, das funções dentro do jornal?

Batista – No **Diário do Paraná**, e acredito que nos outros jornais também, eram o secretário, o sub-secretário, o chefe de reportagem e o editor. Depois, organizaram-se diretor de redação, chefe de redação, etc.

Sharon – De quais equipamentos a redação dispunha para a captação das notícias?

Batista – Os **Diários Associados** tinham, além de uma quantidade de jornais e de televisões, a **Agência Meridional**, que era a melhor agência nacional de notícias, pela simples razão de que os **Diários** tinham jornais em todo o Brasil. Então, eram feitas cópias pelo telégrafo, encaminhadas para o Rio e distribuídas, em vários horários, para os demais jornais.

A telefonia era muito fraca em todo o Brasil, então, pedíamos na noite anterior uma ligação para a **Agência Meridional** para a meia-noite do dia seguinte. Usávamos essa meia noite para complementar as falhas telegráficas, porque a atmosfera nos prejudicava. O dr. Assis Chateaubriand era senador e fazia discursos com frequência. Às vezes, a **Agência** começava a transmitir o discurso dele e falhava, e nós não podíamos deixar de registrar, sem equívocos, o pronunciamento do dono da cadeia. Além disso, o **Diário** também trabalhou durante um período com a **ASA Press** e a **Trans Press**.

Só existia um teletipo no Paraná. Esse teletipo recebia notícias internacionais, em inglês e em espanhol. Essas notícias alimentavam o noticiário que era, predominantemente, do exterior. Você deve saber, por exemplo, que **O Estado de São Paulo**, sempre colocava notícias do exterior na primeira página, e que só quebrou essa regra na renúncia do Jânio Quadros, em 1961. Foi graças ao teletipo que o **Diário do Paraná** deu alguns furos, como a queda do Perón, na Argentina, a ascensão do Fidel, em Cuba, entre outras. O teletipo era enorme, às vezes falhava e necessitava de tradutores.

Sharon – Houve alguma alteração significativa no aspecto gráfico do jornal ao longo dos anos?

Batista – O Benjamin Steiner era um artista, então, deixou a marca dele. Quando ele voltou para São Paulo, alguns de nós havíamos aprendido alguma coisa. Eu

diagramava a primeira página, sem a inspiração do Benjamin e com um sentido mais conservador. Tivemos, também na diagramação o Emílio Zola Florenzano, que depois foi para o **Jornal do Brasil**, e um alemão, Arnold Voigt, que trabalhava no **Diário da Noite**, do Rio de Janeiro. Depois, tivemos dois ou três chefes de oficina que sabiam paginar e começaram a diagramar. Ficou muita coisa da diagramação inicial, as linhas gerais permaneceram. Tivemos algumas experiências não muito bem sucedidas em diagramação, mas nada que signifique uma mudança brusca.

Sharon – As grandes influências externas na questão redacional e gráfica foram os jornais do Rio de Janeiro?

Batista – A influência foi de quem veio de São Paulo, da técnica usada nos **Diários Associados**. Depois que os paulistas foram embora, foi natural que cada um buscasse fazer alguma coisa de acordo com o seu censo crítico, aí entra o **JB** e outros jornais.

Sharon – Existia troca de influências entre **O Estado** e o **Diário**? Por exemplo, as alterações realizadas em um dos jornais provocava modificações no outro?

Batista – Não, era cada um por si. **O Estado** tinha a vantagem de comprar equipamentos mais atualizados, devido às pesquisas e as viagens que o João Feder fazia, dos conhecimentos que o Mussa tinha. Não me lembro de nenhuma iniciativa que um ou outro tenha tomado para ser igual. Eles eram concorrentes, mas não havia nenhuma intenção de copiar um ao outro.

Sharon – Podemos dizer, então, que não houve nenhum momento de ruptura significativa dentro da história do **Diário**?

Batista – Não. Pelo menos até quando estive lá, não houve nenhum momento em que disséssemos: “vamos parar, fazer um balanço”. Procurávamos sempre manter uma linha apresentável.

Sharon – Por que o nascimento do **O Estado** foi considerado uma mudança na imprensa paranaense?

Batista – Porque ele foi fundado, em 1951, para apoiar o governador Bento Munhoz da Rocha Neto, contrapondo-se à **Gazeta do Povo** e ao **O Dia**, que pertenciam ao então governador Moysés Lupion. Sendo esses dois últimos órgãos políticos, não tinham aquela “vontade” de fazer um jornal de alta apresentação, para vender mais, etc, eles davam o recado político. Não que fossem péssimos jornais, mas não tinham essa preocupação. **O Estado** teve uma preocupação maior, porque estava iniciando, mas também fazia uso, na primeira página, de matérias do exterior.